

## **Adaptação das Crianças ao Contexto da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

**Relatório de Estágio para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar  
e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

**Vanessa Cristina Rodrigues Costa**

**Orientadora:**

**Isabel Piscalho**

**2020, março**

*“Uma criança, um professor, uma caneta e um livro podem mudar o mundo.  
Educação é a única solução”*

Malala Yousafzai

## **Agradecimentos**

Não há palavras que agradeçam a cada pessoa que me apoiou, me incentivou e que caminhou ao meu lado, ao longo deste percurso.

Primeiramente, quero agradecer aos docentes da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém que, ao longo de cinco anos, me acompanharam e partilharam o seu conhecimento e os seus saberes.

Agradeço à minha orientadora, a Professora Isabel Piscalho, por toda a disponibilidade, dedicação, palavras de encorajamento, motivação e partilha.

A todas as educadoras e professoras cooperantes, crianças e encarregados de educação um agradecimento por ter sido bem recebida, pelas aprendizagens enriquecedoras que partilhámos e também pela colaboração e contributo neste trabalho de pesquisa.

Aos meus pais por me terem dado a melhor educação e transmitirem os melhores valores, pelo apoio incondicional, por me acompanharem em todos os momentos, pelas palavras de conforto e acima de tudo por acreditarem em mim. Só assim seria possível concluir este processo de cinco anos. À minha avó materna, pelo apoio e por me acompanhar em todas as ocasiões especiais.

Não poderia deixar de agradecer ao meu namorado que me manteve forte e sem desistir, por todo o apoio incondicional, pelo incentivo, principalmente pela paciência que teve comigo e pelo encorajamento ao longo destes anos.

Às verdadeiras amigadas que ganhei ao longo desta caminhada, que foram a família de Santarém: Bárbara Farinha, Inês Correia, Susana Silva, Elena Vrabie, Nádía Frazão e Inês Lourenço.

Por fim, um agradecimento especial, aos meus anjinhos que não tiveram oportunidade de vivenciar esta caminhada “fisicamente”, mas certamente a acompanharam. Espero que se orgulhem do caminho que percorri.

A todos, um grande e especial agradecimento!

## Resumo

O presente Relatório de Estágio reflete o trabalho e o percurso de aprendizagem que foi desenvolvido ao longo de dois anos no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém. Numa primeira parte deste documento é apresentada uma breve análise crítica das aprendizagens adquiridas ao longo da prática de ensino supervisionada, tal como as atividades realizadas no mesmo período. Numa segunda parte, é descrito o exercício investigativo realizado sobre a adaptação das crianças ao contexto da educação pré-escolar e do 1.º CEB. A realização desta pesquisa partiu das seguintes questões: como é que as crianças são (ou não) preparadas para a entrada num novo contexto educativo e, conseqüentemente, como estas se adaptam. Averiguámos, também, se existe cooperação entre pais/encarregados de educação e docentes para a preparação da adaptação das crianças ao contexto educativo. Tratou-se de um estudo de natureza qualitativa em que os objetivos foram: saber como educadores de infância e professores do 1.º CEB definem adaptação; conhecer a preparação que existe para a adaptação das crianças na educação pré-escolar, no 1.º CEB e no 2.º CEB; conhecer as estratégias utilizadas para a adaptação das crianças; conhecer as experiências vividas pelas crianças no primeiro dia do jardim de infância e no primeiro dia do 1.º CEB; conhecer as perspetivas dos encarregados de educação face à adaptação dos educandos ao contexto educativo. Foram, por isso, realizados: entrevistas semidiretivas a duas educadoras de infância e duas professoras do 1.º CEB; um *focus group* com oito crianças do 1.º CEB; entrevistas semidiretivas a quatro crianças do jardim de infância; inquéritos por questionário a doze encarregados de educação das crianças de jardim de infância e a dezasseis encarregados de educação das crianças de 1.º CEB. Com esta investigação foi possível compreender que a preparação da criança para o contexto educativo que irá frequentar pela primeira vez é realizada, essencialmente, no ambiente escolar, e poucos são os encarregados de educação que realizam uma preparação para a adaptação do seu educando, num contexto educativo. As estratégias utilizadas para coadjuvar a adaptação das crianças, por parte dos docentes, são normalmente eficazes, destacando como práticas educativas a preparação do ambiente educativo, tal como, a disposição cuidada, para tornar o ambiente educativo acolhedor e adequado ao processo de aprendizagem e a inclusão da família no processo de adaptação.

**Palavras-chave:** adaptação; educação pré-escolar; 1.º ciclo do ensino básico; papel do docente.

## **Abstract**

The present report reflects the work and learning pathways that were developed during two years of the Masters study in Preschool Education and Teaching 1st Cycle of Basic Education (CEB), at the School of Education Polytechnic Institute of Santarém. In the first part of this document, a brief critical analysis of the learning acquired during supervised teaching practice, as well as the activities carried out during the same period, is presented. A second part describes the investigative exercise carried out on the adaptation of the children to preschool and the 1st CEB. This research is based on the following questions: how are children prepared (or not) to enter a new educational context and, consequently, how do they adapt. In this regard, it is also necessary to verify whether there is cooperation between parents/guardians, educators and teachers in preparing children's adaptation to the educational context. This is a qualitative study in which the objectives were: to know how early childhood educators, 1st CEB teachers, define adaptation; to know the preparation that exists for the adaptation of children in preschool education, the 1st and 2nd CEB; to understand the strategies used for children's adaptation; to understand children's experiences on their first day of kindergarten and on the first day of the 1st CEB; to know the perspectives of the guardians regarding the adaptation of the students to the educational context. To achieve these aims, a focus group consisting of eight children from the 1st CEB, was set up, together with four existing kindergarten children. Semi-directional interviews with two childhood educators and two teachers from the 1st CEB were conducted, and a questionnaire survey of twelve parent's kindergarten children and sixteen primary school children was carried out. With this research, it was possible to determine the preparation of the child for the educational context that will attend for the first time is carried out, essentially, in the school environment, and few are the parents who prepare for the adaptation of their student, in a context educational. Strategies used to assist the adaptation of children by teachers, are effective, highlighting as educational practices the preparation of the educational environment, such as the careful disposition, to make the educational environment welcoming and appropriate to the learning process and inclusion of the family in the adaptation process.

**Keywords:** adaptation; preschool education; 1 st cycle of basic education; teacher's role.

## Índice

Introdução .....	10
Parte I – Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada.....	12
1. Apresentação dos estágios realizados .....	12
1.1. Prática de ensino supervisionada em Creche.....	12
1.2. Prática de ensino supervisionada em Jardim de Infância.....	17
1.3. Prática de ensino supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico .....	21
1.3.1. Estágio realizado com um grupo de crianças a frequentar o 1.º ano de escolaridade.....	22
1.3.2. Estágio realizado com um grupo de crianças a frequentar o 3.º ano de escolaridade.....	25
2. Percurso de desenvolvimento profissional .....	29
Parte II – Exercício Investigativo.....	33
1. Percurso de desenvolvimento investigativo.....	33
1.1. Pertinência do estudo.....	33
1.1.1. Questões.....	34
1.1.2. Objetivos .....	34
2. Revisão da Literatura.....	35
2.1. Adaptação .....	35
2.2. A importância da relação família e escola, na fase de adaptação .....	37
2.3. O papel do docente .....	39
2.3.1. Em contexto de educação pré-escolar .....	39
2.3.2. Em contexto 1.º Ciclo do Ensino Básico .....	40
3. Método.....	40
3.1. Tipo de estudo.....	40
3.2. Participantes.....	42
3.3. Técnicas de recolha e análise dos dados .....	44
4. Apresentação e análise dos resultados.....	46
5. Considerações finais .....	58
Reflexão final .....	60
Referências Bibliográficas .....	64
Anexos .....	67

## Índice de Figuras

<b>Figura 1.</b> Puzzles com peças complicadas.....	15
<b>Figura 2.</b> Puzzles com peças modificadas .....	15
<b>Figura 3.</b> Lagarta.....	16
<b>Figura 4.</b> Divulgação semanal.....	16
<b>Figura 5.</b> Divulgação final.....	17
<b>Figura 7.</b> Semear das plantas .....	20
<b>Figura 6.</b> Colocação de terra nos 'vasos'.....	20
<b>Figura 8.</b> Trabalhos de exploração e desenho .....	20
<b>Figura 9.</b> Exposição final, das atividades .....	21
<b>Figura 10.</b> Preenchimento da roda dos alimentos .....	24
<b>Figura 11.</b> Gincana desportiva .....	24
<b>Figura 12.</b> Quadrados da pasta de papel .....	24
<b>Figura 13.</b> Cartaz de exposição das atividades .....	25
<b>Figura 14.</b> Elaboração do cenário .....	27
<b>Figura 15.</b> Puzzle do sistema solar concluído .....	28

## Índice de Tabelas

<b>Tabela 1.</b> Síntese das questões de investigação com a recolha de dados .....	41
<b>Tabela 2.</b> Caracterização das entrevistadas - educadoras de infância .....	42
<b>Tabela 3.</b> Caracterização das entrevistadas - professoras do 1.º CEB.....	42
<b>Tabela 4.</b> Caracterização dos entrevistados - crianças do jardim de infância e do 1.º CEB .....	43
<b>Tabela 5.</b> Caracterização dos questionados - encarregados de educação das crianças de jardim de infância e do 1.º CEB.....	44
<b>Tabela 6.</b> Categorias e subcategorias da análise das entrevistas às Educadoras de Infância e Professoras de 1.º CEB.....	46
<b>Tabela 7.</b> Categoria e subcategorias da análise das entrevistas às crianças do jardim de infância e do 1.º CEB.....	51
<b>Tabela 8.</b> Tabela de categorias e subcategorias da análise aos inquéritos por questionário de encarregados de educação .....	53

## Índice de Gráficos

<b>Gráfico 1.</b> Respostas dos encarregados de educação de crianças do jardim de infância - "Em casa foi feita alguma preparação para a entrada no jardim de infância?" .....	53
<b>Gráfico 2.</b> Respostas dos encarregados de educação de crianças do jardim de infância - "Considera importante a cooperação entre encarregados de educação e educadores/as e/ou instituição para a adaptação ao jardim de infância, antes do início do ano letivo?" .....	55
<b>Gráfico 3.</b> Respostas dos encarregados de educação das crianças do 1.ºCEB - "Em casa foi feita alguma preparação para a entrada na escola primária?" .....	56
<b>Gráfico 4.</b> Respostas dos encarregados de educação de crianças de 1.º CEB - "Considera importante a cooperação entre encarregados de educação e professores/as e/ou instituição para a adaptação à escola primária, antes do início do ano letivo?" ...	57

## Índice de Siglas

ATL – Atividades de Tempos Livres

AEC – Atividades Extracurriculares

CAA – Centro de Apoio à Aprendizagem

CEB – Ciclo do Ensino Básico

EE – Educação Especial

NE – Necessidades Educativas

NEE – Necessidades Educativas Especiais

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PES – Prática de Ensino Supervisionada

TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação

UC – Unidade Curricular

## **Índice de Anexos**

**Anexo I** - guião de entrevista aplicado às crianças do pré-escolar e do 1.º CEB

**Anexo II** - guião de entrevista aplicado às Educadoras de Infância e às Professoras do 1.º CEB

**Anexo III** - consentimento das entrevistas às crianças do pré-escolar

**Anexo IV** - consentimento das entrevistas às crianças do 1.º CEB

**Anexo V** - consentimento das entrevistas às Educadoras de Infância e às Professoras do 1.º CEB

**Anexo VI** - questionário por inquérito a Encarregados de Educação das crianças do pré-escolar

**Anexo VII** - questionário por inquérito a Encarregados de Educação das crianças do 1.º CEB

**Anexo VIII** - transcrição das Entrevistas das crianças do pré-escolar e do 1.º CEB

**Anexo IX** - transcrição e análise das Entrevistas às Educadoras de Infância e às Professoras do 1.º CEB

## Introdução

Tendo por objetivo a obtenção de grau de mestre em educação Pré-Escolar e ensino 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém, foi elaborado o presente relatório de estágio que surge como parte integrante e complementar no âmbito da Unidade Curricular (UC) de Investigação na Prática de Ensino Supervisionada (PES) II.

O presente relatório documenta reflexivamente o percurso de desenvolvimento profissional ao longo de quatro estágios, bem como as aprendizagens adquiridas e as dificuldades superadas com a prática. Os estágios referidos foram realizados no distrito de Santarém, em contextos diferentes. O primeiro estágio foi realizado no contexto de creche, numa sala de 2 anos, o segundo estágio foi efetuado em jardim de infância, numa sala de 4 anos, o terceiro estágio aconteceu em contexto de 1.º CEB numa sala de 1.º ano de escolaridade e o último estágio, na mesma situação de 1.º CEB, foi feito numa sala de 3.º ano de escolaridade.

No que respeita à estrutura do relatório, este apresenta-se dividido em duas partes.

A primeira parte diz respeito à contextualização desenvolvida ao longo da PES na Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB, com os estágios acima referidos.

No que se refere à segunda parte, esta contempla o exercício investigativo realizado ao longo dos dois anos de mestrado e dos estágios realizados. Esta investigação surgiu a partir da prática pedagógica e dos dilemas vivenciados e visou estudar a adaptação das crianças ao contexto da Educação Pré-Escolar e do 1.º CEB. Com a investigação procurou-se responder a três questões essenciais “O que se entende por adaptação escolar?”, “Existe uma preparação para a adaptação das crianças entre os vários contextos educativos?” e “Que estratégias são utilizadas para preparar as crianças para a adaptação no pré-escolar e/ou no 1.º ciclo do ensino básico e/ou no 2.º ciclo do ensino básico?”. A motivação para a realização desta investigação surgiu no decorrer do estágio em creche, quando observei uma criança que entrou pela primeira vez para o contexto escolar e chorou durante todo o dia. Certamente que a boa adaptação da criança facilita também o processo de adaptação das próprias famílias.

Assim, a parte I contempla descrições e reflexões de modo a compreender a construção de aprendizagens aquando da PES. Nesta parte é possível observar-se a caracterização das instituições onde ocorreram os estágios; a caracterização das respetivas salas e dos respetivos grupos de crianças em cada contexto; os projetos implementados durante as intervenções; as atividades que correram bem e menos bem,

com a devida explicação; a avaliação; e o percurso de desenvolvimento profissional, que analisa o ponto de partida que causou o desenvolvimento da investigação realizada.

A parte II examina o percurso investigativo, onde primeiramente se indica a razão da investigação, com as devidas questões-orientadoras e os respetivos objetivos. Neste tópico ainda foi estudado o papel do educador de infância e do professor de 1.º CEB, dão-se a conhecer as perspetivas das educadoras de infância e das professoras de 1.º CEB, de encarregados de educação e das crianças no que respeita à adaptação e à preparação que é realizada para incursão da criança num novo contexto escolar. A opção de questionar encarregados de educação surgiu, para tentar dar resposta a questões que segundo Brazelton (2007, p.401), os encarregados de educação colocam a si próprios, tais como “A criança estará preparada? Já será capaz de se separar de casa? Estará apta a começar a aprender a este nível? Conseguirá fazê-lo em conjunto com outras crianças? Irá haver uma interferência de problemas de comportamento?”. Nesta parte são ainda apresentadas as opções metodológicas, explicitando a natureza da pesquisa, e explicando os instrumentos utilizados para recolha de informação para a investigação e ainda os participantes que contribuíram com a informação. Em modo de conclusão da investigação surgem as diferentes perspetivas das questões-orientadoras e dos objetivos, que foram investigados. Isto é, encontra-se a análise dos dados recolhidos, que possibilitou conhecer a perspetiva das educadoras de infância, das professoras de 1.º CEB, das crianças dos contextos de jardim de infância e de 1.º CEB e ainda a perspetiva de encarregados de educação.

No final do relatório, é apresentada uma reflexão, na qual é feita uma análise global sobre o percurso desenvolvido ao longo do mestrado.

## **Parte I – Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada**

### **1. Apresentação dos estágios realizados**

Nesta primeira parte, procederei à apresentação dos diferentes contextos nos quais realizei os estágios de PES, e onde emergiram questões e dilemas que me permitiram desenvolver o meu exercício investigativo.

Nesta parte irá constar a caracterização das instituições e das salas onde realizei os diferentes estágios, dos grupos de crianças que tive a oportunidade de acompanhar e concluirei com uma abordagem aos projetos desenvolvidos em cada contexto, destacando duas atividades por cada estágio e uma avaliação geral do projeto, bem como a divulgação do mesmo.

Ao longo desta descrição, os estágios irão constar por ordem: tendo como primeira referência o contexto de creche realizado numa sala de dois anos, nos meses de dezembro de 2017 e janeiro de 2018; o segundo estágio foi em contexto de jardim de infância numa sala de quatro anos, ocorrido nos meses de abril e maio de 2018; o terceiro estágio foi em contexto de 1.º CEB numa sala de 1.º ano de escolaridade, durante os meses de novembro de 2018 e janeiro de 2019; e, por fim, em contexto também de 1.º CEB numa sala de 3.º ano de escolaridade, durante os meses de abril e maio de 2019.

#### **1.1. Prática de ensino supervisionada em Creche**

O primeiro estágio foi realizado em contexto de creche, numa instituição de solidariedade social sem fins lucrativos de prestação de serviços às famílias da localidade, com fins educacionais, sociais e promocionais da pessoa humana.

Esta instituição era composta por cinco valências, sendo elas, centro de dia, apoio domiciliário, atividades de tempos livres (ATL), jardim de infância e creche. Dentro do mesmo edifício, apenas estão suportadas as três valências que dizem respeito ao cariz juvenil.

O edifício que suportava as valências de carácter juvenil, era o edifício principal, composto por três alas, a ala direita era composta por três salas, a sala dos 4 aos 12 meses (berçário), a sala de 1 ano e a sala de 2 anos, uma casa de banho com acesso ao pátio exterior e uma pequena copa, onde eram preparadas as refeições das crianças do berçário. A ala esquerda era composta pela sala familiar (onde englobava crianças de 1 e 2 anos e na qual era realizado o acolhimento de todas as crianças da creche com

idades superiores aos 12 meses), uma casa de banho, uma sala de vestuário, uma sala polivalente (onde eram realizadas as atividades de música e ioga e onde proporcionavam momentos televisivos às crianças) e uma porta de acesso ao pátio coberto. A ala da frente esquerda, é composta por um corredor, onde se situava o refeitório e por um salão polivalente em frente às três salas da valência de jardim de infância, onde as crianças de 2 anos realizavam a atividade de expressão física-motora.

No que respeita ao pátio coberto, este continha triciclos e bolas, para proporcionar momentos de brincadeira às crianças. O pátio exterior, tinha uma dimensão maior, continha um coreto, no qual as crianças não brincavam, alguns baloiços e um escorrega, uma casa de madeira, um comboio de madeira, tudo inserido numa grande caixa de areia e uma pequena piscina, que apenas era utilizada no verão. Estes recursos proporcionavam às crianças a manipulação e exploração dos mesmos, ajudando no desenvolvimento da sua capacidade de criatividade e imaginação. Ambos os pátios estavam vedados por uma rede.

No que se refere ao grupo de crianças com que estagiei, o grupo era composto por dezoito crianças, nas quatro primeiras semanas de estágio eram sete crianças do sexo feminino e onze crianças do sexo masculino, nas duas últimas semanas de estágio eram oito crianças do sexo feminino e dez crianças do sexo masculino, com idades compreendidas entre o um ano e os dois anos.

Havia crianças com diferentes níveis de idade, isto é, a criança mais nova em comparação com a criança mais velha tinha cerca de onze meses de diferença. Tendo em conta esta observação, as atividades que eu e o meu par propusemos realizar, eram atividades em que todas as crianças participassem, mesmo sendo visíveis níveis de trabalho e ritmos de trabalho com bastante diferenças. As crianças mais novas, de um modo geral necessitavam de uma maior atenção por parte do adulto e de alguma ajuda, que foi dada não só pelo adulto, mas também pelas crianças mais velhas.

Esta diferença era visível na participação do grupo, pois as crianças mais velhas eram mais ativas e mais participativas, no entanto, eu e o meu par tivemos em atenção chamar as crianças mais novas a participar e a sentirem-se enquadradas no que estava a ser realizado.

Este grupo apresentava competências já adquiridas e a nível da área de desenvolvimento pessoal e social, o grupo de modo geral demonstrava autoconhecimento, competências sociais e interpessoais, conseguia manter o seu comportamento adequado ao local onde estava inserido e demonstrou aumentar o nível de comunicação com os outros ou no uso da linguagem.

De modo geral, o grupo sempre se mostrou interessado nas atividades realizadas, motivado e curioso sobre o tema que foi proposto desenvolver.

No que diz respeito à adaptação, à exceção da criança que entrou nas duas últimas semanas de estágio, todas as outras estavam inseridas em contexto escolar desde o berçário.

Caracterizando o ambiente educativo, a sala onde realizei o estágio era a sala dos 2 anos ou a sala dos “patos”. Esta encontrava-se dividida por áreas, a área do tapete era composta por um tapete e por almofadas individuais pertencentes a cada criança, neste espaço também estava afixado o calendário dos aniversários. A área da leitura, que era composta apenas por um móvel com livros, pertencentes à instituição e outros trazidos pela educadora ou pelas próprias crianças, este encontrava-se junto à área do tapete.

A área da casinha encontrava-se junto a uma das janelas da sala, nesta área as crianças tinham maior inclinação para imitar ações que viam em casa. Esta área ajudava na promoção do jogo simbólico, da imaginação/imitação e da criatividade de cada criança, sendo que nesta área as crianças já conseguiam brincar em conjunto, embora durante um curto período de tempo. Na parede desta área existia um *placard*, onde eram afixados trabalhos elaborados pelas crianças.

A sala continha ainda a área dos jogos de mesa e da pintura, onde eram realizados também os trabalhos individuais.

No que respeita à higiene, na sala, em frente ao tapete, existia uma bancada muda fraldas e armários onde se guardavam os pertencentes higiénicos das crianças que necessitavam.

Observou-se que as áreas de maior destaque eram a da casinha e dos jogos de mesa, no que respeitava às crianças mais novas, as crianças mais velhas interessavam-se pelas mesmas áreas e ainda pela área da leitura. No entanto, nós tentávamos com que as crianças mais novas também se interessassem pelos livros e que nos contassem as histórias partindo das imagens.

A educadora expunha primeiramente os trabalhos num *placard* fora da sala para os pais/familiares verem e depois dentro da sala para as crianças, isto porque os pais/familiares não entravam na sala, por regra da instituição.

Durante a nossa semana de observação, a educadora cooperante não esteve presente, apenas estava a auxiliar de educação.

Na semana de observação e intervenção partilhada, o projeto educativo da instituição e da sala, tinha como tema “Os animais”, pudemos observar o projeto para ver quais os objetivos que eram pretendidos serem trabalhados. Em conjunto com a educadora cooperante conversámos sobre quais os objetivos que já tinham sido adquiridos, o que estavam em aquisição e os que ainda não estavam adquiridos, de

modo a organizarmos o nosso projeto e garantindo a continuidade do que estava a ser trabalhado pela educadora.

Durante a segunda semana de observação e intervenção partilhada, decidimos que manteríamos o tema dos animais, contudo acrescentaríamos a exploração das histórias, segundo Fernando (2007) na tese de mestrado de Sónia Monteiro, as histórias desenvolvem “a estrutura da língua escrita, (...) a organização do material impresso, (...) [desenvolvem] o vocabulário, capacidades de (...) atenção e concentração e [melhoram também a sua capacidade de interação] com os adultos e pares”. Tendo em conta a observação realizada, no que respeita ao trabalho da educadora, decidimos dar continuidade ao seu trabalho e tentámos utilizar a mesma dinâmica, mostrando no final de cada semana a planificação da semana seguinte, de modo a recebermos *feedback* por parte da educadora.

O nosso projeto de estágio “A magia das histórias” em articulação com os animais, pretendia que as crianças, no final do estágio, conseguissem: comunicar através das histórias; identificar as personagens das histórias; identificar os animais da selva e os animais da quinta; identificar as personagens de outras histórias (já conhecidas pelas crianças); conhecer novas histórias e ainda obter novos conhecimentos (essencialmente sobre os animais).

Destaco como uma das atividades que não correu tão bem, a realização de *puzzles*. Estes tinham muitas peças e cortadas com formas diferentes e complicadas para as crianças desta idade (fig. 1).



**Figura 1.** Puzzles com peças complicadas

O facto desta atividade não ter corrido tão bem, não significou que esta ficou por fazer. Pois através do *feedback* que a educadora nos deu, melhorámos os *puzzles*, de modo a que as crianças os realizassem (fig. 2) e para nós, enquanto futuras educadoras, foi uma aprendizagem realizada.



**Figura 2.** Puzzles com peças modificadas



**Figura 3.** Lagarta

contagem dos animais, na área do português, com as crianças a verbalizarem o nome dos animais e questionando ainda, onde é que estes habitavam, consequentemente, a área do estudo do meio.

No que respeita à avaliação final do decorrer do estágio e do projeto implementado, foi notório que as crianças superaram as expectativas e através das atividades implementadas, os objetivos foram cumpridos.

A interpretação das histórias foi um dos motivos pelo qual alguns objetivos foram cumpridos, uma vez que, segundo Couto (citado por Monteiro, 2016) “em voz alta, de forma expressiva, clarificadora, descodificadora e interpretativa (...) criando atmosferas vocálicas, incarnando a voz e o papel das diferentes personagens.”, são das principais razões para que as histórias sejam cativantes e bem interpretadas pelo ouvinte.

No final do estágio, as crianças sabiam identificar personagens das histórias, os animais da selva e da quinta (inclusive com a ajuda de músicas, que depois quando estavam em momentos de brincadeira livre, havia crianças que estavam a cantar pequenos excertos das músicas) e conheceram novas histórias, algumas delas relacionadas com histórias já conhecidas por elas e identificadas pelas mesmas.

A divulgação das atividades semanais foi realizada tendo por base a exposição de fotografias de cada atividade (fig. 4). A divulgação final do projeto incidiu na exposição fotográfica de todas as atividades realizadas ao longo do período de estágio (fig. 5). Ambas as divulgações ocorreram num *placard* do lado exterior da sala.



**Figura 4.** Divulgação semanal



Figura 5. Divulgação final

## 1.2. Prática de ensino supervisionada em Jardim de Infância

O segundo estágio decorreu em contexto de jardim de infância, numa instituição que se encontrava a funcionar desde 1985, situada na cidade de Santarém.

Esta instituição era composta por duas valências, sendo elas, creche e jardim de infância. A instituição respeita a qualidade pedagógica, uma vez que oferece uma variedade de equipamentos e de espaços e ambientes, criados de raiz e tendo como principal pensamento o crescimento saudável e harmonioso de todas as crianças.

A instituição era composta por duas alas, a ala esquerda era composta pelas três salas de creche, a sala dos 3 aos 12 meses (berçário), a sala de 1 ano e a sala de 2 anos. A ala direita era composta pelas três salas de jardim de infância, a sala dos 3 anos, a sala dos 4 anos e a sala dos 5 anos, cada sala tinha uma casa de banho e uma porta de acesso ao pátio exterior. Cada sala é diferenciada não só pela idade, mas também pela cor dos bibes das crianças. Entre as duas alas existe um refeitório comum a todas as crianças pertencente à valência de jardim de infância.

O pátio exterior, tinha uma dimensão espaçosa, continha uma pequena piscina, que apenas era utilizada no verão, e espaços com brinquedos adequados às diferentes faixas etárias.

No que se refere ao grupo de crianças com que estagiei, o grupo era composto por dezoito crianças nas cinco primeiras semanas de estágio, eram onze crianças do sexo feminino e sete crianças do sexo masculino. Na última semana de estágio entrou uma criança do sexo masculino, pela primeira vez para uma instituição portuguesa.

Todas as crianças tinham idades compreendidas entre os quatro e os cinco anos de idade. Neste grupo existiam três crianças referenciadas com NE (Necessidades Educativas), acompanhadas por uma educadora de intervenção precoce, cerca de 30 minutos por semana, duas das crianças tinham alteração cromossómica e a outra

criança tinha paralisia cerebral. Esta última criança tinha dificuldade a nível motor e uma manhã por semana tem fisioterapia na instituição com uma professora externa.

O grupo apresentava competências já adquiridas, tais como a autonomia, à exceção de quando é necessário limpar após realização de necessidades fisiológicas. As competências em aquisição por parte de alguma(s) criança(s), são a nível de construção frásica, pois não utilizavam o tempo verbal correto; são a nível da articulação frásica; são a nível cognitivo, uma criança demonstrava algumas dificuldades; e são a nível do comportamento, pois há crianças que não conseguiam ter um comportamento adequado ao local onde estavam.

Este grupo era bastante curioso em obter novos conhecimentos e interessavam-se bastante pela natureza.

No que diz respeito à adaptação, todas as crianças estavam inseridas em contexto escolar desde a creche, à exceção da criança que entrou na última semana, contudo, esta adaptou-se bastante bem, e as restantes crianças integraram-no bastante bem, quer na sala e nas suas regras, quer na instituição.

Caraterizando o ambiente educativo, a sala onde realizei o meu estágio era a sala dos 4 anos, a sala do bibe verde. A sala dispunha de muita luz natural e encontrava-se dividida por áreas. Cada área estava identificada com o número de crianças que podiam estar em conjunto naquela área e o respetivo nome.

A área do tapete, era composta por um tapete de borracha e com as diferentes letras do alfabeto. Neste espaço também estava afixado o mapa das presenças, o quadro do tempo, o quadro do responsável do dia e o quadro do comportamento. A área da leitura, era composta apenas por um móvel com livros, pertencentes à instituição e outros trazidos pela educadora, encontrava-se junto à área do tapete.

A área da casinha encontrava-se junto a uma das janelas da sala, nesta área as crianças tinham maior inclinação para imitar ações que viam em casa e era a área onde brincavam mais em conjunto, no entanto era a área onde se via maior dificuldade de arrumação.

A área das construções era junto há porta de acesso ao pátio exterior, existia um tapete onde podiam brincar com peças de madeira (construções), animais, carros e legos.

A área do computador, onde as crianças apenas iam na presença de um adulto e no computador as crianças escreviam ou desenhavam. Na parede junto ao computador existia um *placard* com as informações de cada criança.

A área da pintura, onde eram realizados também os trabalhos individuais. E a área dos jogos de mesa, onde estava uma estante com os jogos e uma estante com os

materiais de desenho/pintura. Nesta área estavam expostos os aniversários das crianças e um *placard* com trabalhos realizados pelas mesmas.

No que respeita à higiene, na sala existia uma casa de banho, com três sanitas, quatro lavatórios e respetivos espelhos, um poliban, um penico e uma bancada com o copo de cada criança. A sala continha ainda uma arrecadação, onde se encontravam materiais diversos.

Observou-se que as áreas de maior destaque eram a da casinha e das construções.

A educadora expunha os trabalhos num *placard* dentro da sala para as crianças verem e posteriormente os seus pais/familiares, sendo que esta fazia sempre referência aos pais/familiares quando existia algum trabalho novo exposto.

Na semana de observação e intervenção partilhada observámos o projeto educativo da instituição, “Educar para Saber Sorrir”, e o projeto da sala, “Aprender a Aprender”. Observámos os projetos para ver quais os objetivos que eram pretendidos serem trabalhados pela educadora e quais faltavam ser abordados.

Em conjunto com a educadora conversámos sobre quais os objetivos que já tinham sido adquiridos, os que estavam em aquisição e os não adquiridos, de modo a organizarmos o nosso projeto e garantindo a continuidade do que estava a ser trabalhado pela educadora e o que ainda faltava abordar. Decidimos que como se aproximava o Dia da Mãe e iria ser abordado pela educadora, nós colaborámos, com a leitura de uma história relativa ao dia em questão.

Na segunda semana de observação e intervenção partilhada, ajudámos a educadora a dar finalidade ao trabalho que esta estava a realizar com as crianças e uma vez que a aula de educação física era feita pela educadora, decidimos explorar algumas competências que faltavam ser adquiridas pelas crianças. Tendo em conta a observação realizada nas três primeiras semanas, no que respeita ao trabalho da educadora, decidimos ter em consideração o que esta pretendia abordar com as crianças, mostrando no final de cada semana a planificação da semana seguinte, de modo a recebermos *feedback* por parte da educadora, que por sua vez nos ajudou sempre na realização da mesma.

O nosso projeto de estágio “À Descoberta da Natureza” rege-se essencialmente tendo por base a área do Conhecimento do Mundo, pois esta, segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) “*enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender o porquê. (...) A criança deve ser encorajada a construir as suas teorias e conhecimento acerca do mundo que a rodeia*” (p. 85, 2016).

O nosso projeto tinha como objetivos, destinados a serem cumpridos pelas crianças até ao final do estágio: acrescentar novos conceitos; interpretar resultados da pesquisa; pesquisar sobre características dos animais; proporcionar a utilização de novos instrumentos de exploração; proporcionar momentos de exploração da natureza; utilizar materiais recicláveis, dando continuidade ao tema da reciclagem e reutilização; viver novas experiências.

Relativamente às atividades realizadas no decorrer do estágio, há a destacar positivamente o facto de ser possível semear, “flores para rocallas” e “flores vivaces”, utilizando garrações para tal, o que segundo algumas crianças “é reutilizar”. Esta atividade foi proporcionada ao ar livre e foram as crianças que semearam as plantas



**Figura 7.** Colocação de terra nos 'vasos'

(fig. 6 e fig.7), sendo-nos dado um *feedback* positivo, tanto pela educadora como pelas crianças.



**Figura 6.** Semear das plantas

No entanto, há a destacar como atividade que não correu tão bem foi a observação de elementos da natureza, uma vez que o material utilizado foi igual por todas as crianças, e os elementos que estas observaram, foram praticamente todas iguais (fig. 8). Tendo em conta o local exterior a que estávamos limitadas a ir com as crianças buscar elementos da natureza, o que dificultou o nosso trabalho, pois no fim foi pedido a cada criança que apresentasse o elemento da natureza que foi recolher e observar, o que prejudicou a concentração das crianças, uma vez que era muito repetitivo.



**Figura 8.** Trabalhos de exploração e desenho

No final do decorrer do estágio e do projeto implementado, considerámos que o nosso trabalho foi realizado com sucesso, conseguindo que as crianças expandissem o seu conhecimento e a sua compreensão do mundo físico e natural que as rodeia. Foi notório essa expansão e compreensão, uma vez que as crianças queriam saber mais e se empenhavam com as atividades acerca das ciências. Segundo Reis (2008), as crianças são cientistas activos que procuram, constantemente, satisfazer a sua insaciável curiosidade sobre o mundo que as rodeia”.

Os objetivos foram todos atingidos pelas crianças, destacando o trabalho de pesquisa sobre as características dos animais, proporcionar a utilização de novos

instrumentos de exploração, proporcionar momentos de exploração da natureza e utilizar materiais recicláveis, dando continuidade ao tema da reciclagem e da reutilização, os objetivos que foram cumpridos com maior precisão e satisfação na realização das atividades, pelas crianças.

Como modo de divulgação das atividades semanais, os resultados finais eram afixados na sala no *placard* “Os nossos trabalhos” (fig. 8) e para que os familiares também pudessem ver um pouco do que foi realizado durante a nossa prática, no *placard* exterior da sala, colocou-se fotografias do decorrer das diversas semanas e das diversas atividades (fig. 9).



Figura 9. Exposição final, das atividades

### 1.3. Prática de ensino supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico

O terceiro e quarto estágios foram realizados em contexto de 1.º CEB, numa instituição que foi adaptada para uma escola de 1.º CEB há cerca de seis anos, tendo sido modificados os seus espaços, de modo a ser mais acolhedora e agradável. Professores e pais, ajudaram a modificar a escola, através de pinturas nas portas e nos espaços exteriores, pois anteriormente era uma escola de 2.º e 3.º CEB.

Esta instituição pertence à rede pública do ensino oficial, dependendo pedagogicamente do Ministério da Educação. Quanto à sua tutela técnica, também está a cargo do Ministério da Educação.

No presente ano letivo, encontravam-se a frequentar esta escola 320 crianças. Estas crianças estavam-se distribuídas por quinze turmas, sendo elas três do 1.º ano de escolaridade, três do 2.º ano de escolaridade, quatro do 3.º ano de escolaridade, quatro do 4.º ano de escolaridade e uma de 3.º e 4.º anos de escolaridade, sendo que uma das turmas de 3.º ano de escolaridade tem uma criança a realizar trabalho de 2.º ano de escolaridade.

No que diz respeito ao pessoal docente a trabalhar nesta escola, havia quinze docentes titulares de turma, quatro docentes de educação especial e três docentes de apoio socio educativo. Existindo ainda quatro técnicos especializados, distribuídos por um psicólogo, dois terapeutas da fala e um terapeuta ocupacional.

Relativamente ao pessoal não docente desta instituição fazem parte dez operacionais, sendo eles oito assistentes operacionais e dois porteiros responsáveis pelas entradas e saídas dos alunos na instituição. É também pertinente dizer que são

estas oito assistentes operacionais que efetuavam os trabalhos de limpeza da instituição.

A escola era constituída por três blocos, o primeiro bloco constituído pelo refeitório dos alunos. O segundo bloco constituído por dois pisos, no piso de rés-do-chão, havia uma reprografia, uma sala de professores com uma sala de refeições, uma sala de Centro de Apoio à Aprendizagem (CAA), duas arrecadações, sanitários dos alunos e sanitários do pessoal docente e não docente, uma sala do pessoal não docente e cinco salas de aulas. No primeiro piso existia, uma biblioteca escolar, dez salas de aulas, uma sala de apoio escolar, uma sala da coordenadora e uma arrecadação. O terceiro bloco era um pavilhão pré-fabricado, que atualmente servia como salas de arrumos e uma das salas era utilizada para atividades extracurriculares (AEC).

O espaço exterior era amplo e rodeava todo o segundo bloco. Este era todo vedado com rede. Ao longo deste espaço, podia observar-se jogos desenhados/pintados no chão, para que as crianças da escola pudessem brincar e ter momentos de brincadeira lúdicos e ao ar livre, sem necessitar de objetos. Ainda neste espaço havia um campo de futebol, dois terraços e um espaço para realizar salto em comprimento.

### **1.3.1. Estágio realizado com um grupo de crianças a frequentar o 1.º ano de escolaridade**

No que se refere ao grupo de crianças com que estagiei, era um grupo de 1.º ano de escolaridade, composto por vinte e quatro crianças, onze raparigas e treze rapazes, com idades compreendidas entre os cinco e os sete anos de idade. Foi possível observar que todas as crianças estavam bem integradas quer na instituição quer na turma, é importante salientar que uma das crianças tinha acompanhamento na terapia da fala, cinco crianças eram acompanhadas pela professora de apoio pedagógico, essencialmente ao nível do português e ainda existia uma criança referenciada para o psicólogo e para ser acompanhada pelo terapeuta da fala.

A turma era bastante autónoma, responsável pelas suas coisas, tinham um comportamento adequado à sala de aula, no entanto, ainda não tinham a capacidade de concentração totalmente adquirida.

De modo geral, o grupo sempre se mostrou interessado nas atividades realizadas, motivado e curioso sobre o tema que foi proposto desenvolver, sendo ainda um grupo bastante participativo, no que respeita às atividades mais lúdicas e com uma grande capacidade de compreensão, no que respeita aos novos conteúdos que foram abordados ao longo do período de estágio.

No que diz respeito à adaptação, apesar de todas as crianças se apresentarem bem, existiam duas crianças que em termos de adaptação ainda apresentavam algumas lacunas, uma quando era pedido um trabalho no qual esta apresentava alguma dificuldade, chorava porque tinha saudades de alguém (figuras de vinculação). Uma outra criança, ainda era muito “bebê”, segundo a professora, pois não conseguia ter um comportamento adequado à sala de aula, isto no sentido de estar constantemente mal sentada, a deitar-se na cadeira, virada para trás e constantemente a conversar.

Caraterizando o ambiente educativo, a sala onde realizei o meu estágio era do 1.º ano de escolaridade. A sala era bastante ampla e luminosa, contendo mesas de dois lugares com uma prateleira por baixo, utilizada para guardar os manuais e cadernos. Existia uma mesa para a professora com um computador e duas mesas de apoio, uma com recursos/materiais da professora e uma outra mesa, com materiais manipuláveis, para utilização das crianças.

A sala continha cabides, para uso das crianças, quatro armários de apoio, onde estavam guardados materiais escolares das crianças e materiais de apoio da professora. Para lecionar as aulas a professora podia utilizar ou o quadro interativo ou o quadro magnético de canetas, ou ambos, tendo em conta que estavam lado a lado e era de fácil observação por parte das crianças.

Ao longo da sala de aula existiam quadros de cortiça, onde a professora expunha pósteres com a matéria lecionada e trabalhos realizados pelas crianças, existia também um fio de uma ponta a outra da sala, em diagonal, com *clips*, para pendurar eventuais trabalhos das crianças, que não fosse possível expor nos quadros destinados a tal.

Durante a nossa semana de observação, a professora cooperante, logo no primeiro dia, pediu a nossa colaboração, para realizar uma atividade prática a pares. Sendo que era a primeira vez que as crianças assim iriam trabalhar. É de destacar que é um aspeto bastante positivo, pois valorizou a nossa presença e a nossa ajuda. Ao longo desta semana, foi-nos possível circular pela sala, para ver as facilidades e as dificuldades das crianças e ajudá-las se necessário.

Na semana de observação e intervenção partilhada, pudemos observar o projeto curricular de turma para ver quais os objetivos que eram pretendidos serem trabalhados, uma vez que não tivemos acesso ao projeto curricular da escola. Em conjunto com a professora conversámos sobre quais os objetivos que já tinham sido adquiridos, os que estavam em aquisição e os que ainda não estavam adquiridos, de modo a organizarmos o nosso projeto e garantindo a continuidade do que estava a ser trabalhado pela professora, no entanto, o projeto curricular de turma, apenas abordava o tema “a alimentação saudável” e nós considerámos pertinente trabalhar “a saúde do nosso planeta”.

O nosso projeto de estágio “A saúde do nosso corpo e do nosso planeta”, é um tema que se rege essencialmente na área do Estudo do Meio, no entanto era aplicado maioritariamente nas áreas das Expressões Artísticas e de Oferta Complementar. Segundo Alexandre, D. (2018-2019) “a promoção da educação para a saúde na escola tem, também como missão criar ambientes facilitadores dessas escolhas e estimular o espírito crítico para o exercício de uma cidadania ativa.”

O nosso projeto de estágio tinha como objetivos a serem cumpridos pelas crianças, até final da nossa prática: definir alimentação saudável; recordar a roda dos alimentos; diferenciar frutas, verduras e legumes; destacar que o lixo produzido provém do que consumimos; compreender “boas” práticas alimentares e do exercício físico; definir e explicar o conceito de reciclagem; incentivar à reciclagem.

Ao longo da nossa prática, há a destacar que uma das atividades que correu melhor, foi o preenchimento da roda dos alimentos (fig.10), fazendo interdisciplinaridade com a área da expressão físico-motora (fig.11).



**Figura 11.** Gincana desportiva



**Figura 10.** Preenchimento da roda dos alimentos

A atividade que não decorreu como esperado, foi a criação de pasta de papel. Colocámos as crianças a rasgar papel, o que correu bastante bem, explicámos e demonstrámos como reciclar o papel, criando pasta de papel e cada criança fez o seu quadrado de pasta de papel (fig. 12) para depois poder levar para casa, no entanto a pasta de papel não secou dentro do que tínhamos previsto.

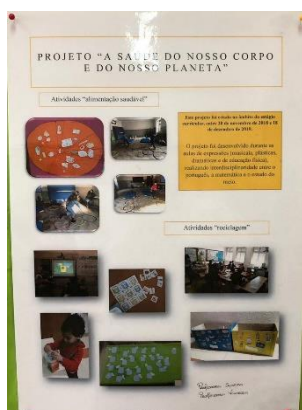


**Figura 12.** Quadrados da pasta de papel

Após a realização de todas as atividades incorporadas no projeto implementado, conseguimos ter um resultado bastante positivo, uma vez que, a área da saúde foi bastante debatida, tanto a saúde que segundo a Organização Mundial de Saúde se define como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades”. Tanto a saúde ambiental, que segundo Gadotti

(citado por Almeida, 2016, p.23), “trata-se de uma mudança radical de mentalidade em relação a qualidade de vida, que está diretamente ligada ao tipo de convivência que mantemos com a natureza e que implica atitudes, valores e ações”. Já no que respeita à educação alimentar, o mesmo autor afirma que “trata-se de uma opção de vida por uma relação saudável e equilibrada, com contexto, com os outros, com o ambiente mais próximo, a começar pelo ambiente de trabalho e doméstico”.

Com a implementação das diversas atividades, com as aulas de Educação Física em conjunto com diversas questões realizadas no fim de cada percurso físico, conseguimos atingir objetivos como recordar a roda dos alimentos, compreender a importância do exercício físico. Com a realização de ecopontos para colocar na sala, foram atingidos objetivos como definir e explicar o conceito de reciclagem, incentivar à reciclagem, destacar que o lixo produzido provém do que consumimos.



**Figura 13.** Cartaz de exposição das atividades

Para que os familiares tivessem conhecimento do projeto implementado e das atividades realizadas durante o nosso período de prática supervisionada, foi enviado para casa um cartaz com as referidas informações, e colocado ainda no *placard* da sala (fig. 13). Este cartaz foi realizado com a ajuda das crianças, no sentido em que mostrámos previamente diversas fotografias e estes indicaram as diversas atividades segundo dois temas “alimentação saudável” e “reciclagem”.

### **1.3.2. Estágio realizado com um grupo de crianças a frequentar o 3.º ano de escolaridade**

No que se refere ao grupo de crianças com que estagiei, era um grupo de 3.º ano de escolaridade, constituído por dezoito crianças, sendo dividido por sete raparigas e onze rapazes. Este grupo tem idades compreendidas entre os oito e os dez anos. O grupo tem redução de elementos, pois existiam três crianças com Necessidades Educativas Especiais.

O grupo de crianças era bastante interessado, curioso e demonstrava motivação nas diversas atividades que realizava. É de salientar que esta turma era bastante autónoma, responsável pelas próprias coisas, demonstravam um comportamento adequado à sala de aula, no entanto havia crianças que não desenvolveram na sua totalidade, a capacidade de concentração.

Na sua maioria a turma era participativa e compreendia com alguma facilidade os novos conteúdos de aprendizagem, sendo que quando não entendiam algo indicavam. As crianças ajudavam-se mutuamente sem que fosse necessário pedir, cooperavam bastante entre todos.

As NEE contidas neste grupo de crianças eram uma criança com Perturbação Específica da Aprendizagem da Leitura e da Escrita (Dislexia), abrangida pelo Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho, artigo 8.º, isto é, as medidas universais. Tendo em conta o Committee on Dyslexia of the Health Council of the Netherlands, (citado por Moura, 2019) este indica que “a Dislexia está presente quando a automatização da identificação das palavras (leitura) e/ou da escrita de palavras não se desenvolve, ou se desenvolve de uma forma muito incompleta, ou com grande dificuldade”.

No que respeita às outras NEE, são necessidades profundas, uma criança estava a realizar trabalho de 2.º ano de escolaridade e outra criança tinha uma necessidade ainda não diagnosticada, mas com problemas a nível cognitivo da fala. Estas duas crianças encontravam-se abrangidas segundo o Decreto-Lei n.º 54/2018 de 26 de abril, artigo 9.º, isto é, necessidades seletivas.

A criança com dislexia era acompanhada por uma professora que se desloca à sala duas vezes por semana e tinha terapia da fala, uma vez por semana.

A criança que realiza trabalho de 2.º ano de escolaridade era acompanhada por uma auxiliar da Educação Especial (EE) que se deslocava à sala para lhe dar apoio na realização de atividades a ela dirigidas.

Esta criança e a criança com necessidade profunda não diagnosticada tinham terapia ocupacional e terapia da fala, duas vezes por semana.

Caraterizando o ambiente educativo, a sala onde realizei o meu estágio, situava-se no piso superior (1.º andar) do edifício, era uma sala ampla, com uma excelente luminosidade, pois uma das paredes era repleta de janelas.

Quanto à disposição das mesas, ao longo da nossa prática de ensino supervisionada, encontravam-se por filas, a mesa da professora situava-se junto às crianças com NE, de modo a que esta conseguisse prestar um maior apoio a estas crianças. A criança que realizava trabalho totalmente específico e diferenciado da restante turma encontrava-se de costas para o quadro, uma vez que todo o seu trabalho estava no seu caderno.

A sala dispunha de dois quadros, um quadro interativo com ligação ao computador disponível numa das mesas de apoio e tinha um quadro de canetas, armários para arrumos, de mesas de apoio e os diversos trabalhos manuais realizados pelos alunos, dispostos nas paredes.

Durante a nossa semana de observação, houve um feriado durante a semana e um dia em que a professora cooperante faltou, como tal, apenas observámos dois dias. Tendo uma turma com NE, acho que a semana de observação foi bastante curta, como tal, a semana seguinte de observação e intervenção partilhada, apenas intervimos uma vez, pois nesta mesma semana também tinha existido um feriado.

A atividade que realizámos com o grupo de crianças foi, por sugestão da professora cooperante, a nível do Português. Nessa atividade, tivemos a oportunidade de incluir as duas crianças com NE mais significativas, o que foi uma aprendizagem para nós, pois houve a necessidade de adaptar a atividade para outras duas atividades, isto é, para cada uma das crianças com NE.

O nosso projeto de estágio “O sistema solar” era um tema que se regia essencialmente na área do Estudo do Meio, no entanto era aplicado também nas áreas das Expressões Artísticas, de Oferta Complementar (TIC) e de Português. Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais (p. 75) “o conhecimento do meio abarca a todos os níveis do conhecimento humano: desde a experiência sensorial direta até aos conceitos mais abstratos; desde a comprovação pessoal até ao conhecido através do testemunho, da informação e do ensino de outros; desde a apreensão global do Meio até à captação analítica dos diversos elementos que o integram”.

O nosso projeto de estágio tinha como objetivos a serem cumpridos pelas crianças, até final da nossa prática: definir o que são os astros; conhecer os astros; diferenciar planetas, estrelas e cometas; e conhecer os oito planetas do sistema solar, a lua e o sol.

Ao longo da nossa prática de ensino destacasse uma atividade que não correu como era esperado. Essa atividade foi a elaboração de um cenário, tendo por base o texto “Uma aventura espacial” (fig.14).

No decorrer desta atividade o que não correu tão bem, foi a organização da elaboração do cenário, uma vez que era uma atividade prática,



**Figura 14.** Elaboração do cenário

todas as crianças queriam participar, no entanto, inicialmente foram organizados por filas para colocarem os elementos da natureza que tinham recolhido, até este ponto resultou bem, também resultou sem problema a escolha da nave a desenhar, pois fez-se uma votação. No entanto, para colar os elementos e colorir os desenhos, como apenas vinha uma criança de cada vez, os restantes ficaram a olhar e sem realizar nada.

A atividade a destacar como bastante positiva, foi a realização do *puzzle* do sistema solar (fig.15), foi possível incluir todas as crianças na sua elaboração e as crianças executaram-no sem qualquer dificuldade e pintaram-no consoante as características previamente faladas sobre cada planeta.



No decorrer da atividade, cada criança tentou inicialmente compreender qual a peça que lhe tinha calhado para colorir, tentando compreender qual o planeta representado, caso houvesse, para colorir consoante a cor das características.

**Figura 15.** Puzzle do sistema solar concluído

Assim que concluído o projeto de estágio implementado, foi possível receber um resultado bastante positivo, uma vez que todos os objetivos foram alcançados pelas crianças, através de atividades de exploração da área de Estudo do Meio, de Português e de Educação Física. Para alcançar objetivos como definir o que são astros, conhecer os astros, diferenciar planetas, estrelas e cometas, conhecer os oito planetas do sistema solar, a lua e o sol, recorreremos numa primeira abordagem à área de Estudo do Meio, uma vez que eram conteúdos de abordagem obrigatória.

No que respeita à divulgação das atividades do projeto de intervenção, estas ficaram expostas na sala, para as crianças verem os seus trabalhos realizados, e posteriormente, na reunião de final de ano, os encarregados de educação observarem os trabalhos que os seus educandos realizaram.

## 2. Percurso de desenvolvimento profissional

Estabelecendo, o ponto de articulação entre a minha prática de ensino profissional e o trabalho de pesquisa, a problemática que decidi investigar foi a Adaptação das crianças ao contexto da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O interesse em saber mais sobre esta questão, surgiu quando no primeiro estágio, no contexto de creche, me deparei com a entrada de uma nova criança para o grupo e com o seu comportamento ao longo da primeira semana de adaptação. Segundo Brazelton e Sparrow (2003, p.83) um dos momentos mais difíceis da adaptação passa pela “(...) separação da manhã é sempre um problema quando as crianças vão para o infantário pela primeira vez. Muitas crianças não aguentam (...) e choram todos os dias.”

Além desta experiência, tive outra oportunidade de observar a entrada de uma nova criança para o jardim de infância, essa criança vinha de outro país e nunca tinha frequentado o ensino, contudo devido à idade foi integrado na sala dos 4 anos. No caso desta criança também pude observar a sua primeira semana de adaptação, tendo sido bastante diferente da experiência anterior.

Consegui ainda observar a adaptação das crianças no 1.º CEB, uma vez que o estágio decorreu num grupo de 1.º ano de escolaridade, no 1.º período. Foi possível observar que existem crianças que se adaptam rapidamente ao contexto em que foram inseridas, e há crianças que demoram algum tempo a adaptarem-se ao contexto, por diversos motivos.

Estrela (1994, p.29), afirma que a “observação constitui naturalmente a primeira e necessária etapa de uma formação científica em geral, tal como deverá ser a primeira e necessária etapa de uma intervenção pedagógica fundamentada exigida pela prática quotidiana”.

Em síntese, a passagem por ambas as experiências, fez-me realçar a diferença de atitude das educadoras, perante as situações de adaptação e o devido comportamento de cada criança. Concluí, através da observação, que há crianças que reagem de forma positiva à adaptação escolar. Essas crianças são aquelas que, de certa forma foram preparadas para a ocasião, já adquiriram alguma autonomia e que já desenvolveram o seu comportamento social. No entanto, as crianças que não reagem positivamente, não apresentam os pré-requisitos acima referidos, podendo sentir-se intimidadas com a mudança de ambiente e, conseqüentemente, influenciar a sua adaptação ao contexto escolar.

Neste ponto pretendo, de modo reflexivo, abordar as aprendizagens adquiridas ao longo da formação na licenciatura em Educação Básica e no mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB. Destaco ainda as dificuldades deparadas e a maneira de superação das mesmas, deste modo, realizarei uma autoavaliação do percurso, “a auto-avaliação é um processo de metacognição, entendido como um processo mental interno através do qual o próprio toma consciência dos diferentes momentos e aspetos da sua atividade cognitiva”. (Santos, L., 2002, p.2).

A teoria aprendida durante as aulas nas diversas unidades curriculares, foram uma ótima base, contudo é durante a prática que colocamos os diversos conteúdos em uso.

É de destacar que no decorrer dos quatro estágios a nível de mestrado, o receio inicial foi óbvio, tendo como suporte o nervosismo. O maior receio foi o desconhecido e a reação do grupo de crianças e à presença que iria ser contínua ao longo de sete semanas. No entanto, há que destacar que este receio, em todos os estágios, foi ultrapassado na semana de observação.

Na minha perspetiva, o facto de ter passado por três contextos, ao longo de quatro estágios, constituiu uma mais valia no meu futuro profissional, uma vez que concedeu a oportunidade de compreender no seu todo o que um educador e um professor, representam para as crianças.

Relativamente ao contexto de educação pré-escolar, o papel do educador é de extrema importância, pois o educador deve estabelecer uma relação com as crianças, proporcionando-lhes bem-estar físico e emocional, sentimento de compreensão e sentimento de pertença, isto é, que não estão num meio desconhecido. “A relação que o/a educador/a estabelece com as crianças e o modo como incentiva a sua participação facilita as relações entre as crianças do grupo e a cooperação entre elas.” (OCEPE, p.28)

Uma grande dificuldade sentida neste contexto foi adaptar atividades para as crianças de creche, uma vez que eram crianças de dois anos e o tema a articular seria entre as histórias e os animais, contudo havia duas crianças que pouco falavam, o que complicou a interação com essas crianças, no entanto, houve um esforço máximo para conseguir enquadrá-las nas atividades planeadas. No que respeita à sala de quatro anos no jardim de infância, houve dificuldades sentidas, principalmente, em estabelecer relação com algumas das crianças que pertenciam ao grupo, contudo sempre que necessário realizar uma atividade, eram as crianças que mais se empenhavam.

Uma dificuldade sentida no contexto de 1.º CEB, e que foi comum aos dois estágios realizados, foi criar um projeto a realizar durante o estágio, uma vez que era necessário abordar diversos temas e tínhamos de seguir o programa e o que as

professoras cooperantes tinham destinado para aquela semana. Contudo, e uma vez que em ambos os estágios, a área das Expressões era a menos trabalhada, partiu-se daí para criar o projeto, sem faltar com a responsabilidade da matéria a lecionar.

Um ponto fulcral das atividades em ambos os contextos foi a preparação, com isto, pretendo indicar que foi a construção da planificação. Esta deve ser muito bem planeada, construída e adaptada face às características do grupo/turma. Orgulho-me, pois no primeiro estágio cometi o erro de primeiro descrever a atividade e apenas depois procurar os objetivos, o que foi bastante difícil, uma vez que a maneira como a atividade estava descrita, parecia que em nada tinha haver com o currículo e com os objetivos que tinha de ser cumpridos. A partir do segundo estágio foi um erro que não foi cometido, pois nos últimos três estágios, apenas, após indicar todos os objetivos é que descrevi a atividade e refiro que se tornou bastante mais simples realizar a explicação da atividade.

As planificações foram essenciais para trabalhar com o 1.º CEB, isto porque, os conteúdos trabalhados estavam descritos e conseqüentemente pensados, integrando todos os elementos das turmas e facilitados para articular as diversas mudanças necessárias, respeitando assim, a individualidade das crianças. Importa destacar que é necessário “(...) que se vá construindo uma atitude de pesquisa, centrada na capacidade de observar, no desejo de experimentar, na curiosidade de descobrir uma perspetiva crítica e de partilha do saber”. (OCEPE, 2016, p.86)

Desta forma, saliento o respeito pela individualidade e a promoção de uma escola inclusiva, salientado ainda o trabalho individual que foi realizado no último estágio, em especial com as crianças com NE. Neste sentido, adaptei, preparei e planeei atividades específicas, tendo por base as dificuldades e as facilidades de cada uma das crianças, e tentando sempre incluí-las nas diversas atividades práticas.

Dois pontos a destacar como menos positivos ao longo dos estágios foram a dificuldade em avaliar, isto é, “(...) avaliar consiste na recolha de informação necessária para tomar decisões sobre a prática” (OCEPE, 2016, p.15). Esta dificuldade surgiu uma vez que recorria sempre aos mesmos métodos de avaliação, isto é, observação e registo fotográfico, e ainda a dificuldade na gestão do tempo, que acabou por ser evidente, principalmente no primeiro estágio de 1.º CEB.

Assume-se que o registo através de grelhas de observação/avaliação foi algo que comecei a implementar nos estágios de 1.º CEB e é uma ferramenta que necessita de aperfeiçoamento, pois tenho consciência que o registo através de grelhas é mais simples, mais organizado e permite avaliar o progresso ao longo do tempo, uma vez que as grelhas podem ser utilizadas novamente numa atividade e até mesmo para ver as evoluções efetuadas. “Avaliar os progressos das crianças consiste em comparar

cada uma consigo própria para situar a evolução da sua aprendizagem ao longo do tempo.” (OCEPE, 2016, p.15)

Algo que senti, foi a necessidade de definir “avaliar”, recorrendo às OCEPE (2016, p.15), “o termo “avaliar”, no seu sentido etimológico, remete para a atribuição de um valor, por isso, a avaliação é muitas vezes entendida como a classificação de aprendizagem, sendo que algumas perspetivas teóricas a descrevem como a realização de juízos de valor.”

No que respeita à gestão de tempo, o cumprimento da planificação foi algo um pouco difícil, no sentido em que o tempo avançava bastante rápido, e por vezes, tornava-se um recurso diminuto. Na maioria das situações, a grande dificuldade foi na execução de todas as tarefas planeadas, uma vez que existiam diferentes ritmos de aprendizagem dentro do mesmo grupo e, nesse sentido, sempre tive o máximo de cuidado e de interesse em respeitar esse fator, o que por vezes prejudicou o ritmo das crianças na realização das tarefas, acabando por não realizar todas as tarefas que havia sido planeadas.

Há ainda a destacar, um ponto positivo que se verificou em todos os contextos de prática profissional, que foi a inexistência, dos ditos “tempos mortos”, já que , esforcei-me para que existisse articulação das mais diversas atividades, segundo Morgado, (2004, p.58) “(...) esforço importante de planeamento e articulação das atividades, de forma a disponibilizar em cada momento a realização de tarefas alternativas ou complementares”.

Pode-se fazer um balanço positivo sobre a prática, foi bastante rica em novas aprendizagens e foi uma constante evolução. Garanto que ao longo da prática existiu sempre uma preocupação e uma atenção especial, em melhorar e adaptar o desempenho às circunstâncias que nos eram impostas. Algo que se deve melhorar é essencialmente, em atividades que promovam a motivação e o interesse das crianças, em aprender e a interessarem-se por saber mais.

A oportunidade de experienciar diferentes contextos de estágio e, conseqüentemente, diferentes faixas etárias, cooperou para refletir sobre o que é ser e o papel fundamental que o educador e o professor têm para com as crianças. O papel de educador no contexto de pré-escolar é fundamental, uma vez que, “a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário” (Art.2.º, Lei n.º 5/97).

## **Parte II – Exercício Investigativo**

### **1. Percurso de desenvolvimento investigativo**

#### **1.1. Pertinência do estudo**

A entrada para um novo contexto educativo, é um período complicado de vida de algumas crianças e é um tempo de total mudança na vida das crianças. Esta época que pode parecer longa para algumas crianças e curta para outras, exigindo que estas consigam gerir os seus sentimentos em conjunto e com a ajuda da família.

Além de mudança do contexto educativo, este é um período que está marcado pela separação ao vínculo e à família. Neste momento a família inicia também um processo de adaptação, a um novo contexto, não só educativo, mas também social, que até então lhe era desconhecido.

A primeira grande adaptação que as crianças têm de enfrentar e que é algo importante na sua educação é na entrada para a creche, hoje me dia cada vez mais, e/ou para o jardim de infância. Uma outra adaptação na educação da criança é quando esta transita para o 1.º CEB, que mais uma vez, é um novo contexto educativo e social.

É importante que cada vez mais, se promovam fatores que facilitem a articulação entre o contexto de pré-escolar e o contexto de 1.º CEB, como proferido nas OCEPE (2016, p.101) “a adoção de práticas pedagógicas diferenciadas permite que a educação pré-escolar contribua para uma maior igualdade de oportunidades, ao proporcionar a cada criança experiências e oportunidades de aprendizagem estimulantes, que lhe permitam desenvolver todo o seu potencial, criando assim condições favoráveis para iniciar o 1.º ciclo em segurança”.

Cada vez mais, pretende-se que educadores e professores trabalhem em conjunto, de modo a facilitar a transição do pré-escolar para o 1.º CEB, e consequentemente a adaptação no 1.º CEB.

É ainda necessário que as crianças possam também contar com o apoio dos seus encarregados de educação, para que seja possível uma boa transição e consequente adaptação para o contexto educativo, e essencialmente que se envolva com a escola nos processos que dirão respeito ao seu educando, tais como a avaliação, a adaptação, o desenvolvimento, entre outros. Tal como enunciado nas OCEPE (2016, p.103)

“se a comunicação que o/a educador/a estabelece com os pais/ famílias é fundamental para facilitar a transição do meio familiar, ou da creche, para a educação pré-escolar, é também importante para que os pais/famílias tenham um papel ativo no momento da transição para o 1.º CEB. (...) Assim, a

informação individual e coletiva a disponibilizar aos pais/famílias (...), permite-lhes esclarecerem as suas dúvidas e interrogações e apoiarem-se mutuamente no processo de transição e no início do 1.º ciclo.”

Por isso, é importante que durante este período na vida da criança se criem condições e estratégias de adaptação para a criança. É importante que haja também uma preparação para a adaptação num novo contexto, quer por parte da família, quer por parte dos/das educadores/as e professores/as e conseqüentemente em conjunto.

Deste modo, a minha investigação contempla a adaptação da criança ao contexto da educação pré-escolar e do 1.º CEB.

### **1.1.1. Questões**

De modo a aprofundar o tema escolhido, “Adaptação das crianças ao contexto da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico”, surgiram questões orientadoras, tais como:

- O que se entende por adaptação escolar?
- Existe (ou não) uma preparação para a adaptação das crianças na transição entre os vários contextos educativos?
- Que estratégias são utilizadas para preparar as crianças para a adaptação na educação pré-escolar e/ou no 1.º CEB e/ou 2.º CEB?
- Que vivências guardam as crianças do primeiro dia de educação pré-escolar e de 1.º CEB?

### **1.1.2. Objetivos**

Para dar respostas às questões orientadoras, tendo em consideração os entrevistados e questionados, defini como objetivos a estudar e, conseqüentemente, a alcançar, os seguintes:

- Saber como educadores de infância e professores do 1.º CEB definem adaptação escolar;
- Conhecer a preparação que existe para a adaptação das crianças na educação pré-escolar, no 1.º CEB e no 2.º CEB;
- Conhecer as estratégias utilizadas para a adaptação das crianças;
- Conhecer as experiências vividas pelas crianças, no primeiro dia do jardim de infância e no primeiro dia do 1.º CEB;

- Conhecer as perspectivas dos encarregados de educação face à adaptação dos educandos ao contexto educativo.

## **2. Revisão da Literatura**

### **2.1. Adaptação**

Primeiramente é necessário ter em consideração o conceito de adaptação, para Rapoport, Sarmiento, Nörnberg e Pacheco (2008, p.269), estes referem que adaptação é um “processo complexo que envolve uma interação e flexibilização de todos envolvidos em busca de seu bem-estar psicológico e social”; enquanto que para Novaes (1975, citado por Oliveira, 2011, p.17), a adaptação “(...) às modificações necessárias para responder às circunstâncias, sugerindo vinculação do indivíduo com o meio e, como tal, implica em processo dinâmico referente a tais condições”; para Rossetti-Ferreira e Vitória (1993, citado por Oliveira, 2011, p.17), a “(...) adaptação deveria ocorrer nos primeiros contatos dos pais com a creche, pois através de um primeiro contato bem estruturado pela instituição, onde os pais possam esclarecer dúvidas e conhecer o ambiente que irá abrigar seus filhos, e a escola possa obter informações preliminares sobre a criança, minimizam-se angústias que possam influenciar no ingresso da criança na instituição”.

No que respeita à adaptação, é essencial que a família converse com as crianças para as preparar para o ambiente escolar que irão frequentar, deste modo há a “destacar a importância do planejamento do processo de adaptação das crianças que ingressam nessa etapa de ensino, assim como dos demais envolvidos no processo” (Rapoport, Sarmiento, Nörnberg & Pacheco, 2008, p.269).

O período de adaptação inicial é um momento onde a criança se tem de interiorizar para que, ela própria, esteja a integrar-se e a adaptar-se bem à sala, às outras crianças, à instituição e aos adultos, quer dentro da sala, educador e ajudante de ação educativa ou professor, quer aos restantes adultos pertencentes à comunidade educativa, sem que a família esteja presente. Segundo as OCEPE (2016, p.98) a “transição merece uma atenção muito especial por parte do/a educador/a e um planeamento cuidado, de acordo com a situação das crianças e do grupo, tendo em conta que a chamada “adaptação” da criança, ou seja, a sua inserção na instituição e no grupo, exige, sobretudo, que o ambiente educativo se adapte às suas necessidades e características”.

No que respeita a este período de adaptação, dentro da sala, a postura dos adultos, perante todas as crianças é transmissora para a adaptação de quem entra pela

primeira vez, isto é, as situações que a criança vivencia e, conseqüentemente as atitudes e as reações dos adultos, transmitem-lhe a segurança que este necessita, e compreende o meio onde está inserido e naturalmente como este se organiza. Como menciona Brazelton (2009, p.407) “a frequência do jardim infantil ou da pré-primária é a primeira oportunidade e a mais importante que a criança tem para aprender a adaptar-se ao mundo exterior.”

Há a ter em consideração que este período de adaptação, em diversos casos não é apenas complicado e difícil para a criança, mas também para a sua família e até mesmo para o educador ou professor que está a aceitar e adaptar a criança ao contexto educativo. Segundo as OCEPE (2016, p.99) “A diversidade de situações e a variedade de reações das crianças na transição para a educação pré-escolar exigem, assim, uma grande atenção, flexibilidade e sensibilidade por parte do/a educador/a, e uma participação de todo o estabelecimento e das famílias, para encontrar as respostas mais adequadas”. Brazelton (2009, p.407), afirma que “o período de adaptação à escola pode ser tormentoso”.

Antes de mais, é necessário que o professor tenha conhecimento da transição realizada, para que a adaptação a um novo contexto decorra da melhor forma possível e sem problemas. Segundo Cardona (2014) “a necessidade de refletir e estudar a forma como se processa a transição entre a pré-escola e a escola é uma prioridade para que se processe sem problemas a adaptação da criança a um novo contexto educativo em que vai ser confrontada com novas experiências e desafios”.

Esta adaptação inicial envolve cooperação entre a família e a instituição para que a criança supere eventuais medos, receios e que se consiga integrar e adaptar a todos aqueles que o rodeiam. OCEPE (2016, p.97) há “transições, socialmente construídas e estabelecidas pelos sistemas educativos (...) em que a idade da criança vai originar a sua passagem para uma nova etapa” daí a importância da cooperação, tudo em prol da criança. “São essas as transições que particularmente preocupam docentes e pais/famílias, que se interrogam como a criança irá lidar com a nova situação. Importa dar uma especial atenção à criança nesses momentos, transmitindo-lhe uma visão positiva dessa passagem (...)” (OCEPE, 2016, p.97).

Seguramente que uma boa adaptação, por parte da criança, ajuda no processo de adaptação que também é feito por parte das famílias, “a adaptação não só da criança, mas também de seus pais, educadores e da própria instituição de ensino” (Rapoport, A., 2008). No caso, da criança mostrar aos encarregados de educação que está bem e tranquila junto das outras crianças, do educador ou professor e também da restante comunidade escolar, tranquiliza as famílias ajudando a minimizar os seus receios e as suas angústias.

No entanto, também é necessário que a família demonstre à criança que está a aceitar a sua entrada num novo mundo, pois mais facilmente as crianças se sentem bem e se conseguem adaptar, pois para eles que estão habituados à sua família, é importante que esta se sinta tranquila e sem medos, no momento em que deixa o seu educando no jardim de infância ou na escola. Tendo em conta as OCEPE (2016, p.103)

“Os pais/famílias, enquanto principais responsáveis da educação da criança, têm necessariamente um papel determinante (...) em todas as transições. Se a comunicação que o/a educador/a estabelece com os pais/famílias é fundamental para facilitar a transição do meio familiar, ou da creche, para a educação pré-escolar, é também importante para que os pais/famílias tenham um papel ativo no momento de transição para o 1.º ciclo”.

Destacando a adaptação, são diversas as suas definições, mas segundo a ideologia de Piaget (2013), a adaptação “é um equilíbrio entre dois mecanismos indissociáveis: a assimilação e a acomodação. Para que haja adaptação e desenvolvimento, é necessário que haja equilíbrio entre estes dois processos: a assimilação traduz estabilidade e continuidade e a acomodação traduz novidade e mudança”.

Piaget (2013) define assimilação como “transformar as percepções de modo a torná-las idênticas ao próprio pensamento, isto é, aos esquemas anteriores. Assimilar é conversar, é de certa forma, identificar”. No que respeita à definição de acomodação, Piaget (2013) afirma que é “uma actividade que consiste na diferenciação de um esquema de assimilação, ou seja, é o processo pelo qual o organismo suporta a modificação do meio”.

Isto é, o processo de assimilação existe quando uma criança se encara com uma situação problemática. Por outro lado, o processo de acomodação pode ocorrer quando a criança, não consegue assimilar o novo estímulo, ao qual está a ser submetido.

## **2.2. A importância da relação família e escola, na fase de adaptação**

Desde Freud, a família surge como uma referência que explica o psicológico da criança. Há a considerar que a família é o primeiro grupo de contacto das crianças, e é neste grupo que as crianças criam a sua identidade (Barbosa & Chaves, 2016).

Nos dias atuais o conceito de família tem sofrido algumas alterações, principalmente com a entrada da mulher no mercado de trabalho, uma vez que a educação dos seus filhos tem ficado cada vez mais ao cuidado de instituições. Com esta mudança, pretende-se que a escola possa e consiga assumir, a função de criar valores para que a criança consiga criar a sua identidade.

A família e a escola, são bastante importantes para o desenvolvimento da criança, e necessitam de criar vínculos entre ambos os contextos, de modo a promover um processo educativo de sucesso.

De acordo com Perrenoude e Montandon, (citado por Ana Picanço, 2012, pp.14-15), “as famílias preocupam-se, também cada vez mais com o desabrochar e a felicidade dos seus filhos, esperando que a escola os discipline sem os anular e os instrua sem os privar da sua infância.”

Há a considerar que nos dias de hoje, é necessário construir uma relação entre a família e a escola, para que o educando, esteja inserido num ambiente de qualidade, de tranquilidade e de respeito, isto no que diz respeito ao ambiente educacional/escolar, quer no ambiente familiar. Segundo Pereira, (citado por Ana Picanço, 2012, p.15) “a relação entre a escola e a família tem vindo a ser alvo de todo um conjunto de atenções: através de notícias nos meios de comunicação, de discursos de políticos, da divulgação de projetos de investigação e de nova legislação.”

Atualmente, a escola tem o papel primitivo em estabelecer relação entre escola/educação e família. É importante que crianças, escola e família se adaptem reciprocamente e respeitando o ritmo de cada um. No pensamento de Marques, (citado por Ana Picanço, 2012, p.40) “este considera que ainda existam práticas de envolvimento parental que tragam benefícios diretos à aprendizagem dos alunos (...) em termo da melhoria do rendimento escolar.”

Segundo Pereira (citado por Ana Picanço, 2012, p.40), o envolvimento é definido “como um leque de interações entre a Escola e a Família desde a simples participação dos encarregados de educação em reuniões mais ou menos formais, até à execução de tarefas específicas na escolar, em colaboração com os professores”. Hoje em dia, pouco se vê as famílias a interagirem em atividades escolares dos seus educandos, o que poderá afetar a adaptação e o bem-estar das crianças no novo ambiente a que estão expostas.

Borges (2002, p.32) declara “imaginar que o sucesso de um processo de adaptação se resume à ausência de choro é banalizar uma situação que não termina em si mesma. Os sintomas que as crianças apresentam como doenças, regressões, alterações de comportamento, etc., estão aí para comprovar que elas não falam que as coisas não vão bem somente chorando”.

É neste sentido que é importante reforçar à criança que a separação da família é um processo que concebe sentimentos, que carecem de serem superados com a criança e a própria família e ainda progressivamente, segundo Bowlby (2004, p.273) “um período de separação ou ameaças de separação e outras formas de rejeição

provocam (...) um comportamento marcado pela angústia e pela raiva”. Neste sentido a escola apresenta o papel fundamental de reduzir os problemas que possam surgir.

Carvalho et al. (2006, p.43) protegem a importância e melhoria das relações entre a família e a escola, declarando que “(...) estabelecer relações positivas com as famílias, o que contraria uma tradição centralista de controlo da escola e a relação de cliente com a família, (...). No entanto, e apesar do peso destas tradições, contrárias a uma atitude cooperativa de e com as famílias, as investigações têm consistentemente indicado que o envolvimento das famílias está positivamente correlacionado com os resultados escolares dos alunos”.

### **2.3. O papel do docente**

#### **2.3.1. Em contexto de educação pré-escolar**

No Perfil Específico do Educador de Infância, Decreto-Lei n.º 241/2001 é notório que o educador/a de infância desempenha um papel importantíssimo no que respeita ao desenvolvimento das crianças.

O educador de infância, adapta o ambiente educativo tendo em conta as crianças que irá receber. Nesse sentido, a organização do ambiente educativo torna-se crucial para que a adaptação das crianças seja facilitada, quer para as crianças quer para os familiares.

O educador tem um papel mediador durante todo o processo de adaptação, tentando atender às expectativas dos pais, e ganhar a confiança da família e consequentemente das crianças.

Um fator importante no papel do educador, é a relação que este cria com as crianças, ou seja, deve ser uma relação que transmita segurança, confiança e acima de tudo que promova a autonomia das crianças no contexto em que se encontra, sendo importante ainda, ajudar as crianças no seu desenvolvimento afetivo, emocional e principalmente social, quer a nível pessoal de cada criança, quer em grande grupo. Segundo o Decreto-Lei 241/2001, II – Concepção e desenvolvimento do currículo, 4 – “No âmbito da relação e da acção educativa, o educador de infância: a) Relaciona-se com as crianças por forma a favorecer a necessária segurança afectiva e a promover a sua autonomia; e) Apoia e fomenta o desenvolvimento afectivo, emocional e social de cada criança e do grupo; h) Promove o desenvolvimento pessoal, social e cívico numa perspectiva de educação para a cidadania.”

Para Vasconcelos (2019) é importante que no processo de adaptação, “os educadores autorizem a criança a levar de casa um objeto de transição: este objeto

representa, segundo a teoria da vinculação (Bowlby), um prolongamento da relação familiar, nomeadamente a relação de segurança com a mãe.”

### **2.3.2. Em contexto 1.º Ciclo do Ensino Básico**

De acordo com o Perfil Específico do Educador de Infância, Decreto-Lei 241/2001, anexo n.º 2, III – Integração do currículo 1, “o professor do 1.º ciclo do ensino básico promove a aprendizagem de competências socialmente relevantes, no âmbito de uma cidadania activa e responsável”.

O papel do professor de 1.º CEB, é distinguido em duas funções, Bzuneck (2001), indica que a primeira função é de carácter remediador e abrange a reconquista de alunos desmotivados e/ou que exibem uma motivação distorcida. A segunda função, por sua vez, é de carácter preventivo e permanente, onde o docente precisará de garantir a todos os alunos a motivação de aprender.

Para Balancho e Coelho (2008), o papel do professor de 1.º CEB, compreende-se em identificar e despertar, tendo como meio métodos didáticos e pedagógicos que sejam adequados à evolução das crianças, das suas necessidades, dos seus interesses e, das motivações de cada aluno tenha.

Neste sentido, o professor de 1.º CEB deverá ter um comportamento de facilitador das aprendizagens das crianças, apoiando-se, essencialmente, nas metodologias modernas, em que as crianças deste contexto, são consideradas agentes ativos, no que respeita à construção de novos saberes.

## **3. Método**

### **3.1. Tipo de estudo**

O estudo realizado é de natureza qualitativa. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.16) “utilizamos a expressão investigação qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos (...)”.

É importante referenciar as principais características de uma investigação qualitativa, Bogdan e Biklen, (citados por Tuckman, 2005) apresentam as seguintes características da investigação qualitativa: 1. a situação natural constitui a fonte dos dados, sendo o investigador o instrumento-chave da recolha de dados; 2. a sua primeira

preocupação é descrever e só secundariamente analisar os dados; 3. a questão fundamental é todo o processo, ou seja, o que aconteceu, bem como o produto e o resultado final; 4. os dados são analisados intuitivamente, como se se reunissem, em conjunto, todas as partes de um puzzle; 5. diz respeito essencialmente ao significado das coisas, ou seja, ao “porquê” e ao “o quê”.

Seguindo estas características, a realização deste estudo, recaiu tendo em conta as características e foram com base em inquéritos por questionário, entrevistas semidiretivas e em *focus group*.

Segundo Afonso (2014, p.104), “a realização de entrevistas constitui uma das técnicas de dados mais frequentes na investigação naturalista e consiste numa interação verbal entre o entrevistador e o respondente, em situação de face-a-face, por intermédio do telefone ou de meios informáticos”.

Segundo Amaro, A., Póvoa, A. e Macedo, L. (2004/2005, p.3), “um questionário é extremamente útil (...). A importância dos questionários passa também pela facilidade com que se interroga um elevado número de pessoas, num espaço de tempo relativamente curto.”

O *focus group*, torna possível reunir, diferentes pessoas e recolher uma enorme quantidade de informação, onde é possível os participantes partilharem e compararem as suas experiências. (Avaliação do Desenvolvimento Socioeconómico).

**Tabela 1.** Síntese das questões de investigação com a recolha de dados

Estudos	Técnica de recolha de dados	N.º de participantes	Fonte de recolha de dados	Questões			
				1	2	3	4
1	Entrevistas semidiretivas	2	educadoras de infância	X	X	X	
		2	professoras de 1.º CEB	X	X	X	
		4	crianças do jardim de infância				X
2	<i>Focus group</i>	8	crianças do 1.º CEB				X
3	Inquérito por questionário	12	encarregados de educação de crianças do jardim de infância		X		
		16	encarregados de educação de crianças do 1.º CEB		X		

### 3.2. Participantes

As entrevistas foram realizadas a duas educadoras de infância, a escolha recaiu sobre a educadora com quem tive oportunidade de estagiar, que estava numa sala de 4 anos, por ter um à vontade e por ter demonstrado interesse sobre o tema da minha investigação, e a outra educadora foi a coordenadora da instituição, que atualmente não está a acompanhar nenhum grupo de crianças. A escolha destas educadoras para mim foi uma mais-valia, pois como estava à vontade com ambas, foi muito agradável poder receber dois testemunhos com experiências diferentes, embora as estratégias que enumeraram terem sido bastante idênticas, no entanto a educadora que está inserida numa sala, falou mais pormenorizadamente e com mais exemplos de situações. Ambas as educadoras estavam inseridas numa Instituição Particular de Solidariedade Social.

**Tabela 2.** Caracterização das entrevistadas - educadoras de infância

<b>Código</b>	<b>Habilitações Literárias</b>	<b>Anos de profissão</b>	<b>Anos de profissão na atual instituição</b>
Educadora 1	Licenciada em Educação de Infância	21 anos	21 anos
Educadora 2	Licenciada em Educação Especial, Problemáticas de Risco	26 anos	20 anos

A escolha das professoras de 1.º CEB recaiu sobre a professora com quem estive a oportunidade de estagiar, ou seja, estava inserida numa turma de 1.º ano de escolaridade, por esta ter alguns anos de profissão, e quando ocorreu uma conversa informal com a mesma este demonstrou algum interesse sobre o tema e afirmou “desde o meu início de carreira que utilizo o mesmo método, só em caso extremo é que modifico”. Esta afirmação foi algo que me deixou algum interesse em saber qual o método utilizado, como tal, escolhi esta professora para elaborar a entrevista.

A outra professora, tinha uma turma com algumas crianças com uma adaptação complicada, como tal, consegui obter uma resposta positiva por parte da professora e realizei a entrevista, sendo que esta encontrava-se com uma turma de 2.º ano de escolaridade. A escolha desta professora foi uma mais-valia, pois como estava bastante interessada com os métodos de ambas, foi muito agradável poder receber dois testemunhos com experiências diferentes. As duas professoras estavam a lecionar numa escola de caráter público.

**Tabela 3.** Caracterização das entrevistadas - professoras do 1.º CEB

<b>Código</b>	<b>Habilitações Literárias</b>	<b>Anos de profissão</b>	<b>Anos de profissão na atual instituição</b>
Professora 1	Licenciada em 1.º Ciclo do Ensino Básico	15 anos	6 anos

Professora 2	Bacharelato e Complemento de Formação Científica e Pedagógica para professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico no domínio de especialização em educação especial e apoios educativos	24 anos	12 anos
--------------	--	---------	---------

As entrevistas e *focus group* às crianças foram realizadas a quatro crianças do pré-escolar e a oito crianças do 1.º CEB. A escolha das crianças recaiu sobre a idade, isto é, foram escolhidas a criança mais nova e a criança mais velha da sala dos três anos e da sala dos cinco anos, de uma Instituição Particular de Solidariedade Social, e as crianças mais novas e mais velhas de uma sala de 1.º ano de escolaridade do 1.º CEB, de uma instituição pública.

**Tabela 4.** Caracterização dos entrevistados - crianças do jardim de infância e do 1.º CEB

<b>Código</b>	<b>Género</b>	<b>Idade</b>	<b>Contexto Educativo</b>
Criança 1	masculino	4 anos	jardim de infância
Criança 2	feminino	4 anos	
Criança 3	feminino	6 anos	
Criança 4	masculino	5 anos	
Criança 5	feminino	6 anos	1.º ciclo do ensino básico
Criança 6	masculino	6 anos	
Criança 7	masculino	6 anos	
Criança 8	feminino	6 anos	
Criança 9	feminino	6 anos	
Criança 10	feminino	6 anos	
Criança 11	masculino	7 anos	
Criança 12	masculino	6 anos	

Os inquéritos por questionário foram realizados a doze encarregados de educação do pré-escolar e a dezasseis encarregados de educação do 1.º CEB, sendo que foi pedido às educadoras e professoras de 1.º CEB que solicitassem aos encarregados de educação do mesmo número de crianças do género feminino e do género masculino. Também os questionários por inquérito, foram solicitados a encarregados de educação de crianças que frequentavam a rede privada e de crianças que frequentavam a rede pública.

**Tabela 5.** Caracterização dos questionados - encarregados de educação das crianças de jardim de infância e do 1.º CEB

<b>Código</b>	<b>Ano de escolaridade</b>	<b>Contexto Educativo</b>
EE. 1 até EE.4	Sala dos 3 anos	jardim de infância
EE. 5 até EE.8	Sala dos 4 anos	
EE. 9 até EE.12	Sala dos 5 anos	
EE. 13 até EE.16	1.º ano de escolaridade	1.º ciclo do ensino básico
EE. 17 até EE.20	2.º ano de escolaridade	
EE. 21 até EE.24	3.º ano de escolaridade	
EE. 25 até EE.28	4.º ano de escolaridade	

### **3.3. Técnicas de recolha e análise dos dados**

Para este estudo, foram utilizados diversos instrumentos de recolha de dados, tais como: entrevistas semidiretivas, entrevistas em *focus group* e entrevistas por questionário.

As entrevistas escolhidas foram semidiretivas, ou seja, entrevistas conduzidas através de um guião, previamente definido com várias questões, segundo Afonso (2014, p.104) “cada entrevistado responde a uma série de perguntas pré-estabelecidas dentro de um conjunto limitado de categorias de resposta”. No entanto, existe a possibilidade do entrevistador colocar outras questões ao entrevistado, desde que sejam pertinentes tendo em conta o tema e o desenrolar da conversa. Fujisawa (2000) defende que a entrevista semiestruturadas, apresenta um guião, permitindo uma organização que seja flexível e um alargamento das questões à medida que as informações são dadas pelo entrevistado.

Para que se realizassem as entrevistas, foram criados dois guiões, um para as educadoras, devidamente adaptado também para as professoras e outro para as crianças do jardim de infância e devidamente adaptado para as crianças do 1.º CEB.

O guião das entrevistas dirigido às educadoras de infância e às professoras de 1.º CEB (anexo II), foi dividido por blocos temáticos objetivos, cada bloco contém tópicos orientadores, que foram delineados tendo em consideração os do estudo. O guião apresentava questões iguais quer para educadoras de infância quer para professoras do 1.º CEB, e outras questões devidamente adaptadas ao ano de escolaridade em que cada docente leciona. Os blocos temáticos do guião encontravam-se organizados, da seguinte maneira:

Bloco A – Legitimação da entrevista e Motivação do entrevistado;

Bloco B – Dados do entrevistado;

Bloco C – Adaptação da criança ao contexto educativo;

Bloco D – Participação da família com a escola na adaptação da criança;  
Bloco E – Validação/Agradecimentos.

O guião das entrevistas dirigido às crianças de ambos os níveis educativos (anexo I), também se encontrava dividido por blocos temáticos, devidamente traçados mantendo concordância com os objetivos do estudo. O guião apresentava questões iguais quer para as crianças do pré-escolar quer para as crianças do 1.º CEB, e outras devidamente adaptadas ao contexto educativo em que as crianças se encontravam. Os blocos temáticos do guião encontravam-se organizados, da seguinte maneira:

Bloco A – Legitimação da entrevista;  
Bloco B – Dados do entrevistado;  
Bloco C – Adaptação da criança ao contexto educativo;  
Bloco D – Validação/Agradecimentos

É de referir que as entrevistadas foram informadas relativamente ao conteúdo da entrevista, qual a finalidade da mesma e garantida a confidencialidade dos dados recolhidos, sobre as entrevistadas (anexo V). No que refere às entrevistas das crianças do pré-escolar e do 1.º CEB, houve a devida explicação aos encarregados de educação das crianças (anexos III e IV), do conteúdo da entrevista, da finalidade da mesma, garantida a confidencialidade das crianças e ainda a devida autorização dos encarregados de educação.

As entrevistas às educadoras de infância, às professoras de 1.º CEB, e às crianças do pré-escolar e do 1.º CEB, foram gravadas e posteriormente transcritas (anexos IX e VIII, respetivamente).

Assim que transcritas, foi dada a possibilidade das educadoras de infância e das professoras de 1.º CEB, reverem as mesmas e dada a possibilidade de acrescentar algo à sua entrevista.

Os questionários por inquérito, segundo Ferreira e Campos (citados por Maciel, et. al, 2014, p. 154) “de entre as diversas opções metodológicas no domínio da investigação em ciências sociais e humanas, o inquérito ou *survey* assume-se como sendo uma das de uso mais recorrente”.

Os questionários foram previamente testados, antes de implementados aos encarregados de educação, não sendo necessário sofrer alterações. Os questionários por inquérito estão devidamente adaptados para os encarregados de educação das crianças do pré-escolar (anexo VI) e aos encarregados de educação das crianças do 1.º CEB (anexo VII). Segundo Ghiglione e Matalon (citados por Maciel, O., et. al, 2014, p.154), um inquérito é definido como “uma interrogação particular acerca de uma situação, englobando indivíduos com o objetivo de generalizar”.

#### 4. Apresentação e análise dos resultados

Apresenta-se, agora, a análise dos dados, examinando as respostas das educadoras de infância e das professoras de 1.º CEB, e posteriormente, as respostas das crianças do jardim de infância e do 1.º CEB e de encarregados de educação de crianças de ambos os contextos educativos, criou-se uma tabela que se divide em categorias, com os tópicos de grande discussão e em subcategorias, com os principais objetivos que se pretendia obter resposta.

**Tabela 6.** Categorias e subcategorias da análise das entrevistas às Educadoras de Infância e Professoras de 1.º CEB

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
Adaptação da criança ao contexto educativo	Adaptação escolar
	Estratégias para a preparação ao contexto educativo
	Preparação da adaptação para um novo contexto educativo
Participação da família com a escola, na adaptação das crianças	Cooperação da família e docentes na adaptação ao contexto educativo
	Preparação da adaptação, realizada pela família

#### **Perspetivas das educadoras de infância**

Para responder há grande questão de como educadores definem adaptação escolar, é importante apreciar as respostas dadas pelas educadoras entrevistadas, que compreendem adaptação como “(...) *criar maneiras, formas, estratégias de conhecermos as crianças, conhecermos as suas famílias, o seu contexto familiar, para podermos fazer uma fase de transição entre casa e escola*” (Educadora 1), ou como sendo “(...) *o período em que a criança começa a frequentar o jardim de infância ou a creche pela primeira vez e se adapta a toda a estrutura, às funcionárias, à educadora, à auxiliar, aos amigos, à própria sala, à própria instituição(...)*” (Educadora 2). É de referir que é importante que a adaptação seja pensada e bem executada “(...) *convém que seja muito bem-feita, para que tudo corra bem de futuro.*” (Educadora 2).

A adaptação é uma fase quer para crianças, quer para encarregados de educação, “*Esta fase de adaptação é uma fase de angústia para os pais. Há pais que enfrentam esta angústia e esta ansiedade de maneira diferente, e muitas vezes se conseguirmos falar de tudo o que é relacionado com a criança, antes de ela entrar (...)*.” (Educadora 1).

Há a considerar uma outra subcategoria, as estratégias que são utilizadas para adaptar as crianças, nesse sentido, “(...) *aqui tentamos fazer um trabalho de conjunto e ao falarmos e trabalharmos com os pais, tentamos retirar ideias, em reuniões de equipa pedagógica, umas educadoras com as outras também tentamos saber o que*

*precisamos de fazer para aquela criança especificamente para a deixar mais à vontade e mais integrada (...) Normalmente as estratégias são sempre eficazes” (Educadora 1). Para a outra educadora, uma vez que está a acompanhar um grupo, faz sempre uma pequena comparação com a frequência ou não na creche e demonstra um específico interesse em perceber de onde vêm as crianças, isto é, se vêm de casa ou de um outro contexto educativo, numa outra instituição, “No caso de terem frequentado creche já estão preparados. No caso de não terem frequentado creche, conversamos com os pais no momento da entrevista, tentamos saber coisas acerca deles, se já tiveram nalgum sítio, se vêm de casa, e tentamos também mostrar aos pais, mais ou menos, como é que vai ser o dia a dia deles (...) No período de adaptação, mesmo as crianças que já vêm de trás, (...) voltamos a mostrar outra vez o que é que se pode fazer e todo o tipo de atividades, (...) Normalmente corre bem, eu não tenho muitas dificuldades.” (Educadora 2)*

Há a considerar que nas idades do Pré-Escolar, sempre que as crianças retornam à rotina escolar, seja no primeiro ano em que frequentam o jardim de infância, seja no último anos, as crianças adaptam-se sempre quando inicia o ano letivo, uma vez que estiveram pelo menos, cerca de 1 mês em casa, e acabam por perder a rotina escolar “No período de adaptação, mesmo as crianças que já vêm de trás, também já não se vêm há 1 mês e já não estão muitos acostumados (...)” (Educadora 2).

Um outro tópico bastante importante nesta investigação, tem em reflexão o facto de existir ou não preparação escolar, quando as crianças irão transitar para outro contexto educativo. Às educadoras foi questionado se preparavam as crianças, da sala dos 5 anos, para a adaptação no novo contexto educativo, neste caso o 1.º CEB.

Neste caso, atentamos as seguintes respostas “Existe, nessa sala especificamente, tentamos, com que eles conheçam minimamente, a realidade que vai enfrentar, (...) Normalmente nós fazemos uma visita à escola primária mais perto, para eles conhecerem essa realidade que vão enfrentar. Normalmente, na altura de julho, é quando vamos, que é a altura mais próxima dessa transição e eles vão a essa escola primária e falam com uma professora, vêm meninos da escola primária, vêm as instalações, vêm o que é uma sala, para conhecerem a realidade (...)” (Educadora 1).

A outra educadora, que atualmente está com um grupo, vai mais além e inicia essa preparação desde a sala dos 3 anos, “(...) Normalmente, aquilo que eu faço, além daquilo que já se vem a fazer desde o início dos três anos, que é aprender a estar sentado, aprender a estar mais tempo com atenção na manta, aprender a falar sobre diversos assuntos, aprender a cooperar..., aprender várias competências sociais, entre outras, que serão a base da escrita e da leitura. (...) procuro também que saibam responder a um pedido de um exercício qualquer e que isso não seja complicado para

*eles. Que saibam cuidar do livro, que saibam cuidar das canetas, que saibam cuidar da apresentação dos trabalhos e que tenham gosto nisso, em conseguir fazer bem e penso que é o mais importante. Depois no final do ano procuramos também fazer uma visita a uma escola primária (...) e pedimos a colaboração das professoras para mostrarem um bocadinho o que é que se faz na escola primária, e para as crianças conhecerem aquele ambiente de escola.”* (Educadora 2).

Na segunda categoria, ou seja, na participação da família com a escola, no que respeita à adaptação das crianças, há a considerar a cooperação que poderá existir entre encarregados de educação e educadores, antes do início do ano letivo, “(...) Normalmente vêm com as crianças para elas conhecerem as outras crianças que estão integradas nessa sala, para conhecerem os adultos que estão nessa sala, a educadora e a ajudante de ação educativas, e no fundo, todo o espaço que essa criança vai começar a frequentar (...).” (Educadora 1). Por outro lado, há quem considere apenas que é necessário quando a criança entra pela primeira vez, “É só quando é a primeira vez, (...) vai sendo conversado, todos os dias, no acolhimento no final da tarde, com os pais, as novidades (...) Se for a primeira vez é necessário existir um diálogo com os pais, mais no sentido de promover uma cooperação de contar como correram os dias, as noites, para podermos planear o mesmo tipo de atitudes perante a criança.” (Educadora 2).

Pode-se conferir que o que foi dito pelas educadoras, em consonância com os ideais de Picanço (2012), esta autora refere-se à importância da relação família-escola, aqui, especificamente, no jardim de infância, uma vez que em coadjuvação podem partilhar receios, desenvolver estratégias e partilhar ideias, considerando a criança, a sua aprendizagem e ainda a sua preparação para a escola.

Foi evidente por parte das educadoras que se preocupam bastante com o tipo de preparação que poderá ser realizada pela famílias, isto, porque “(...) é assim, há crianças que vêm de avós, há crianças que vêm de casa e há crianças que vêm de outras instituições, por isso nós tentamos saber exatamente de que contexto é que ela vem, (...) porque para nós é muito importante, a maneira como eles enfrentam esta primeira etapa, (...)” (Educadora 1). Quando, por parte da família, não existe uma preparação para a adaptação da criança ao contexto educativo, “(...), tentamos nós mostrar, mal a criança entre, o que é que é uma rotina de um jardim de infância, e vamos ao longo do tempo mostrando sempre como se deve agir, como não se deve, questioná-los sobre este tipo de questões para ele próprio também chegar a conclusões, do que pode e não pode acontecer, o que é melhor para ele e para o grupo.” (Educadora 2).

### **Perspetivas das professoras do 1.º CEB**

Tendo em consideração a questão de como professores definem adaptação, analisa-se as respostas que as professoras deram assim que entrevistadas. Podemos considerar que uma das definições ficou aquém do pretendido porque referiu essencialmente o papel do docente e não o que considerava ser adaptação escolar. *“Principalmente no 1.º ano de escolaridade, os alunos devem sentir que estão num meio ambiente favorável, que gostem, calmo, acolhedor, familiar, o que nem sempre é fácil, mas é o papel do professor”* (Professora 1), enquanto a outra professora definiu adaptação como algo que, *“(...) ocorre no início do ano, nós tentamos que os alunos fiquem bem integrados no ano em que vão frequentar. Temos que ver, a nível familiar as problemáticas que existem e tentar com que a criança se sinta o melhor possível no ambiente de sala de aula. (...), no fundo a adaptação é utilizarmos as estratégias todas que nós conseguimos para que eles estejam bem na escola.”* (Professora 2).

Uma das professoras entrevistadas indicou que utiliza as mesmas estratégias de adaptação desde que iniciou a sua vida profissional, sendo elas *“(...) Depois a nível de trabalho diário, nos primeiros dias, fazem grafismos a partir de histórias, cantamos muitas canções infantis do seu conhecimento ou não, fazem pinturas e jogos... Tento dar-lhes algum mimo e distraí-los quando estes estão mais carentes e choram porque querem a mãe ou não param de perguntar se ainda falta muito para ir embora para casa. E principalmente gosto de os deixar falar expressando o que estão a sentir ou a pensar. (...)”* (Professora 2). Neste sentido, pode-se retirar a pequena conclusão de que, é essencial demonstrar afeto às crianças que ainda se estão a adaptar ao contexto educativo e, essencialmente, ter em atenção os seus sentimentos e as suas emoções, para que seja possível, e se necessário, adaptar alguma estratégia a uma criança em específico. *“De modo geral todas as estratégias que utilizamos acabam por resultar, temos é que as ir adequando a cada uma das crianças que temos à nossa frente, pois o que resulta com uma criança pode não se conseguir com outra.”* (Professora 2).

Tendo em ponderação o apresto que é executado com as crianças que vão transitar de contexto educativo, ambas as professoras estão em sintonia nas suas opiniões, é essencial que a criança vá visitar o novo contexto, para que tenha conhecimento do novo desafio que irá encarar. *“(…), normalmente é feita uma atividade, portanto, ao longo do 4.º ano são feitas algumas atividades em que eles vão há escola do 2.º ciclo conhecer a escola, ter algumas atividades com os professores de lá, isso é facilitador para que haja uma melhor adaptação.”* (Professora 1). Para a outra professora a estratégia de preparação para outro contexto também se prende, no sentido de ir visitar e ter experiência de estar numa escola de 2.º ciclo *“(…) há uma atividade sempre, que tem a ver com os laboratórios que é no 3.º período no agrupamento, em que os*

*alunos do 4.º ano são convidados a deslocar-se ao agrupamento e ver e fazer experiências, ter atividades, visitam a escola (...)* (Professora 2).

As opiniões no que concerne à cooperação que poderá existir entre encarregados de educação e professores/instituições antes do início do ano letivo, são bastante comuns entre as professoras entrevistadas, *“(…), o que é feito é a reunião prévia, mas acontece no dia em que eles vêm, portanto, os pais vêm e enquanto os pais estão comigo, a dar as informações que são imensas.”* (Professora 1), enquanto a opinião da outra professora é *“Não, é só quando começa. Antes do início do ano letivo não. É assim, nós por exemplo vamos falando aos pais, sobre as nossas preocupações, tentamos explicar que a escola é muito diferente, que eles têm de ter outra postura, pronto, vamos dando estas indicações, mas não aquela reunião, digamos formal para que os pais saibam como é que vão agir, quando eles transitam.”* (Professora 2).

Uma das questões colocada às professoras entrevistadas, teve em consideração se estas tomam conhecimento se os familiares prepararam as crianças para o contexto educativo que iriam enfrentar. Há aqui, a considerar famílias, que mesmo tendo dificuldade tentam ajudar os seus filhos para a adaptação escolar que irão sofrer, *“Alguns pais sim, têm essa preocupação, mas muitas vezes eles acham que estão a ajudar e no fim não estão. (...) por vezes em casa, eles não ensinam usando as mesmas estratégias usadas em sala de aula, o que por vezes provoca “conflitos”.”* (Professora 1).

### ***Análise comparativa, entre as informações recolhidas pelas educadoras de infância e as professoras de 1.º CEB***

Ao analisar os dados recolhidos, através das respostas das educadoras e das professoras, é possível verificar uma concordância em algumas respostas dadas, bem como algumas opiniões que são relativamente divergentes, o que poderá ter como consequência, ou o método utilizado pela instituição, ou o contexto educativo onde lecionam, ou apenas as suas opiniões pessoais.

No que diz respeito à definição de adaptação escolar, é possível verificar que são opiniões bastante idênticas, falando cada docente do seu contexto educativo, mas concluindo que adaptação escolar, tal como Novaes (2002, p.17), *“(…) a palavra “adaptar” procede dos vocábulos latinos *ad-aptus*, que querem dizer em direção ao conveniente e adequado, significa ajustar, acomodar, amoldar; ao adaptarmos algumas coisa modificamo-la de certo modo para atender a determinados requisitos.”*

No que respeita às estratégias utilizadas para a adaptação das crianças ao contexto educativo, há uma discrepância, que se deve, principalmente, ao contexto educativo em que cada docente se encontra, daí as diferenças existentes.

Tendo ainda em consideração, as estratégias que são utilizadas, quando as crianças irão transitar de contexto educativo, e conseqüentemente, sujeitar-se a uma nova adaptação escolar, educadoras e professoras, realizam o mesmo método “(...) Normalmente nós fazemos uma visita à escola primária mais perto, para eles conhecerem essa realidade que vão enfrentar.” (Educadora 1); “(...) pedimos a colaboração das professoras para mostrarem um bocadinho do que é que se faz na escola primária, e para as crianças conhecerem aquele ambiente de escola.” (Educadora 2); “(...) normalmente é feita uma atividade, portanto, ao longo do 4.º ano são feitas algumas atividades em que eles vão há escola do 2.º ciclo conhecer a escola. (...)” (Professora 1); “(...) no 3.º período no agrupamento, (...) os alunos do 4.º ano são convidados a deslocar-se ao agrupamento e ver e fazer experiências, ter atividades, visitam a escola, (...)” (Professora 2).

Referente à relação família-escola, de certo modo, educadoras e professoras concordam no sentido, em que a família deve estar presente, manter-se informada sobre o que aconteceu na escola, informar também os docentes de algum comportamento que tenha acontecido em casa e que possa ser visível o seu transtorno na escola.

**Tabela 7.** Categoria e subcategorias da análise das entrevistas às crianças do jardim de infância e do 1.º CEB

<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>
Adaptação da criança ao contexto educativo	Vivência do primeiro dia de jardim de infância e de escola
	Como idealizavam que seria o jardim de infância e a escola
	Que diferença existe entre o jardim de infância e a escola?

### **Perspetivas das crianças**

Ao questionar as crianças sobre as suas vivências do seu primeiro dia de jardim de infância, a maioria das crianças afirmou que não se lembrava “Não me lembro, foi há muito tempo.” (Criança 1); “Não me lembro, mas devo ter gostado.” (Criança 2); “Não me lembro, foi há muito tempo.” (Criança 4); a outra criança afirmou “Foi divertido, eu gostei.” (Criança 3). Já no que respeita às crianças do 1.º CEB, todas se lembravam, talvez por ser algo recente, uma vez que as entrevistas por *focus group* foi realizada no 1.º período escolar, as crianças afirmaram “Fiquei a ver como é que era, para ficarmos a ver os sítios.” (Criança 5); “Sim, a mãe veio comigo e eu conheci todos os cantos da escola, (...)” (Criança 6); “Lembro-me, nós andámos a ver os sítios, andámos a ver onde é que era a nossa sala (...)” (Criança 8); “Foi um pouco complicado, por causa de que eu nunca tive nesta escola, (...)” (Criança 11).

Há a considerar que as crianças de jardim de infância, poderiam não se lembrar uma vez que todos eles frequentavam aquela instituição desde a creche. As crianças do 1.º CEB, tinham na sua memória o primeiro dia de escola, uma vez que era a primeira vez que se encontravam a frequentar aquele contexto educativo e aquela escola pela primeira vez.

Foi também interrogado às crianças se o jardim de infância era como estes idealizavam, as duas crianças da sala dos três anos de idade, afirmaram que *“Não, eu pensava que ia ser muito apertado, porque tem muitos meninos.”* (Criança 1); *“Não, eu pensava que era da liberdade, sem ter professores.”* (Criança 2). As crianças pertencentes à sala dos cinco anos de idade, responderam que *“Sim, porque pensava que ia ser divertido.”* (Crianças 3 e 4), *“(…) que ia ganhar muitos amigos.”* (Criança 4).

Tendo em consideração as crianças do 1.º CEB, as respostas das crianças foram maioritariamente negativas, no sentido de algumas crianças afirmaram que a escola não é como estas achavam. *“Não, porque eu pensava que a escola era maior e que a sala era maior, (…)”* (Criança 8); *“Não, pensava que não íamos aprender a ler os números, aprender as letras, o alfabeto.”* (Criança 11); *“Não, porque nós estamos a aprender a fazer as letras, não tinha nenhuma ideia da escola.”* (Criança 12). Há a ter em ponderação que houve uma criança que comparou a escola ao jardim de infância, porque afirmou que *“Não, não tem tapete, não tem nada para brincar.”* (Criança 9).

Para concluir, foi interrogado apenas às crianças do 1.º CEB, qual a diferença entre o jardim de infância e a escola, no qual houve uma criança que se recusou responder, tendo sido a sua vontade respeitada, e houve ainda respostas idênticas. *“A outra escola a mãe podia entrar na escola até eu estar na sala.”* (Criança 6); *“Lá na creche as mães podiam entrar lá dentro da sala e aqui não (…)”* (Criança 8); *“Às vezes uns meninos brincam e a educadora chama meninos para fazerem tarefas, (…)* aqui ao pé da professora só podem ser dois...” (Criança 11); *“Esta escola é maior e a outra é mais pequena, o jardim, e esta não tem tapete e a outra tinha, esta escola já tem computadores e o jardim não tinha.”* (Criança 12).

Em suma, verifica-se que tanto as crianças do jardim de infância como as crianças do 1.º CEB têm questões comuns, que não poderiam ter respostas idênticas, uma vez que são contextos completamente díspares. Tendo em ponderação as respostas à última questão, que apenas era dirigida às crianças do 1.º CEB, pode-se afirmar que as crianças dão maior ênfase ao facto das mães não os poderem acompanhar no 1.º CEB, até à sala. Não é possível observar as crianças referenciarem sobre a responsabilidade de aprendizagem à qual agora estão sujeitos, mas mais uma vez, isto, poderá dever-se à circunstância de estarmos perante crianças que tinham ingressado no 1.º ano de escolaridade há pouco tempo.

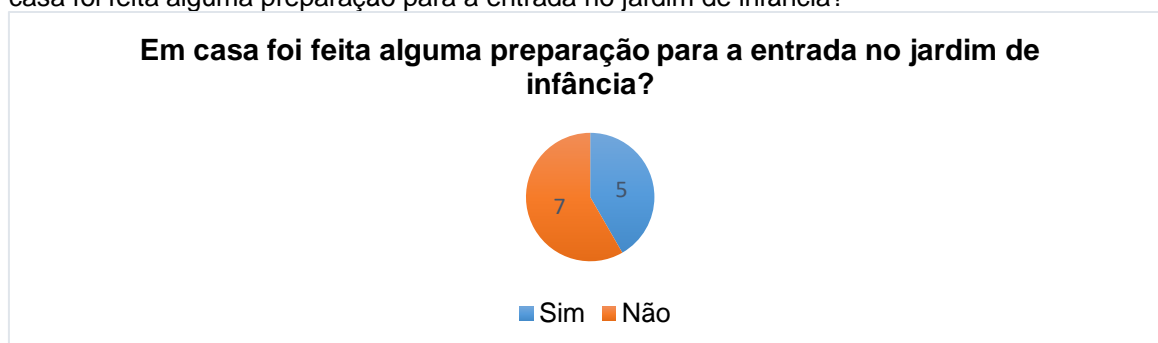
**Tabela 8.** Tabela de categorias e subcategorias da análise aos inquéritos por questionário de encarregados de educação

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
Preparação da adaptação da criança ao contexto educativo	Preparação realizada em casa pela família, para adaptação escolar
	Adaptação da criança ao contexto educativo
	Preparação realizada para a adaptação a um novo contexto educativo
Participação da família com a escola, na adaptação das crianças	Importância da cooperação entre pais, educadores/professores e/ou instituição

### **Perspetivas dos encarregados de educação**

Quando questionado aos encarregados de educação de crianças do jardim de infância, se foi realizada alguma preparação para a entrada do seu educando no jardim de infância, as respostas dos doze encarregados de educação, interrogados, foram as seguintes:

**Gráfico 1.** Respostas dos encarregados de educação de crianças do jardim de infância - "Em casa foi feita alguma preparação para a entrada no jardim de infância?"



Há a considerar que os encarregados de educação justificaram a sua resposta, quem indicou que realizou uma preparação, justificou que o tipo de preparação foi de carácter ativo, através de *“Jogos didáticos, expressão oral e plástica, incentivar na interação com outros/as (...)”* (EE.1); de carácter comunicativo *“Falámos com a criança, explicando-lhe o que ia acontecer e o porquê.”* (EE.2), *“Embora a minha filha não necessitasse de preparação porque adora a escola, expliquei-lhe que ela iria para a sala do pré-escolar (...)”* (EE.3); outros referiram que foi algo em conjunto com a educadora que acompanhava a criança desde a creche, *“A preparação foi gradual, com a ajuda também da educadora. Ao primeiro ficava só umas horas e a pouco e pouco foi ficando.”* (EE.4); houve ainda referência apenas no que respeita aos horários a ser cumpridos, *“Foi feita uma preparação ao nível dos horários de refeição e sesta.”* (EE.8).

Os encarregados de educação que referiram que não houve preparação em casa, alguns não justificaram, outros deram algumas justificações, o facto de terem

*“Desconhecimento da causa.”* (EE.7); o facto das crianças se manterem na mesma instituição que frequentaram na creche *“Porque a criança frequenta a instituição desde os 8 meses. Conhecendo as profissionais não houve essa necessidade.”* (EE.6); *“(…) Não devemos passar muita ansiedade p/a a criança.”* (EE.11); dando ainda justificação algumas características da criança, *“Por se tratar de uma criança bastante sociável e calma.”* (EE.9).

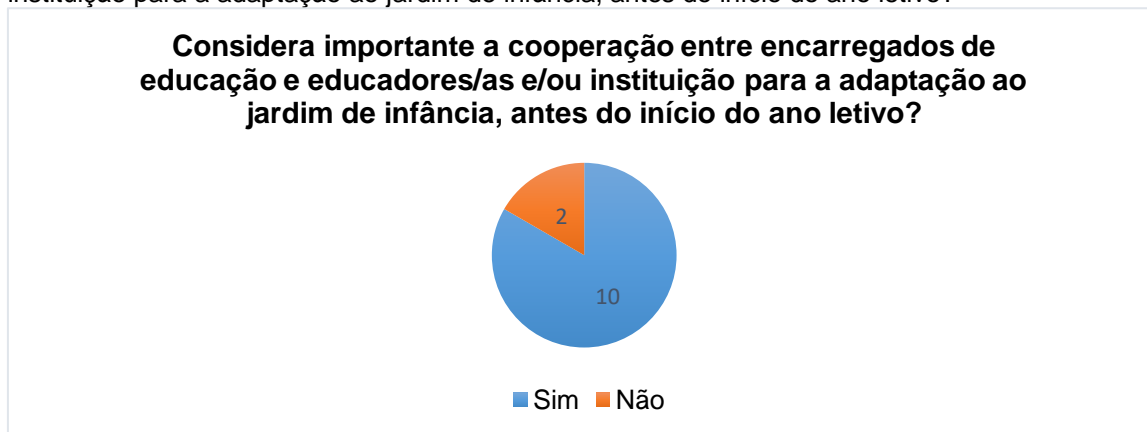
Quando interrogados sobre a adaptação do seu educando ao contexto educativo, a resposta foi unânime entre todos, os seus educandos adaptaram-se bem ao novo contexto educativo. No entanto, as justificações foram diversas, *“Apesar de ser uma criança introvertido, vinha feliz do jardim, falar do que tinha feito. (…)”* (EE.2), *“Após ingresso na escola (pré-escolar) não sofreu qualquer tipo de alteração no comportamento, mostrou-se sempre bem disposto e alegre tanto de manhã quando ia para a escola como à tarde quando ia para casa.”* (EE.3); há sempre justificações que têm em ponderação características da criança, *“(…) é uma criança muito sociável e adapta-se muito bem a qualquer contexto.”* (EE.8), ou até mesmo porque *“(…) é uma criança muito atenta e interessada em aprender.”* (EE.6), *“Lidou muito bem com a adaptação, sem stress.”* (EE.11); há sempre a ter em conta o facto de muitas crianças transitarem para o jardim de infância, na mesma instituição, com a mesma educadora e com o mesmo grupo, dessa forma é uma adaptação mais facilitada, *“Fácil integração possivelmente pelo facto de a educadora e a auxiliar de educação terem acompanhado desde a creche.”* (EE.7). Existindo encarregados de educação que não justificaram.

Aos encarregados de educação de crianças que iam transitar para o 1.º CEB, foram colocadas duas questões extra, que têm em consideração a preparação que está ou não a ser feita. Há questão se existe preparação para a adaptação no 1.º CEB, por parte do/a educador/a, as respostas foram concordes por todos os encarregados de educação, em que foi uma resposta positiva. Neste sentido, houve justificações, tais como *“Noto que ele me fala de situações que para o ano irão acontecer (…).* (EE.10)”, ou então *“Tem sido feita uma preparação no âmbito do conhecimento das letras, números, sistemas, histórias. Têm sido dadas a conhecer as alterações no âmbito escolar.”* (EE.12).

Novamente os encarregados de educação estão em concordância positiva, relativamente se o respetivo educando está também em casa a ser preparado para o 1.º CEB. Neste caso, os encarregados de educação baseiam-se em conversas, também há quem trabalhe no sentido dos desafios que a criança poderá enfrentar, tal como *“Venho explicando que para o ano ele tem de ser mais independente, tento que ele faça tarefas sozinho (…)* respondo a questões colocadas por ele, relativamente ao que poderá acontecer para o ano.” (EE.10).

Quando se abordou a questão da cooperação entre encarregados de educação e educadores e/ou instituição, as contestações foram unânimes na maioria das respostas, contudo houve quem contrariasse:

**Gráfico 2.** Respostas dos encarregados de educação de crianças do jardim de infância - "Considera importante a cooperação entre encarregados de educação e educadores/as e/ou instituição para a adaptação ao jardim de infância, antes do início do ano letivo?"

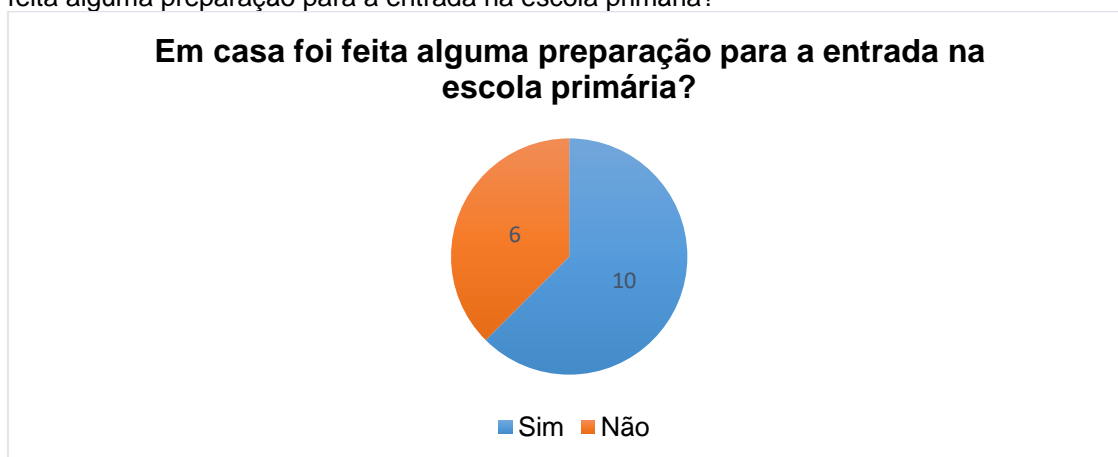


Mais uma vez foi pedido aos encarregados de educação que justificassem as suas respostas, no entanto, houve quem não o fizesse. Aqueles que justificaram, indicaram, *“Para que se possa conhecer o projeto educativo e também em casa se ir complementando o que se faz no jardim de infância.”* (EE.6), *“A relação casa-escola-casa é benéfico para o desenvolvimento psicológico e físico da criança.”* (EE.8), tendo em consideração o desenvolvimento da criança há quem indique que *“A cooperação entre pais e educadores é essencial não só no início do ano mas sempre, (...) É um trabalho de equipa entre ambos (...).”* (EE.4) e *“A cooperação entre pais/educadores e a instituição são importantes e essenciais antes e durante o percurso letivo das crianças (...).”* (EE.3).

Para os encarregados de educação que não acham a cooperação importante, é pelo motivo de que *“Pode criar ansiedade na criança, se esta não se sentir à vontade com a mudança.”* (EE.10), e porque *“Acho que só depois de conhecerem as crianças é que podem, junto com os pais, cooperarem (...).”* (EE.11)

Relativamente às questões colocadas aos encarregados de educação das crianças do 1.º CEB, numa análise às respostas da questão se foi realizada alguma preparação em casa, as opiniões divergem:

**Gráfico 3.** Respostas dos encarregados de educação das crianças do 1.ºCEB - "Em casa foi feita alguma preparação para a entrada na escola primária?"



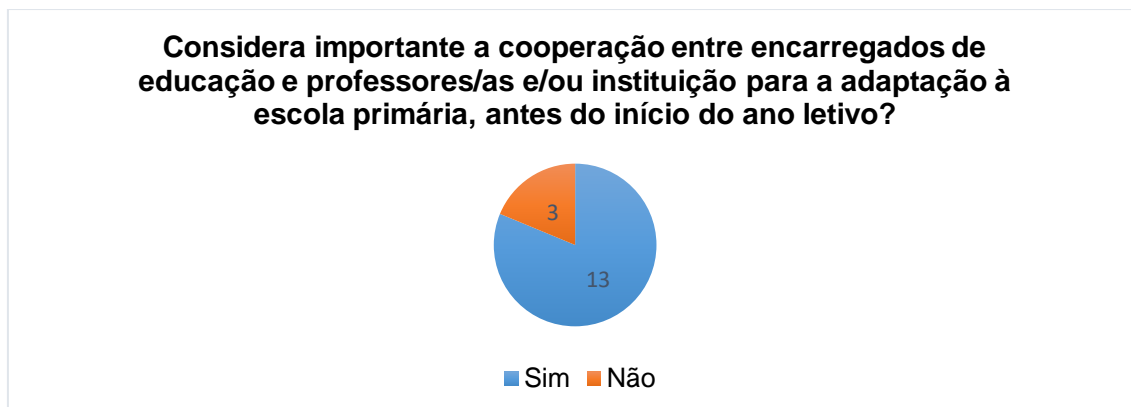
No caso de uma resposta negativa, encarregados de educação apresentaram diversas opiniões, tais como *“Não considero importante a preparação para a escola primária, porque as crianças devem brincar.”* (EE.14), *“Sempre andou na pré-escola, pelo que julgo que teve toda a preparação lá.”* (EE.23), também há quem tenha uma visão negativa sobre a preparação *“(…) Considero prejudicial o excesso de preparação antes da entrada no 1.º ciclo.”* (EE.24). É de referir que quando há uma resposta positiva a esta questão, também afirmam que as crianças tiveram preparação no jardim de infância e que colaboravam com a educadora nesse aspeto, *“Quando a educadora abordou as vogais e os números, foi algo que em casa também trabalhei.”* (EE.15).

Diversos encarregados de educação abordam o psicológico da criança, *“Uma preparação mais ao nível psicológico para a alteração que ia surgir na sua vida.”* (EE.19), *“Preparação psicológica, abordando o tema “ESCOLA”.”* (EE.28).

No que diz respeito à questão se o educando se adaptou bem ao contexto educativo foi concorde a resposta afirmativa, muitos encarregados de educação afirmam que a criança fica satisfeita e feliz na escola, também existe comparação com o jardim de infância *“A insegurança que mostrava no jardim infância, não acontece na escola. (...)”* (EE.17).

Tendo em apreciação a questão relativa à cooperação entre encarregados de educação e professores/as e/ou instituição, mais uma vez houve contestações diferenciadas:

**Gráfico 4.** Respostas dos encarregados de educação de crianças de 1.º CEB - "Considera importante a cooperação entre encarregados de educação e professores/as e/ou instituição para a adaptação à escola primária, antes do início do ano letivo?"



Apenas um dos encarregados de educação que respondeu negativamente, justificou, *“Não considero importante porque tudo tem um tempo, e se as crianças souberem que vão para a escola porque são crescidos, não me parece haver necessidade de ir ao espaço antes do início do ano letivo.”* (EE.14).

Já os encarregados de educação que ponderaram a resposta positiva, afirmam, *“Muitas vezes para além de ser a 1.ª vez dos alunos é também a 1.ª vez dos pais. E a falta de informação é grande.”* (EE.17), é possível retirar a informação de que, há encarregados de educação que sentem muito uma falta de apoio das escolas antes dos seus educandos iniciarem o ano letivo no novo contexto. *“Acho importante haver um diálogo entre todos para conhecer melhor os meninos, com vista a facilitar a adaptação dos mesmos.”* (EE.22). *“Julgo que as regras deverão sair de casa (pais), a nível de comportamento na sala e com os outros, (...) Não cabe a um professor “educar” estas regras de principais/bases comportamentais. Por isso considero muito importante existir ligação prof./pais”.* (EE.23). Há ainda encarregados de educação que afirmam que *“É um SIM condicionado ao tipo de criança. Uma criança com dificuldades de integração ou que nunca tenha frequentado um jardim de infância poderá necessitar uma prévia adaptação antes do início do ano letivo.”* (EE.25).

Às questões sobre se é feita a preparação para transição para o 2.º ciclo, por parte do/a professor/a e em contexto familiar, em todos os casos as respostas foram afirmativas. Um dos encarregados de educação afirmou que faz a preparação em casa, mas *“Mais uma vez o objetivo não é pressionar, mas sim apenas ir conversando sobre o que é o 2.º ciclo (...).”* (EE.25), há ainda a afirmação de que *“É importante para retirar o medo da mudança.”* (EE.26).

## 5. Considerações finais

No que concerne à escolha da nossa investigação, as leituras e as pesquisas foram uma boa base para aprofundar o tema, considerando que este nos deu a possibilidade de investigar e acima de tudo aprofundar conhecimentos relativos às questões da adaptação escolar, com a qual concordamos que não há uma definição apenas, pois tendo em consideração as entrevistas realizadas às educadoras e às professoras, tendo cada uma abordado especificamente o seu contexto, as definições de adaptação variaram um pouco. Também obtivemos novos conhecimentos, relativos a estratégias que possam ser utilizadas para adaptar as crianças ao contexto educativo que irão frequentar.

Através dos inquéritos por questionário, obtivemos respostas de encarregados de educação relativamente à preparação ou não, em casa para a adaptação do seu educando e ainda sobre a cooperação entre família e instituições e/ou educadores/professores.

Algo com que nos deparamos, foi com o facto de quando investigamos sobre o papel dos docentes em jardim de infância e 1.º CEB, sentimos que estão pouco articulados, uma vez que ambos transmitem o seu conhecimento e diversas aprendizagens às crianças, deveriam ter conhecimento sobre as especificidades quer do contexto de jardim de infância, quer do contexto de 1.º CEB, pois seria também um processo de aprendizagem, rico em conhecimento. Segundo Serra (2004, p.78) há a considerar que “Quanto mais os docentes se inteirarem das especificidades e das similitudes entre educação pré-escolar e 1.º CEB, mais se enriquece o universo pedagógico dos professores e educadores e maiores serão as oportunidades de sucesso para as crianças.”.

As famílias têm um papel fulcral na adaptação escolar da criança, estas devem estabelecer uma relação com a escola e vice-versa, para que haja condições adequadas a cada criança, para o seu sucesso quer na adaptação quer na vida escolar que se segue. Cabe ainda à família, essencialmente, transmitir à criança segurança e acima de tudo confiança de que irá correr tudo bem, para que estes se sintam preparados para enfrentar o novo desafio que se aproxima.

Podemos afirmar que a realização deste trabalho investigativo, abriu novos horizontes para novas pesquisas. Há a destacar que uma das pesquisas que poderá ser realizada futuramente será tendo em consideração o tema da transição escolar. No entanto, o tema investigado pode ser mais aprofundado, fazendo algumas alterações, tais como, entrevistar educadores e professores que estivesse a experienciar pela

primeira vez o momento de adaptação escolar, encarregados de educação que tivessem os seus educandos pela primeira vez, a vivenciar um novo contexto educativo.

Como limitações deste estudo, destacamos principalmente, a falta de observação da entrada das crianças no novo contexto educativo, e a forma como foram selecionadas as amostras, uma vez que foram por conveniência, de onde foram realizados os estágios, ao invés de serem amostras aleatórias.

Em suma, o percurso investigativo realizado deu-nos conhecimento para crescer pessoal e profissionalmente. Permitiu-nos compreender melhor a adaptação escolar e conhecer algumas estratégias utilizadas e que com a devida adaptação a cada criança, serão eficazes. Assim, concluímos que foi um processo enriquecedor, pois desenvolvemos capacidades, mobilizamos conhecimentos e acima de tudo aproveitamos ao máximo cada oportunidade que nos foi dada.

Deste modo, há ainda a destacar que nesta profissão está-se em constante formação para que haja sempre algo a melhorar.

## Reflexão final

O desenvolvimento profissional é um processo vivencial não puramente individual, mas um processo em contexto. O desenvolvimento profissional conota uma realidade que se preocupa com os processos [...], a relevância para as práticas [...] e o impacto da aprendizagem dos alunos. (Oliveira-Formosinho e Formosinho, 2001, p. 31)

A concretização deste relatório final de estágio, expõe o meu percurso académico no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB.

O facto de ter a oportunidade de estagiar em três contextos diferentes, permitiu-me conhecer as realidades vividas em cada contexto, adequando a teoria aprendida à prática educativa.

Ao longo destas práticas, pude acompanhar o trabalho desenvolvido pelas diversas educadoras e professoras cooperantes, o que me levou a compreender melhor as tarefas que se encontram inerentes a esta profissão, bem como as funções que os docentes desempenham para exercerem uma boa prática. A visão global dos três contextos de estágio, possibilitou-me diversas aprendizagens, uma vez que as educadoras e as professoras cooperantes partilharam a sua experiência e os seus saberes para comigo, tal como atitudes e valores que são essenciais enquanto educadora e professora, sendo o que mais respeitei ao longo da prática, o respeito pela individualidade de cada criança.

Algo comum ao contexto de creche e de jardim de infância foi a importância das rotinas, pois estas regem o meio de aprendizagem e desenvolvimento da criança, Hohmann e Weikart (2011, p.227) afirmam que “oferece um enquadramento estável no qual as crianças (...) podem sem perigo iniciar, reflectir sobre a mesma, modificar e expandir as experiências de aprendizagem pela acção.”.

Ao longo dos estágios a minha maior dificuldade, foi a avaliação, mais especificamente os materiais de avaliação que poderia utilizar. Guimarães e Cardona (2012, p.93) referem-se à avaliação como “um meio que fornece uma visão completa e compreensiva da realização da criança (...) permite conhecer o que a criança sabe o que é capaz de fazer, quais são os seus interesses e motivações”. Para atenuar essa dificuldade recorri a conversas informais com as cooperantes, para obter informações fidedignas. Sei se demorei algum tempo, pois é um processo que se consegue ultrapassar e melhorar através da experiência. É deste modo, importante ser reflexivo,

ou não fosse um dos papéis fundamentais dos docentes, para que se consiga compreender o que poderá ser melhorado na sua prática.

Para Fontana e Fávero (2013, p.5), “o profissional nunca deve se sentir completamente satisfeito com seu trabalho e com suas atitudes perante ele, para que, dessa forma, possa estar sempre em busca de melhoras na sua prática”. Durante a minha prática futura, pretendo continuar a refletir sobre a minha forma de proceder às diversas situações, para conseguir evoluir enquanto profissional.

A partilha de conhecimentos entre vários membros da comunidade educativa, foram uma mais-valia para mim, pois foi apenas em quatro estágios que tive a prática de estar perante um grupo e foi essencial algumas das informações iniciais que as educadoras e as professoras cooperantes partilharam.

A preparação e a implementação das entrevistas semidiretivas, o *focus group* e dos inquéritos por questionário, foram momentos importantes para que os objetivos da investigação fossem alcançados. As mesmas proporcionaram-me um contacto mais próximo com a minha educadora e professora cooperante, e com outra educadora e outra professora, quer pertenciam à instituição onde realizava estágio, o que para mim foi uma mais valia pois foi-me possível ouvir as suas experiências e vivências no que respeita à adaptação, e foi possível questionar sobre algo que as mesmas diziam no momento.

Ao proceder à minha avaliação pessoal ao longo dos estágios realizados, no decorrer deste metrado, concluo que estes ficaram marcados pela análise crítica que fiz de cada um, relativamente aos pontos que não correram da melhor forma e ao que devia melhorar. Em todos os estágios fui bastante crítica nas minhas ações, para que possa sempre melhorar, independentemente das ações que possam ter corrido bem.

Houve uma consciencialização sobre o papel do docente, tanto em contexto de educação pré-escolar, como em contexto de 1.º CEB. É essencial que um docente seja reflexivo, para conseguir excluir os pontos menos positivos durante a prática e apresentar uma mudança relativa aos mesmos, assim o docente está a crescer no seio educativo. Sá-Chaves (2007, p.14) afirma que “a reflexão (...) constitui-se uma condução imprescindível ao desenvolvimento, quer na dimensão profissional de acesso aos conhecimentos específicos de cada profissão sejam (...) de acesso ao conhecimento de si próprio”.

Um hábito que foi estabelecido ao longo dos estágios foi refletir ao fim de cada dia e/ou semana, para procurar compreender o que melhorar na prática. Foi essencial a realização de leituras e pesquisas para esclarecer dúvidas, dilemas e até mesmo para ajudar nas dificuldades que pudessem ser sentidas. Há a ter em atenção que apesar da

teoria, os conhecimentos que são adquiridos através da mesma, só fazem sentido quando nos confrontamos com o mesmo, ou seja, através da prática.

Na minha opinião, ao longo do trabalho existe uma integrante reflexiva, tendo-me permitido desenvolver competências como uma atitude de reflexão e uma análise crítica.

Há ainda a salientar a importância da realização deste trabalho para a minha futura prática, pois é um tema que poderá surgir, e se não realizasse esta investigação aprofundada não teria tanto conhecimento sobre o tema, e possivelmente se tivesse de intervir perante uma situação de adaptação, teria algum receio.

Há a considerar que é extremamente importante o processo de formação contínua entre todos os contextos de educação, para que haja um apoio incondicional entre educadores de infância e professores. Sendo ainda importante o docente investigue a prática, uma vez que no ensino está-se em constante aprendizagem. No decorrer da prática, o docente investiga através de questões que coloca sobre o que fez e como realizou, e conseqüentemente, fundamenta as suas questões, de modo a obter resposta ao seu processo reflexivo de investigação.

Um docente pode investigar a sua própria prática, sem nunca desperdiçar o seu papel, assim sendo um docente pode também ser um investigador. Alarcão (citada por Ponte, 2002, p.2), justifica a ideia de "(...) todo o bom professor tem de ser também um investigador, (...)”, considerando os subseqüentes termos:

“Realmente não posso conceber um professor que não se questione sobre as razões subjacentes às suas decisões educativas, que não se questione perante o insucesso de alguns alunos, que não faça dos seus planos de aula meras hipóteses de trabalho a confirmar ou infirmar no laboratório que é a sala de aula, que não leia criticamente os manuais ou as propostas didáticas que lhe são feitas, que não se questione sobre as funções da escola e sobre elas estão a ser realizadas.”

É essencial que o docente investigue durante a prática, pois é um processo beneficiário da construção de conhecimento e uma imensa valia para o desenvolvimento profissional.

Pode-se considerar quatro razões para que os docentes realizem investigações sobre a sua própria prática, segundo Ponte (2002, p.3) “(i) para se assumirem como autênticos protagonistas no campo curricular e profissional, tendo mais meios para enfrentar os problemas emergentes dessa mesma prática; (ii) como modo privilegiado de desenvolvimento profissional e organizacional; (iii) para contribuírem para a construção de um património de cultura e conhecimento dos professores como grupo profissional; e (iv) como contribuição para o conhecimento mais geral sobre os problemas educativos.”

É extremamente importante, ser-se apaixonado pelo ensino e pela profissão de educador/professor, só assim fazemos tudo pelo melhor e com imensa motivação. Tal

como refere Day (2004, pp.36.37) “Ser apaixonado pelo ensino não é unicamente demonstrar entusiasmo, mas também exercer a sua actividade de uma forma inteligente, baseando-se em princípios e valores. Todos os professores eficazes assumem a paixão (...) pelos seus alunos e uma crença apaixonada de que o que são e o que ensinam poderá fazer a diferença na vida dos seus alunos.”.

O trabalho de pesquisa possibilitou-me encontrar respostas sobre o conceito de adaptação, que é diferenciado por diversos autores, e sobretudo sobre as estratégias utilizadas para a adaptação das crianças nos diferentes contextos educativos. Como futura educadora/professora esta investigação ensinou-me a compreender melhor que tipo de estratégias poderão ser utilizadas para gerir o processo de adaptação em contexto de Educação Pré-Escolar ou Ensino do 1.º CEB, para o bem-estar da criança e também como tranquilizar as famílias que deixam os seus filhos pela primeira vez num contexto escolar.

## Referências Bibliográficas

- Afonso, N. (2014). *Investigação naturalista em educação: Um guia prático e crítico*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Almeida, S. (2016). *A Importância da Educação Ambiental voltada para a questão da reciclagem do lixo no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Escola Superior de Educação de Santa Maria. Instituto Superior Politécnico Gaya.
- Alexandre, D. (2018-2019). *Projecto de Educação para a Saúde*. Projeto Turmas do 1º Ano do Agrupamento Marcelino Mesquita. Cartaxo.
- Amaro, A., Póvoa, A. & Macedo, L. (2004/2005). *A arte de fazer questionários*. Metodologias de Investigação em Educação. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
- Avaliação do Desenvolvimento Socioeconómico*. Manual Técnico II: Métodos e Técnicas. A Recolha de Dados: *Focus Groups*.
- Balancho, M. J. & Coelho, F. (1996). *Motivar os alunos – criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas*. Lisboa: Texto Editora.
- Barbosa, J. & Chaves, W. (2016). *A criança enquanto condição do sujeito em Freud: apontamentos para uma clínica psicanalítica com crianças*. Psicologia em Pesquisa. Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Borges, M. F. T. & Souza, R. C. de (org.). (2002). *A práxis na formação de educadores de educação infantil*. Rio de Janeiro.
- Bowlby, J. (2004). *Separação – Angústia e raiva*. São Paulo: Martins Editora.
- Brazelton, T. (2007). *O grande livro da criança. O desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos*. Lisboa: Editorial Presença.
- Brazelton, T. & Sparrow, J. (2003). *A criança dos 3 aos 6 anos*. Lisboa: Editorial Presença.
- Brazelton, T. & Sparrow, J. (2008). *Dominando a Raiva e a Agressividade*. Porto Alegre: Artmed.
- Bzuneck, J. (2001). *A motivação do aluno aspetos introdutórios*. In Boruchovitch, E. & Bzuneck, J. (orgs). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. Petrópolis: Vozes.
- Cardona, M. (2014). *Falando de transições: entre a educação de infância e a escola*. Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 25, n. 2.
- Carvalho, C., Boléo, M. J. & Nunes, T. (2006). *Cooperação família-escola – Estudo de situações de famílias imigrantes na sua relação com a escola*. Lisboa: Acime-Alto comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Day, C. (2004). *A Paixão pelo Ensino*. Porto: Porto Editora.
- Direção-Geral da Educação. *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*. Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes: Uma Estratégia de Formação de professores*. (4ª Edição). Lisboa: Porto Editora.
- Fontana, M. & Fávero, A. (2013). *Professor Reflexivo: Uma integração entre a teoria e a prática*. Revista da Educação Ideau.
- Fujisawa, D. S., (2000). *Utilização de jogos e brincadeiras como recurso no atendimento fisioterapêutico de criança: implicações na formação do fisioterapeuta*. Dissertação. Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.
- Guimarães, C. & Cardona, M. (Orgs). (2012). *Avaliação na Educação de Infância*. Viseu: Psicosoma.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2011). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Maciel, O., Nunes, A., & Claudino, S. (2014). *Recurso ao inquérito por questionário na avaliação do papel das Tecnologias de Informação Geográfica no ensino da*

- Geografia*. Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT), n.º 6 (dezembro). Centro de Estudos de Geografia do Território.
- Monteiro, S. (2016). *A importância das histórias no desenvolvimento das crianças*. Escola Superior de Educação, Santarém.
- Morgado, J. (2004). *Qualidade na Educação - Um Desafio para os professores*. Lisboa: Presença
- Moura, O. (2019). *Portal da Dislexia*. Visualizado 18 de abril de 2019, de <http://dislexia.pt>
- Oliveira, P. (2012). *O período de adaptação no processo educativo: um levantamento bibliográfico e metodológico*. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. [Obtido em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=000846286>]
- Oliveira-Formosinho, J., & Formosinho, J. (2001). *Associação criança: um contexto de formação em contexto*. Braga: Livraria Minho.
- Ponte, J. (2002). *Investigar a nossa própria prática*. Departamento de Educação e Centro de Investigação em Educação. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Rapoport, A.; Sarmiento, D. F.; Nörnberg, M., Pacheco, S. M. (2008). *A adaptação de crianças ao primeiro ano do ensino fundamental*. In: Educação, vol. 31, nº3, p. 268-273., Porto Alegre.
- Reis, P. (2008). *Investigação e Descobrir. Atividades Para a Educação em Ciência nas Primeiras Idades*. Edições Cosmos.
- Sá-Chaves, I. (2007). *Portefólios reflexivos – Estratégia de formação e supervisão*. (3.ªed.). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Santos, L. (2002). *Auto-avaliação regulada - porquê, o quê e como?*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento do Ensino Básico
- Serra, C. (2004). *Currículo na Educação Pré-Escolar e Articulação Curricular com o 1ºCiclo do Ensino Básico*. Porto, Porto Editora
- Silva, I. (2016). *Orientações Curriculares para o Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção Geral da Educação.
- Temas da Psicologia, 2013. *Piaget: Adaptação-Acomodação-Assimilação*. Visualizado a 11 de julho de 2018. Disponível em: <https://temasdapsicologia.wordpress.com/2013/08/05/piaget-adaptacao-acomodacao-assimilacao/> .
- Tuckman, B. (2005). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vasconcelos, T. *A adaptação ao jardim de infância: o seu filho ficou a chorar?*. Visualizado a 14 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.portoeditora.pt/paisealunos/pais-and-alunos/noticia/ver?id=78102&langid=1>

## **Legislação Consultada**

Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, consultado em Diário da República n.º 34/1997, Série I-A. Lisboa: Assembleia da República.

Decreto-Lei n.º 241/2001, consultado em Diário da República n.º 201/2001, Série I-A. Lisboa: Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho, consultado em Diário da República n.º 129/2018, Série I-A. Lisboa: Assembleia da República

## **Anexos**

**Anexo I – Guião de Entrevista aplicado às crianças do pré-escolar e do 1.º**

**CEB**

**Tema: “Adaptação das crianças na Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico”**

<b>Blocos temáticos</b>	<b>Objetivos específicos</b>	<b>Formulário de Questões às crianças do pré-escolar</b>	<b>Formulário de Questões às crianças do 1º CEB</b>	<b>Observações</b>
<b><u>Bloco A</u> Legitimação da entrevista e Motivação do entrevistado</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dar a conhecer o tema da entrevista;</li> <li>- Garantir o anonimato das informações;</li> <li>- Motivar a colaboração do/a entrevistado/a.</li> </ul>			- O objetivo geral da entrevista é “conhecer como se desenvolve a adaptação das crianças ao contexto educativo”
<b><u>Bloco B</u> Dados do entrevistado</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Caracterizar o entrevistado / entrevistada.</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Quantos anos tens?</li> <li>2. Há quanto tempo frequentas o jardim de infância?</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Quantos anos tens?</li> <li>2. Há quanto tempo frequentas a escola?</li> </ol>	
<b><u>Bloco C</u> Adaptação da criança ao contexto educativo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer as experiências do primeiro dia de jardim de infância / dia de aulas no 1ºCEB;</li> <li>- Compreender se o jardim de infância / 1ºCEB vai ao encontro das expectativas da criança;</li> <li>- Identificar o que as crianças mais gostam e menos gostam no</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lembras-te como foi o primeiro dia do jardim de infância?</li> <li>2. O jardim de infância é como tu pensavas? Porquê?</li> <li>3. O que mais gostas no jardim de infância?</li> <li>4. O que menos gostas no jardim de infância?</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Lembras-te como foi o primeiro dia de escola?</li> <li>2. A escola é como tu pensavas? Porquê?</li> <li>3. O que é que é para ti a escola?</li> <li>4. O que mais gostas na escola?</li> <li>5. O que menos gostas na escola?</li> </ol>	

	<p>jardim de infância/1ºCEB;</p> <p>- Identificar o que as crianças acham do jardim de infância / 1ºCEB;</p> <p>- Identificar se as crianças do 1.º CEB diferenciam o jardim de infância do 1.º CEB.</p>	<p>5. O que achas mais fácil no jardim de infância?</p> <p>6. O que achas mais difícil no jardim de infância?</p> <p>7. Se pudesses mudar algo no jardim de infância, o que mudarias?</p>	<p>6. O que achas mais fácil na escola?</p> <p>7. O que achas mais difícil na escola?</p> <p>8. Se pudesses mudar algo na escola, o que mudarias?</p> <p>9. Quais as diferenças entre o jardim de infância e a escola?</p>	
<p><b><u>Bloco D</u></b></p> <p><b>Validação /</b></p> <p><b>Agradecimentos</b></p>	<p>- Dar oportunidade de acrescentar algo;</p> <p>- Agradecer a disponibilidade e a colaboração.</p>	<p>1. Ficou alguma coisa por dizer?</p>		

**Anexo II – Guião de Entrevista aplicado às Educadoras de Infância e às  
Professoras do 1.º CEB**

**Tema: “Adaptação das crianças na Educação Pré-Escolar e dos alunos no 1.º Ciclo do Ensino Básico”**

<b>Blocos temáticos</b>	<b>Objetivos específicos</b>	<b>Formulário de Questões às educadoras de infância</b>	<b>Formulário de Questões às professoras de 1.º CEB</b>	<b>Observações</b>
<b><u>Bloco A</u> Legitimação da entrevista e Motivação do entrevistado</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentar a natureza do trabalho;</li> <li>- Dar a conhecer o tema e o objetivo geral da entrevista;</li> <li>- Garantir o anonimato das informações;</li> <li>- Motivar a colaboração do/a entrevistado/a.</li> </ul>			- O objetivo geral da entrevista é “conhecer como se desenvolve a adaptação das crianças e dos alunos ao contexto educativo”
<b><u>Bloco B</u> Dados do entrevistado</b>	- Conhecer a formação académica e experiência profissional.	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Quais as suas habilitações académicas?</li> <li>2. Há quantos anos exerce a sua profissão?</li> <li>3. Exerceu sempre na mesma instituição? Em quantas instituições já exerceu?</li> <li>4. Na atual instituição exerce há quanto tempo?</li> </ol>		
<b><u>Bloco C</u> Adaptação da criança ao contexto educativo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer o que é a adaptação;</li> <li>- Conhecer as estratégias para a adaptação das crianças e dos alunos;</li> <li>- Compreender a importância da adaptação das crianças e dos alunos;</li> </ul>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. O que entende por adaptação escolar?</li> <li>2. Como se prepara a adaptação das crianças para a entrada no pré-escolar?</li> <li>3. Quais os aspetos mais importantes para o acolhimento das crianças no contexto educativo?</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. O que entende por adaptação escolar?</li> <li>2. Como se prepara a adaptação das crianças para a entrada no 1.º Ciclo do Ensino Básico?</li> <li>3. Quais os aspetos mais importantes para o acolhimento das crianças no contexto educativo?</li> </ol>	<p>Questões adicionais</p> <p>2.1. “E no caso de não frequentar a creche?” – <b>Ed.b</b></p> <p>2.1. “Ou seja, tenta sempre pegar naquilo a que eles vêm habituados?” – <b>Prof.b</b></p> <p>7.1. “O facto de existir mais disciplinas, acha</p>

	<p>- Conhecer a preparação do ambiente educativo, para o acolhimento de novas crianças;</p> <p>- Conhecer que preparação existe no pré-escolar, para a adaptação no 1.º Ciclo do Ensino Básico;</p> <p>- Conhecer que preparação existe no 1º Ciclo do Ensino Básico, para a adaptação no 2º Ciclo do Ensino Básico.</p>	<p>4. Que estratégias são utilizadas para preparar as crianças para a adaptação no pré-escolar? Essas estratégias são eficazes?</p> <p>5. Existe uma preparação do ambiente educativo, para o acolhimento de novas crianças?</p> <p>6. Quando existe essa preparação das crianças, influencia o bem-estar da criança no ambiente educativo?</p> <p>7. Existe alguma preparação que visa a adaptação das crianças para o 1.º Ciclo do Ensino Básico? Qual?</p>	<p>4. Que estratégias são utilizadas para preparar os alunos para a adaptação no 1.º Ciclo do Ensino Básico? Essas estratégias são eficazes?</p> <p>5. Existe uma preparação do ambiente educativo, para o acolhimento de novas crianças?</p> <p>6. Quando existe essa preparação das crianças, influencia o bem-estar da criança no ambiente educativo?</p> <p>7. Existe alguma preparação que visa a adaptação das crianças para o 2.º Ciclo do Ensino Básico? Qual?</p>	<p>que influencia a própria adaptação dos alunos ao 5.º ano?” – <b>Prof.a</b></p> <p>7.2. “Os alunos que têm Necessidades Educativas Especiais têm um tipo de preparação diferentes?” – <b>Prof.a</b></p> <p>7.3. “Esse caso, é porque as escolas pertencem ao mesmo agrupamento. E no caso de não pertencerem, seria diferente ou poderia ser feito da mesma maneira?” – <b>Prof.b</b></p> <p>7.4. “Ou seja, não é por existir agrupamentos que isso fará diferença?” – <b>Prof.b</b></p>
<p><b>Bloco D</b> <b>Participação da família com a</b></p>	<p>- Conhecer como a família e a escola podem em conjunto ajudar na adaptação das crianças;</p>	<p>1. Existe cooperação entre pais e professores/as para a preparação da adaptação no pré-escolar, antes do início do</p>	<p>1. Existe cooperação entre pais e professores/as para a preparação da adaptação no 1.º Ciclo do Ensino Básico, antes do</p>	<p>Questões adicionais</p> <p>2.1. “E tentam com que os pais façam isso em casa?” – <b>Ed.b</b></p>

<p><b>escola na adaptação da criança</b></p>	<p>- Compreender se a família prepara a criança para a entrada no contexto educativo.</p>	<p>ano letivo? (No caso de existir), de que maneira? 2. Quando a criança entra no pré-escolar pela primeira vez, o educador/a questiona os pais se existiu uma preparação de adaptação da criança? (No caso de não existir), há algum acompanhamento especial a fazer a essa criança?</p>	<p>início do ano letivo? (No caso de existir), de que maneira? 2. Quando a criança entra no 1.º Ciclo do Ensino Básico pela primeira vez, o professor/a questiona os pais se existiu uma preparação de adaptação da criança (No caso de não existir), há algum acompanhamento especial a fazer a essa criança?</p>	
<p><b><u>Bloco E</u></b> <b>Validação / Agradecimentos</b></p>	<p>- Relembrar o tema e o objetivo geral da entrevista; - Dar oportunidade de acrescentar algo; - Agradecer a disponibilidade e a colaboração.</p>	<p>1. Ficou alguma coisa por dizer, que queira acrescentar?</p>	<p>1. Ficou alguma coisa por dizer, que queira acrescentar?</p>	<p>Questões adicionais 1.1. “Por vezes, torna-se mais complicado, se os pais demonstram à criança o receio de as deixar cá?” – <b>Ed.b</b> 1.2. “Quando os pais não são capazes de cooperar com a escola, o que tentam fazer, para que estes consigam?” – <b>Ed.b</b></p>



## CONSENTIMENTO INFORMADO, ESCLARECIDO E LIVRE PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDOS DE INVESTIGAÇÃO

**Título do estudo:** Adaptação das crianças ao pré-escolar

**Enquadramento:** Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém.

Orientadora: Isabel Piscalho

**Explicação do estudo:** Esta investigação tem como título “Adaptação das criança ao pré-escolar e ao 1.º Ciclo do Ensino Básico”, tem como intuito obter informações sobre as vivências da criança no jardim de infância, compreender se o jardim de infância vai ao encontro das expetativas da criança e identificar o que a criança acha do jardim de infância. Será realizada por entrevista semidiretiva; Os dados recolhidos serão as opiniões das crianças a respeito do jardim de infância; A seleção dos/as entrevistados/as, terá o seguinte método, um rapaz e uma rapariga da sala dos 3 anos, e da sala dos 5 anos, sendo que será selecionada a criança mais velha da sala e a criança mais nova da sala; A entrevista terá lugar na instituição, tendo como duração cerca de 15 minutos.

**Condições:** Para a realização desta entrevista, o/a participante escolhido/a terá oportunidade de escolher se quer ou não responder.

**Confidencialidade e anonimato:** Os dados recolhidos através da entrevista, serão apenas utilizados para a presente investigação; Para esta investigação não serão utilizados nomes, mantendo a criança em anonimato, contudo serão utilizadas as idades; A realização da entrevista, será realizada num ambiente de privacidade, apenas entre entrevistadora e entrevistado/a.

**Agradeço a sua colaboração, para a realização desta entrevista.**

**Vanessa Costa, estudante da Escola Superior de Educação de Santarém**

**Endereço eletrónico:** [vanessacrcosta@hotmail.com](mailto:vanessacrcosta@hotmail.com)

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar pf este documento.

**Assinatura de quem pede consentimento:**

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade

de, em qualquer altura, o/a meu/minha educando/a recusar participar nesta investigação. Desta forma, aceito que o/a meu/minha educando/a participe nesta investigação e permito a utilização dos dados, confiando que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

**Encarregado de Educação:** \_\_\_\_\_

**Educando:** \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

**Anexo IV – Consentimento das entrevistas às crianças do 1.º CEB**

## CONSENTIMENTO INFORMADO, ESCLARECIDO E LIVRE PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDOS DE INVESTIGAÇÃO

**Títulos dos estudos:** Adaptação das crianças ao 1.º Ciclo do Ensino Básico

**Enquadramento:** Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém.

Orientadora: Isabel Piscalho

**Explicação dos estudos:** A investigação “Adaptação das crianças ao pré-escolar e ao 1.º Ciclo do Ensino Básico”, tem como intuito obter informações sobre as vivências da criança na escola, compreender se a escola vai ao encontro das expectativas da criança e identificar o que a criança acha da escola. Será realizada uma entrevista semidiretiva em *focus group*; Os dados recolhidos serão as opiniões das crianças a respeito do jardim de infância e da escola; A seleção dos/as entrevistados/as, terá o seguinte método, oito crianças do 1.º ano do 1.º CEB, sendo que serão selecionados as quatro crianças mais velhas e as quatro crianças mais novas, do 1.º ano escolar; A entrevista terá lugar na instituição, tendo como duração máxima cerca de 30 minutos.

**Condições:** Para a realização desta entrevista, o/a participante escolhido/a terá oportunidade de escolher se quer ou não responder.

**Confidencialidade e anonimato:** Os dados recolhidos através da entrevista, serão apenas utilizados para as presentes investigações; Para estas investigações não serão utilizados nomes, mantendo o aluno em anonimato, contudo serão utilizadas as idades; A realização da entrevista, será realizada num ambiente de privacidade, apenas entre entrevistadoras e entrevistados/as.

**Agradecemos a sua colaboração, para a realização desta entrevista.**

**Vanessa Costa, estudante da Escola Superior de Educação de Santarém**

**Endereço eletrónico:** vanessacrcosta@hotmail.com

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar pf este documento.

**Assinatura de quem pede consentimento:** \_\_\_\_\_

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pelas pessoas que acima assinam. Foi-me garantida a

possibilidade de, em qualquer altura, o/a meu/minha educando/a recusar participar nestas investigações. Desta forma, aceito que o/a meu/minha educando/a participe nestas investigações e permito a utilização dos dados, confiando que apenas serão utilizados para estas investigações e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelas investigadoras.

**Encarregado de Educação:** \_\_\_\_\_

**Educando:** \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

**Anexo V – Consentimento das entrevistas às Educadoras de Infância e às  
Professoras do 1.º CEB**

## CONSENTIMENTO INFORMADO, ESCLARECIDO E LIVRE PARA PARTICIPAÇÃO EM ESTUDOS DE INVESTIGAÇÃO

**Título do estudo:** Adaptação das crianças ao pré-escolar e ao 1.º Ciclo do Ensino Básico

**Enquadramento:** Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém.

Orientadora: Isabel Piscalho

**Explicação do estudo:** Esta investigação será realizada por entrevista semidiretiva; Os dados recolhidos serão as opiniões dos/das educadores/as e dos/das professores/as, no que diz respeito ao processo de adaptação das crianças ao context educativo. A entrevista terá lugar na instituição, tendo como duração máxima cerca de 45 minutos.

**Condições:** Para a realização desta entrevista, o/a participante escolhido/a terá oportunidade de escolher se quer ou não responder.

**Confidencialidade e anonimato:** Os dados recolhidos através da entrevista, serão apenas utilizados para a presente investigação; Para esta investigação não serão utilizados nomes, mantendo o/a entrevistado/a em anonimato, contudo serão utilizadas as idades; A realização da entrevista, será realizada num ambiente de privacidade, apenas entre entrevistadora e entrevistado/a.

**Agradeço a sua colaboração, para a realização desta entrevista.**

**Vanessa Costa, estudante da Escola Superior de Educação de Santarém**

**Endereço eletrónico:** vanessacrcosta@hotmail.com

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações. Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar pf este documento.

**Assinatura de quem pede consentimento:** \_\_\_\_\_

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar nesta investigação. Desta forma, aceito participar nesta investigação e permito a utilização dos dados, confiando que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_



Exmo/a Encarregado de Educação

Eu, Vanessa Costa, sou aluna do 1.º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Santarém.

Encontro-me a desenvolver uma investigação que tem como objetivo conhecer como se desenvolve a adaptação das crianças ao contexto escolar.

Venho por este meio, solicitar a sua colaboração para responder a um inquérito por questionário.

Os dados recolhidos são confidenciais, sendo apenas utilizados no âmbito deste trabalho investigativo.

A sua colaboração é bastante importante.

Muito obrigada.

---

\_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

## Inquérito por Questionário

Assinale com uma cruz (x), a resposta que pretenda selecionar.

1. É a primeira vez que o seu educando/a frequenta a jardim de infância?

Sim

Não

No caso de ter respondido sim, com quem é que deixou o/a seu/sua educando/a até a entrada para o jardim de infância?

---

2. Com que idade o/a seu/sua educando/a entrou pela primeira vez para o jardim de infância?

---

3. O/A seu/sua educando/a tem irmãos?

Sim

Não

No caso de ter respondido sim:

- Indique quantos:

---

- Com que idades entraram pela primeira vez para o jardim de infância:

---

4. Em casa foi feita alguma preparação para a entrada no jardim de infância?

Sim

Não

No caso de ter respondido sim, indique que tipo de preparação:

---

---

---

No caso de ter respondido não, indique a razão pelo qual não o fez:

---

---

---

5. Considera que o/a seu/sua educando/a se adaptou bem ao contexto educativo?

Sim

Não

Justifique a resposta.

---

---

6. O/A seu/sua educando/a levou para a escola algum objeto de transição?

Sim

Não

Qual?

---

Acha que esse objeto ajudou na adaptação ao contexto educativo? Porquê?

---

---

7. Considera importante a cooperação entre pais e educadores/as e/ou instituição para a adaptação ao jardim de infância, antes do início do ano letivo?

Sim

Não

Justifique a resposta.

---

---

**No caso do/a seu/sua educando/a transitar este ano letivo, para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, responda:**

8. Considera que existe uma preparação para a adaptação ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, por parte do/a educador/a?

Sim

Não

Justifique a resposta.

---

---

9. Em casa, o/a seu/sua educando/s, está a ser preparado para a entrada ao 1.º Ciclo do Ensino Básico?

Sim

Não

Justifique a resposta.

---

---

Obrigada pela colaboração!

Adaptado de:

Costa, A. (2011). *Adaptação da criança à escola. Estratégias e desafios na Educação Pré-Escolar*. Relatório para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação, na Especialidade de Supervisão Pedagógica. Escola Superior de Educação João de Deus.

**Anexo VII – Questionário por inquérito aos Encarregados de Educação  
das crianças do 1.º CEB**

Exmo/a Encarregado de Educação

Eu, Vanessa Costa, sou aluna do 2.º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Santarém.

Encontro-me a desenvolver uma investigação que tem como objetivo conhecer como se desenvolve a adaptação das crianças ao contexto educativo.

Venho por este meio, solicitar a sua colaboração para responder a um inquérito por questionário.

Os dados recolhidos são confidenciais, sendo apenas utilizados no âmbito deste trabalho investigativo.

A sua colaboração é bastante importante.

Muito obrigada.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

## Inquérito por Questionário

Assinale com uma cruz (x), a resposta que pretenda seleccionar.

1. É a primeira vez que o seu educando/a frequenta a escola?

Sim

Não

2. Com que idade o/a seu/sua educando/a entrou pela primeira vez para a escola?

\_\_\_\_\_

3. O/A seu/sua educando/a já ficou retido/a?

Sim

Não

No caso de ter respondido sim, indique em que ano:

\_\_\_\_\_

4. O/A seu/sua educando/a tem irmãos?

Sim

Não

No caso de ter respondido sim:

- Indique quantos:

\_\_\_\_\_

- Com que idades entraram pela primeira vez para a escola:

\_\_\_\_\_

5. Em casa foi feita alguma preparação para a entrada na escola?

Sim

Não

No caso de ter respondido sim, indique que tipo de preparação:

---

---

---

No caso de ter respondido não, indique a razão pelo qual não o fez:

---

---

---

6. Considera que o/a seu/sua educando/a se adaptou bem ao contexto educativo?

Sim

Não

Justifique a resposta.

---

---

7. Considera importante a cooperação entre pais e professores/as e/ou instituição para a adaptação à escola, antes do início do ano letivo?

Sim

Não

Justifique a resposta.

---

---

**No caso do/a seu/sua educando/a transitar este ano letivo, para o 2.º Ciclo do Ensino Básico, responda:**

8. Considera que existe uma preparação para a adaptação ao 2.º Ciclo do Ensino Básico, por parte do/a professor/a?

Sim

Não

Justifique a resposta.

---

---

9. Em casa, o/a seu/sua educando/a, está a ser preparado para a entrada ao 2.º Ciclo do Ensino Básico?

Sim

Não

Indique quem está a preparar.

---

---

Justifique a resposta.

---

---

Obrigada pela colaboração!

Adaptado de:

Costa, A. (2011). *Adaptação da criança à escola. Estratégias e desafios na Educação Pré-Escolar*. Relatório para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação, na Especialidade de Supervisão Pedagógica. Escola Superior de Educação João de Deus.

**Anexo VIII – Transcrição das Entrevistas das crianças do pré-escolar e do  
1.º CEB**

## 1) Caracterização dos entrevistados

A entrevista foi realizada a um total de doze crianças, quatro crianças do pré-escolar, duas da sala dos três anos e duas da sala dos cinco anos, as duas crianças da sala dos cinco anos iam ingressar para o 1.º CEB, este grupo caracterizei da seguinte forma, “C.1”, “C.2”, “C.3” e “C.4”.

As restantes oito crianças pertenciam ao 1.º ano de escolaridade do 1.º CEB, ingressados pela primeira vez neste ano de escolaridade. Este grupo realizou a entrevista em *focus group*, caracterizei o grupo da seguinte forma, “C.5”, “C.6”, “C.7”, “C.8”, “C.9”, “C.10”, “C.11” e “C.12”.

As entrevistas ao 1º ano do 1º CEB, foram realizadas na turma com a qual estagiei durante o mestrado. As crianças do pré-escolar que foram entrevistadas, frequentavam uma instituição na qual estagiei também durante o mestrado

## 2) Transcrição das entrevistas

Blocos	Questões	Crianças	Questões	Alunos
<b>Bloco B</b> Dados do entrevistado	1. Quantos anos tens?	“4 anos.” C.1 “4 anos.” C.2 “6 anos.” C.3 “5 anos.” C.4	1. Quantos anos tens?	“6 anos.” C.5 “6 anos.” C.6 “6 anos.” C.7 “6 anos.” C.8 “6 anos.” C.9 “6 anos.” C.10 “7 anos.” C.11 “6 anos.” C.12
	2. Há quanto tempo	“Desde bebé.” C.1 “Desde a sala dos bebés.” C.2	2. Há quanto tempo	“Há um mês.” C.5 “Primeiro ano.” C.6

	frequentas o jardim de infância?	<p>“Desde os bebés.” C.3</p> <p>“Desde o berçário, acho eu.” C.4</p>	frequentas a escola?	<p>“Primeiro ano.” C.7</p> <p>“Estou no primeiro ano.” C.8</p> <p>“Alguns meses.” C.9</p> <p>“Estou aqui há muito pouco tempo.” C.10</p> <p>“Há pouco tempo.” C.11</p> <p>“Há pouco.” C.12</p>
<p><b>Bloco C</b></p> <p><b>Adaptação da criança ao contexto educativo</b></p>	<p>1. Lembras-te como foi o primeiro dia do jardim de infância?</p>	<p>“Não me lembro, foi há muito tempo.” C.1</p> <p>“Não me lembro, mas devo ter gostado.” C.2</p> <p>“Foi divertido, eu gostei.” C.3</p> <p>“Não me lembro, foi há muito tempo.” C.4</p>	<p>1. Lembras-te como foi o primeiro dia da escola?</p>	<p>“Fiquei a ver como é que a escola era, para ficarmos a ver os sítios.” C.5</p> <p>“Sim, a mãe veio comigo e eu conheci todos os cantos da escola, conheci o recreio e a biblioteca.” C.6</p> <p>“Lembro-me, foi visitar os cantos, a professora deu um chupa com asas de borboletas.” C.7</p> <p>“Lembro-me, nós andámos a ver os sítios, andámos a ver onde é que era a nossa sala e quando estávamos sentadinhos na sala para a professora dizer as coisas que nós íamos fazer cá na escola.” C.8</p> <p>“Sim, «fomos à floresta», não me lembro.” C.9</p> <p>“Fixe, fizemos atividades.” C.10</p> <p>“Foi um pouco complicado, por causa de que eu nunca tive nesta escola, e o meu irmão veio para esta escola antes de eu nascer.” C.11</p>

				<p>“Foi fixe, porque fizemos fichas e atividades.” <b>C.12</b></p>
	<p><b>2. O jardim de infância é como tu pensavas? Porquê?</b></p>	<p>“Não, eu pensava que ia ser muito apertado, porque tem muitos meninos.” <b>C.1</b></p> <p>“Não, eu pensava que era da liberdade, sem ter professores.” <b>C.2</b></p> <p>“Sim, porque pensava que ia ser divertido.” <b>C.3</b></p> <p>“Sim, porque pensava que ia ser divertido e que ia ganhar muitos amigos.” <b>C.4</b></p>	<p><b>2. A escola é como tu pensavas? Porquê?</b></p>	<p>“No jardim de infância pensava que a sala era mais pequena, que não ia ser as mesas assim, que iam ser só aquelas, que não tivesse aquele quadro projetado e que tinha outro.” <b>C.5</b></p> <p>“Antes do primeiro dia de aulas eu pensava que ia ser bom e foi, eu achava que a sala era um bocadinho mais pequenina.” <b>C.6</b></p> <p>“Pensava que era mais média, pensava que a sala era mais grande.” <b>C.7</b></p> <p>“Não, porque eu pensava que a escola era maior e que a sala era maior, porque o pai andou nesta escola e eu perguntei-lhe e ele disse que era assim como esta.” <b>C.8</b></p> <p>“Não, não tem tapete, não tem nada para brincar.” <b>C.9</b></p> <p>“É, eu antes de começar a escola, vim cá ver a escola.” <b>C.10</b></p> <p>“Não, pensava que não íamos aprender a ler os números, aprender as letras, o alfabeto.” <b>C.11</b></p> <p>“Não, porque nos estamos a aprender a fazer as letras, não tinha nenhuma ideia da escola.” <b>C.12</b></p>

		<p><b>2.1. O que para ti é a escola?</b></p>	<p>“Aprender os números até cem e aprender o abecedário todo e a ler bem.” <b>C.5</b>  “É bom e gosto muito da professora e gosto de aprender e ler.” <b>C.6</b>  “É o amor.” <b>C.7</b>  “É diferente do jardim, porque é pequenina o jardim, aprender as letras e a escrever.” <b>C.8</b>  “Porque eu não sabia escrever, não sabia ler e não sabia as letras e agora já sei.” <b>C.9</b>  “Antes não sabia as letras e agora comecei a saber, os números.” <b>C.10</b>  “É fixe porque eu posso brincar, também posso aprender o abecedário, também posso aprender a escrever, posso aprender a fazer tudo.” <b>C.11</b>  “Aprender a escrever as letras manuscritas à mão, a contar e arranjar amigos também.” <b>C.12</b></p>
	<p><b>3. O que gostas mais no jardim de infância?</b></p> <p>“De brincar, falar e ir à rua para poder gritar.” <b>C.1</b>  “Estar na rua a brincar.” <b>C.2</b>  “Gosto de me divertir, de aprender a fazer coisas novas.” <b>C.3</b>  “Gosto de trabalhar e brincar nas casinhas.” <b>C.4</b></p>	<p><b>3. O que mais gostas na escola?</b></p>	<p>“De estudar.” <b>C.5</b>  “Gosto de aprender.” <b>C.6</b>  “Gosto mais das professoras e gosto das estagiárias e gosto também das pessoas que nos tratam bem lá em baixo.” <b>C.7</b>  “A escola toda.” <b>C.8</b></p>

				<p>“Eu mais gosto de andar à volta no campo, gosto de ler.” <b>C.9</b></p> <p>“Brincar com as minhas amigas.” <b>C.10</b></p> <p>“O que mais gosto é brincar com os meus amigos, também jogar à bola.” <b>C.11</b></p> <p>“O que mais gosto é jogar à bola, aprender os números e a escrever.” <b>C.12</b></p>
	<p><b>4. O que gostas menos no jardim de infância?</b></p>	<p>“Correr na ginástica.” <b>C.1</b></p> <p>“De fazer trabalhos, porque me canso.” <b>C.2</b></p> <p>“Não gosto quando a (nome) educadora ralha para nos chamar à atenção.” <b>C.3</b></p> <p>“Quando a (nome) educadora ralha.” <b>C.4</b></p>	<p><b>4. O que menos gostas na escola?</b></p>	<p>“Não gosto quando recebo bola amarela.” <b>C.5</b></p> <p>“A única coisa que não gosto da escola é quando caio no recreio.” <b>C.6</b></p> <p>“Não gosto da parte de trás da escola, porque quando estamos a jogar às vezes, a bola pode ir para a estrada.” <b>C.7</b></p> <p>“Tenho muitas coisas para dizer... não gosto de cair, não gosto de bola amarela nem vermelha.” <b>C.8</b></p> <p>“Não gosto que os amigos me aleijem nem gosto de ir para o hospital, nem gosto que me mandem areia para os olhos, eu também não gosto de ter bola amarela nem vermelha.” <b>C.9</b></p> <p>“Pensava que as mesas estavam todas juntas, todas ao pé.” <b>C.10</b></p> <p>“Não gosto de estar sentada.” <b>C.11</b></p>

				“O que menos gosto é estar sentado muito tempo.” <b>C.12</b>
	<b>5. O que achas mais fácil no jardim de infância?</b>	“Divertir-me.” <b>C.1</b> “De fazer desenhos, porque eu desenho bem.” <b>C.2</b> “De fazer desenhos e de ver histórias.” <b>C.3</b> “De trabalhar, porque aprendo e de brincar.” <b>C.4</b>	<b>5. O que achas mais fácil na escola?</b>	“Eu acho tudo fácil.” <b>C.5</b> “É fazer os números.” <b>C.6</b> “Quando faço uma atividade e pinto uma coisa.” <b>C.7</b> “É fácil... é fazer os trabalhos e fazer as coisas.” <b>C.8</b> “Mais fácil é fazer desenhos.” <b>C.9</b> “Mais fácil é aprender as letras pequenas.” <b>C.10</b> “Mais fácil é aprender a ler e a escrever.” <b>C.11</b> “Mais fácil é aprender.” <b>C.12</b>
	<b>6. O que achas mais difícil no jardim de infância?</b>	“Arrumar a sala e os brinquedos.” <b>C.1</b> “Nada é difícil, é tudo fácil.” <b>C.2</b> “Ler, porque ainda não conheço as letras todas.” <b>C.3</b> “Não sei, acho que nada.” <b>C.4</b>	<b>6. O que achas mais difícil na escola?</b>	“É mais difícil a professora estar a dizer tudo ao mesmo tempo, porque eu me baralho.” <b>C.5</b> “Eu não sei uma coisa mais difícil na escola.” <b>C.6</b> “É difícil nós... a professora fazer as coisas muito rápido e nós não.” <b>C.7</b> “A professora fazer tudo rápido, para eu não me enganar.” <b>C.8</b> “É fazer fichas difíceis.” <b>C.9</b> “Aprender as letras maiores é mais difícil.” <b>C.10</b> “Mais difícil é fazer fichas difíceis.” <b>C.11</b> “É fazer fichas difíceis e a ler.” <b>C.12</b>

	<p><b>7. Se pudesses mudar algo no jardim de infância, o que mudarias?</b></p>	<p>“Mudava a (nome) educadora, porque ela é chata, está sempre a mandar.” <b>C.1</b>  “Tirava os trabalhos que temos de fazer e só brincava.” <b>C.2</b>  “A (nome) educadora a ralhar, mas para isso os meninos tinham de se portar bem.” <b>C.3</b>  “Dentro da sala mudava o lugar das coisas e tentava que os meninos se portassem bem para a (nome) educadora não ralhar tanto.” <b>C.4</b></p>	<p><b>7. Se pudesses mudar algo na escola, o que mudarias?</b></p>	<p>“Quando trocamos de lugar lá na escola temos de trocar as cadeiras... mudava as cadeiras.” <b>C.5</b>  “Mudava a escola, punha o recreio maior, o espaço e o tempo de recreio.” <b>C.6</b>  “Eu mudava a sala, pudemos mudar as mesas, as coisas, para termos umas mesas para fazer atividades.” <b>C.7</b>  “A sala... as mesas e a casa de banho.” <b>C.8</b>  “Então muda as mesas, punha juntas, grupos de quatro mesas, mudava a professora.” <b>C.9</b>  “A professora, para não me dar fichas.” <b>C.10</b>  “Não mudo nada porque a escola é fixe e é para aprender a ler.” <b>C.11</b>  “Não queria mudar nada, porque a escola é para aprender os números.” <b>C.12</b></p>
		<p><b>8. Quais as diferenças entre o jardim de infância e a escola?</b></p>	<p>“As mochilas penduravam-se num cabide e não nas cadeiras, e as mesas porque não eram assim retângulos eram círculos.” <b>C.5</b>  “A outra escola a mãe podia entrar na escola até eu estar na sala.” <b>C.6</b>  <b>C.7</b> – Não respondeu</p>	

			<p>“Lá na creche as mães podiam entrar lá dentro da sala e aqui não e na creche tinha coisinhas para por as malas lá fora.” <b>C.8</b></p> <p>“Nós no jardim de infância não íamos ao parque nem fazíamos jogos, e aqui só ouvíamos música lá no jardim e víamos vídeos.” <b>C.9</b></p> <p>“O jardim de infância é pequenino e esta escola é grande.” <b>C.10</b></p> <p>“Às vezes uns meninos brincam e a educadora chama meninos para fazerem tarefas, no jardim de infância e aqui ao pé da professora só podem ser dois...” <b>C.11</b></p> <p>“Esta escola é maior e a outra é mais pequena, o jardim e, esta não tem tapete e a outra tinha, esta escola já tem computadores e o jardim não tinha.” <b>C.12</b></p>
<b>Bloco D</b> <b>Validação</b>	<b>1. Ficou alguma coisa por dizer?</b>		<p><b>1. Ficou alguma coisa por dizer?</b></p> <p>“Há tarde aqui na escola, quando acabamos as aulas não vou logo a para casa vou para o jic e no jardim, ia logo para casa.” <b>C.5</b></p>

**Anexo IX – Transcrição e análise das Entrevistas às Educadoras de  
Infância e às Professoras do 1.º CEB**

### **1) Caraterização de cada entrevistado**

A “Educadora 1” é licenciada em educação de infância. Em 1997 iniciou o seu percurso profissional, exercendo sempre na mesma instituição, até ao momento.

A “Educadora 2” é licenciada em educação especial, problemáticas de risco. Em 1993 iniciou o seu percurso profissional, passando ao longo dos anos por três instituições, sendo na atual que permaneceu durante mais anos.

A “Professora 1” é licenciada no 1.º Ciclo do Ensino Básico, licenciou-se na Escola Superior de Educação de Torres Novas. Exerce a sua profissão há quinze anos, e este é o sexto ano na atual instituição.

A “Professora 2” iniciou a sua formação académica em Bacharelato e posteriormente o Complemento de Formação Científica e Pedagógica para professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico no domínio de especialização em educação especial e apoios educativos. Exerce a sua profissão há vinte e quatro anos, passando os primeiros doze anos de profissão por quatro ou cinco escolas e os últimos doze anos na atual instituição.

A “Educadora 2” e a “Professora 2” são titulares de dois grupos que estagiam durante o mestrado

## 2) Transcrição das Entrevistas

<b>Blocos</b>	<b>Questões</b>	<b>Educadoras</b>	<b>Questões</b>	<b>Professoras</b>
<b>Bloco B</b> <b>Dados do entrevistado</b>	<b>1. Quais as suas habilitações académicas?</b>	<p>“Sou licenciada em educação de infância.” <b>Educadora 1</b></p> <p>“Sou licenciada em educação especial, problemáticas de risco.” <b>Educadora 2</b></p>	<b>1. Quais as suas habilitações académicas?</b>	<p>“Sou licenciada no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Licenciiei-me na Escola Superior de Educação de Torres Novas. O curso durou 4 anos.” <b>Professora 1</b></p> <p>“Licenciatura, primeiro tirei o bacharelato e anos depois fiz o Complemento de Formação Científica e Pedagógica para professores do 1º Ciclo do Ensino Básico no domínio de especialização em educação especial e apoios educativos.” <b>Professora 2</b></p>
	<b>2. Há quantos anos exerce a sua profissão?</b>	<p>“21 anos.” <b>Educadora 1</b></p> <p>“Mais ou menos há 26 anos.” <b>Educadora 2</b></p>	<b>2. Há quantos anos exerce a sua profissão?</b>	<p>“Exerço a minha profissão há 15 anos.” <b>Professora 1</b></p> <p>“Há 24 anos e uns mesitos, não tenho anos completos de serviços.” <b>Professora 2</b></p>
	<b>3. Exerceu sempre na mesma instituição? Em quantas instituições já exerceu?</b>	<p>“Sim, sempre na mesma instituição.” <b>Educadora 1</b></p> <p>“Não. Já estive em 3 instituições, sendo esta a que estive mais tempo.” <b>Educadora 2</b></p>	<b>3. Exerceu sempre na mesma instituição? Em quantas instituições já exerceu?</b>	<p>“Não, já exerci em muitas escolas. Iniciei pela zona de Lisboa. Estive bastante tempo lá: fazia dois meses numa escola, três meses noutras. Assim, em média por anos três escolas, depois comecei a estabilizar um pouco. Entretanto fui colocada na minha residência e estive lá três anos, o que considero uma sorte.</p>

				Depois voltei a ficar longe, a 70 km de distância.” <b>Professora 1</b>  “Não, já passei por quatro ou cinco instituições. Eu sou daquelas que me considero sortuda, pois não tive necessidade de andar sempre a saltitar.” <b>Professora 2</b>
	<b>4. Na atual instituição exerce há quanto tempo?</b>	“Há cerca de 20 anos.” <b>Educadora 2</b>	<b>4. Na atual instituição exerce há quanto tempo?</b>	“Nesta instituição exerço há seis anos, sendo este o sexto ano.” <b>Professora 1</b>  “Há 12 anos.” <b>Professora 2</b>
<b>Bloco C</b> <b>Adaptação da criança ao contexto educativo</b>	<b>1. O que entende por adaptação escolar?</b>	“Eu entendo que adaptação é criar maneiras, formas, estratégias de conhecermos as crianças, conhecermos as suas famílias, o seu contexto familiar, para podermos fazer uma fase de transição entre casa e escola.” <b>Educadora 1</b>  “Adaptação é o período em que a criança começa a frequentar o jardim de infância ou a creche pela primeira vez e se adapta a toda a estrutura, às funcionárias, à educadora, à auxiliar, aos amigos, à própria sala, à própria instituição e convém que seja muito bem-feita, para que tudo corra bem de futuro.” <b>Educadora 2</b>	<b>1. O que entende por adaptação escolar?</b>	“Principalmente no primeiro ano de escolaridade, os alunos devem sentir que estão num meio ambiente favorável, que gostem, calmo, acolhedor, familiar, o que nem sempre é fácil, mas é o papel do professor.” <b>Professora 1</b>  “A adaptação ocorre no início do ano, nós tentamos que os alunos fiquem bem integrados no ano em que vão frequentar. Temos que ver, a nível familiar as problemáticas que existem e tentar com que a criança se sinta o melhor possível no ambiente de sala de aula. Claro que há sempre aquele choro no início que é difícil, mais para o 1º ano. Com esta turma ainda há choro nesta

				<p>altura. No entanto, acho que eles se adaptaram bem, porque têm um ótimo relacionamento comigo, gostam muito, dizem que gostam da escola, só que depois há essa parte do choro, ou seja, no fundo a adaptação é utilizarmos as estratégias todas que nós conseguimos para que eles estejam bem na escola. Penso que seja isso.” <b>Professora 2</b></p>
	<p><b>2. Como se prepara a adaptação das crianças para a entrada no pré-escolar?</b></p>	<p>“Aqui temos de saber duas coisas, primeiro há crianças nesta instituição, a maioria das crianças desta instituição, entram através da creche, ou seja, quando passam para o pré-escolar já não têm esta adaptação, pois já vêm adaptadas da creche. Quando vêm de fora, pela primeira vez para o pré-escolar, o que nós fazemos é, fazer uma entrevista aos pais, em que conhecemos dados médicos da criança, dados de personalidade da criança, dados da família, conhecer o seu contexto familiar de forma a conhecermos de que maneira é que a criança chega até nós, ao pré-escolar, e também conhecermos, minimamente, como é que a criança age, como é que a criança pensa, como é que a criança é no seu dia a dia.” <b>Educadora 1</b></p>	<p><b>2. Como se prepara a adaptação das crianças para a entrada no 1.º Ciclo do Ensino Básico?</b></p>	<p>“Em primeiro lugar, relativamente ao espaço físico, o mobiliário é sempre adaptado aos mais pequeninos. Depois, na sala, exponho os chamados auxiliares de memória, que são registos sobre os conteúdos que estão a ser trabalhados. Todos os dias, no início da aula reforço a aprendizagem dos fonemas, dos ditongos (fazendo uma retrospectiva de tudo o que já tinha sido trabalhado previamente). Por exemplo, a letra P, eu punha pa, pe, pi, po, pu, depois pai, pau, com os ditongos e eles iam fazendo sempre a leitura de todas as letras, em que chegou a um ponto em que o quadro não chegava (risos). Essa consolidação diária era importante para que eles se sentissem seguros (principalmente as crianças com muita</p>

		<p>“No nosso caso é muito fácil, porque normalmente eles vêm todos da creche e já vêm com o mesmo grupo, já vêm com a mesma educadora, já vêm com a mesma auxiliar e, portanto, é só, faz de conta, conhecer outra sala, outros materiais didáticos, outras estruturas, mas não há assim a nível afetivo nada que seja preciso muito trabalho. Até pelo contrário, porque eles vêm cheios de saudades e com vontade de experimentar coisas novas.” <b>Educadora 2</b></p>		<p>dificuldade penso que se adaptaram bem nesse sentido). Depois fazíamos umas técnicas de relaxamento no início de cada dia, porque eu tinha meninos que vinham para a escola a chorar, com saudades da mãe, do pai, pronto. E então, tinha de fazer assim, uns joguinhos de relaxamento, umas atividades logo assim ao início da manhã, depois acho que o dia até corria bastante bem.” <b>Professora 1</b></p> <p>“Como eles vêm muito habituados do jardim de infância, às brincadeiras, começamos sempre mais por uma parte lúdica, pronto, joguinhos, histórias, uns filmezinhos, para ver se eles começam a estar melhor em sala de aula e lá está, depois começamos com os grafismos que são aquelas estratégias que eles também já vêm habituados do jardim de infância, para depois iniciarmos as letras. A adaptação tem sempre uma parte muito lúdica.” <b>Professora 2</b></p>
	<p><b>2.1. E no caso de não frequentar a creche?</b></p>	<p>“No caso de não frequentarem é diferente, nesse caso recorreremos ao grupo que vem da creche, preparamos o grupo que já cá está para a receção da</p>	<p><b>2.1. Ou seja, tenta sempre pegar naquilo a que eles vêm habituados?</b></p>	<p>“Sim, é claro que depois também há aquela parte do estar sentado, que é difícil, porque eles no jardim de infância têm os cantinhos, há mobilidade que</p>

		<p>criança ou das crianças novas que vão entrar, para quê? Para eles colaborarem conosco a fazer essa adaptação e depois no momento em que eles entram tentamos mostrar-lhes um bocadinho o que é o pré-escolar, ou a creche, conforme o caso, e o que é que se pode fazer, tentamos ter muita atenção com eles, tentamos que o grupo também os ajude e lhes mostre um bocadinho o que se pode fazer, o que é que não se pode fazer, que os ajude também em termos afetivos, que os integre no seu grupo, que em qualquer dificuldade os auxilie e normalmente corre muito bem. Normalmente eles também já estão habituados a fazer este trabalho e corre muito bem. A primeira vez, normalmente acontece ou nos bebés ou na sala de um ano, a primeira vez que o grupo inicial vem é um bocadinho mais difícil.”</p> <p><b>Educadora 2</b></p>		<p>eles têm em sala de aula, é diferente, eles conosco têm que estar todo dia sentados e não é fácil, e depois a posição na cadeira, temos de estar sempre a alertar. Por isso, de um modo geral passa muito pela parte lúdica os primeiros dias.”</p> <p><b>Professora 2</b></p>
	<p><b>3. Quais os aspetos mais importantes para o acolhimento das crianças no contexto educativo?</b></p>	<p>“Estes mesmo que eu acabei de referenciar, nós achamos que é muito importante conhecer a criança antes de ela vir, por isso é que temos esta entrevista. Apesar de nós sabermos que o comportamento das crianças é diferente em contexto escolar do que em</p>	<p><b>3. Quais os aspetos mais importantes para o acolhimento das crianças no contexto educativo?</b></p>	<p>“Em primeiro lugar ter informações das crianças antes deles chegarem, informação que vem das educadoras, ou de psicólogas, ou de quem os estiver a acompanhar antes, essa informação é deveras importante.</p>

		<p>contexto familiar, interessa-nos muito saber como eles são em casa com a sua família, para depois os conseguirmos entender melhor e conseguirmos ajudá-los para que a fase de transição e de adaptação seja feita de uma forma mais rápida e com sucesso. Sabemos também, à partida, que à crianças que reagem de maneira diferente, à crianças que demoram mais tempo na adaptação e outras crianças que fazem uma adaptação muito rápida. Para aquelas que nós vemos que a adaptação está a ser mais difícil, combinamos com os pais estratégias, de forma a minorizar esta ansiedade e este sofrimento que algumas crianças sentem na entrada para o pré-escolar. Normalmente, também, falamos com os pais diariamente, de como correu o dia e como é que a criança esteve, em alguns casos tentamos que as crianças venham nas primeiras semanas menos tempo para depois conseguirmos alargar o tempo em que elas permanecem cá, na instituição. Isto só acontece se os pais também conseguirem ter este horário e se conseguirem connosco fazer este tipo de trabalho. Também tentamos que</p>	<p>Depois a boa relação com os Encarregados de Educação, penso que é fulcral mesmo. Eu tenho pais, que sabem que estão há vontade, não é todo o professor que o faz ter o telemóvel disponível 24 horas por dia para alguma situação que eles precisem de falar comigo, ter algum <i>feedback</i> de algo que se tenha passado aqui na escola, para compreender um ou outro comportamento que eles estejam a ter em casa e vice-versa. Eu penso que isso é muito importante mesmo, claro que as pessoas, o professor, não pode deixar de ter a sua vida e de fazer as suas coisas e de ter os seus momentos à parte da escola, mas o facto de eles saberem, os pais e até os filhos, que eu estou sempre disponível e que sei de tudo o que se passa com eles e que os pais também sabem tudo o que se passa aqui na escola, é meio caminho andado para o comportamento não fugir muito da regra.” <b>Professora 1</b></p> <p>“Portanto, aqui é mesmo o aluno sentir-se bem, a empatia que eles têm connosco, o sentirem-se bem em sala de aula, com o colega, porque é assim,</p>
--	--	--	--

		<p>algum objeto de casa seja trazido para fazer a transição, ou seja, um brinquedo, ou um objeto qualquer que eles estejam habituados em casa para fazer a transição, para não estarem completamente desprotegidos, e também tentamos dar uma atenção especial a essa criança. Se há outras crianças que já virão adaptadas e integradas, visto que vêm da creche, se vêm pela primeira vez, nós tentamos dar uma atenção especial a essa criança, falando com ela, tentando acalmar as ansiedades e os medos que eles trazem, tanto a criança como a própria família.”</p> <p><b>Educadora 1</b></p> <p>“Mas o que é que nós tentamos fazer? Tentamos criar atividades extraordinárias, tentamos cativar as crianças, tentamos mostrar-lhes que vir para este espaço é uma coisa que para eles pode ser muito boa a nível afetivo e a nível de experiências. Tentamos também minimizar as suas dificuldades a nível emocional, porque eles no início quando vêm para a creche ficam com aquela ansiedade, que não sabem se os pais vão voltar para os vir buscar. Depois</p>		<p>há meninos que estão habituados a determinado colega, e normalmente os grupos vêm juntos do jardim de infância, e há sempre um ou outro colega com quem eles gostam mais de estar, com os quais há mais a proximidade. Às vezes não é benéfico. Por exemplo, no início do ano disseram-me logo na primeira reunião “Oh professora ele não pode ficar ao pé do não sei quantos”. Pronto, aqueles que não há referência, nós vamos tentando, mas o facto de sentirem que está um colega com que eles se dão bem ali ao lado nos primeiros dias ajuda, também, na adaptação deles. Por fim vamos ao trabalho. É claro que depois, vamos começando a mudar, porque se calhar até nem resulta com aquele colega e tem que ser com outro, mas de um modo geral será isto.”</p> <p><b>Professora 2</b></p>
--	--	---	--	--

		<p>tranquilizá-los e dizer-lhes todos os dias que os pais vão voltar à tarde e que vêm só brincar um bocadinho com os amigos e resulta sempre se nós fizermos isto bem feito e em colaboração com a família e todos os dias ao final do dia formos trocando informações e procurarmos, realmente trabalhar em conjunto, corre bem, não há grandes dificuldades.” <b>Educadora 2</b></p>		
	<p><b>4. Que estratégias são utilizadas para preparar as crianças para a adaptação no pré-escolar? Essas estratégias são eficazes?</b></p>	<p>“Maioritariamente são estas que eu acabei de referir, no caso de ser um caso mais complicado, tentamos falar todas em equipa e decidir o que é que será melhor fazer para essa criança. Nós aqui tentamos fazer um trabalho de conjunto e ao falarmos e trabalharmos com os pais, tentamos retirar ideias, em reuniões de equipa pedagógica, umas educadoras com as outras tentamos saber o que precisamos de fazer para aquela criança especificamente para a deixar mais à vontade e mais integrada. No entanto, penso que todas as crianças tenham o seu ritmo e as suas características pessoais e individuais, e essas só nós conhecemos, como eu já disse, primariamente através da entrevista com os pais, mas depois só</p>	<p><b>4. Que estratégias são utilizadas para preparar as crianças para a adaptação no 1.º Ciclo do Ensino Básico? Essas estratégias são eficazes?</b></p>	<p>“Alguns alunos, decididamente, não estavam preparados para ingressar no primeiro ano (e neste momento não estão preparados para um segundo ano). Tem haver com a maturidade. Não sabem estar, não sabem expor uma ideia, expressar ou gerir os seus sentimentos.” <b>Professora 1</b></p> <p>“Fazemos a receção inicial às crianças, em que são realizados jogos e umas brincadeiras, depois deste momento lúdico e enquanto nós ficamos em reunião com os pais, eles saem um bocadinho e vão conhecer a escola com uma professora ou uma auxiliar, isto no primeiro dia de aulas. No dia a dia em sala de aula, começo a destinar-lhes o lugar que me parece mais adequado,</p>

		<p>conhecemos no dia a dia e é no dia a dia que nós tentamos fazer estratégias de acolhimento específicas para essa criança e específicas para os problemas que essa criança apresenta na adaptação. Normalmente as estratégias são sempre eficazes.” <b>Educadora 1</b></p> <p>“No caso de terem frequentado creche já estão preparados. No caso de não terem frequentado creche, conversamos com os pais no momento da entrevista, tentamos saber coisas acerca deles, se já tiveram nalgum sítio, se vêm de casa, e tentamos também mostrar aos pais, mais ou menos como é que vai ser o dia a dia deles, como é que as coisas vão correr e procurar que falem sobre isto com eles em casa, e quando eles chegam fazemos nós a mesma coisa, tentamos mostrar-lhes um bocadinho o que é o jardim de infância. Normalmente, eles vêm em setembro e esse é sempre o período de adaptação. No período de adaptação, mesmo as crianças que já vêm de trás, também já não se vêm há 1 mês e já não estão muito acostumados, voltamos a mostrar outra vez o que é que se pode fazer e</p>		<p>devido às dificuldades visuais ou outras que me foram comunicadas pelo encarregado de educação. A própria sala, no início o ano está em “U” o que depois acaba por ir sendo alterado. A nível de materiais os livros e os cadernos estão na prateleira que as mesas têm por baixo, para não haver tanta confusão. Tem os materiais de apoio sempre como recurso ao pé da secretária, os quais também podem utilizar.</p> <p>Eles têm ao seu dispor os lenços, o papel higiénico, as toalhetas e sempre que necessitam podem-se levantar para ir buscar, isto também para não estarem sempre a interromper e a cortarem a aula e de certa forma responsabilizá-los, mesmo com as idas à casa de banho.</p> <p>Depois a nível de trabalho diário, nos primeiros dias, fazem grafismos a partir de histórias, cantamos muitas canções infantis do seu conhecimento ou não, fazem pinturas e jogos...</p> <p>Tento dar-lhes algum mimo e distraí-los quando estes estão mais carentes e choram porque querem a mãe ou não param de perguntar se ainda falta muito para ir embora para casa. E</p>
--	--	---	--	--

		<p>todo o tipo de atividades, normalmente as mais atrativas naquele início. Normalmente corre bem, eu não tenho muitas dificuldades.” <b>Educadora 2</b></p>		<p>principalmente gosto de os deixar falar expressando o que estão a sentir ou a pensar. De modo geral todas as estratégias que utilizamos acabam por resultar, temos é que as ir adequando a cada uma das crianças que temos à nossa frente, pois o que resulta com uma criança pode não se conseguir com outra.” <b>Professora 2</b></p>
	<p><b>5. Existe uma preparação do ambiente educativo, para o acolhimento de novas crianças?</b></p>	<p>“O ambiente educativo e o contexto da sala onde são integrados, para além da atenção individualizada, que eu já falei, tentamos com que a criança esteja, o mais calmo possível e tentamos organizar, se puder ser, alguns objetos e jogos e material didático, que a criança mostre mais interesse, conseguimos com que a criança trabalhe mais com esses objetos na sala, de forma a que esteja e se sinta bem e segura.” <b>Educadora 1</b></p> <p>“A preparação que existe é tentar no momento em que eles chegam, que as salas e toda a estrutura esteja adequada às necessidades deles e ao mesmo tempo esteja muito atrativa e seja um</p>	<p><b>5. Existe uma preparação do ambiente educativo, para o acolhimento de novas crianças?</b></p>	<p>“Existe, pois a sala de aula é muito mais do que um espaço para armazenar livros e materiais. Tudo é cuidadosamente disposto de forma a tornar-se um lugar acolhedor e adequado ao processo de ensino aprendizagem. Não pode ser demasiado aborrecido, nem estimular em demasia as crianças. O equilíbrio é o ideal.” <b>Professora 1</b></p> <p>“Sim, que já fica, normalmente, do ano anterior, ou seja, nós temos trabalhos de grupo, no final do ano letivo e no início do ano letivo. E as colegas que tiveram 1º ano ou as que vão ter, depende, vão fazer cartõezinhos, têm sempre um miminho para oferecer, logo no início do ano um chupa, este ano por exemplo,</p>

		<p>sítio, onde eles se sintam bem.”  <b>Educadora 2</b></p>	<p>tivemos um chupa que foi transformado em borboleta. No primeiro dia de aulas, no acolhimento aos meninos temos um momento em que os pais vêm para a sala com os meninos, temos ali uma primeira conversa em que os pais estão e depois os meninos, passado meia hora, talvez, saem da sala com uma colega de apoio ou da educação especial, pronto, colegas que estão disponíveis, que não têm turma, portanto, saem da sala e vão fazer uma visita à escola, ver os cantinhos mais importantes, vão à biblioteca, às vezes costumam ir ouvir uma história. Isto serve para dar tempo de nós termos uma conversa com os pais na sala e tratarmos de assuntos importantes, para aquele dia. Depois os meninos regressam novamente, há ali uma conversa com eles e vão-se embora. Isto para primeiro dia.</p> <p>Depois no dia a seguir, em que já estamos com os meninos em sala de aula, costumamos novamente dar uma volta, nós, pela escola, porque é diferente eles irem com uma colega e com a própria professora, pronto, ver mais especificamente onde fica a</p>
--	--	---	--

			<p>reprografia, as casas de banho, o refeitório, onde é que eles podem ir brincar. A atividade de sala de aula parte muito por desenhos, desenhos que eles vão pintar que depois servem de abertura quer do caderno diário, quer do dossier.</p> <p>No ambiente educativo é raro termos algo nas paredes, poderá existir num <i>placard</i> um ou outro bonequito, mas nada muito específico, porque depois vamos nós começando a construir, o calendário, o quadro dos aniversários. Vão sendo coisas que construímos em conjunto. As regras, talvez terceiro dia de aulas é que nós construímos com eles e é que falamos de regras.</p> <p>Eu pessoalmente gosto mais de ir construindo este tipo de materiais com eles, porque é diferente eles chegarem e verem já uma sala cheia de coisas, e o começarem a ver o trabalho deles e começando a ver os <i>placards</i> que vão começando a ficar com coisas que eles estão a aprender, coisas que eles foram fazendo, é mais motivador, talvez.”</p> <p><b>Professora 2</b></p>
	<b>6. Quando existe essa preparação</b>	“Sim, eu acho que quando uma criança entra e sente que o ambiente global das	<p><b>6. Quando existe essa preparação</b></p> <p>“Sim, há crianças que percebem que não existem o mesmo tipo de relação</p>

	<p><b>das crianças, influencia o bem-estar da criança no ambiente educativo?</b></p>	<p>peçoas, não só as da sala, mas também as que as rodeia de outras salas e senhoras dos serviços gerais e senhoras da cozinha, tentamos com que todas trabalhem de uma forma a que a criança se sinta bem, se sinta protegida, sinta segurança e pense que não só estamos a trabalhar para aquela criança, mas tentamos motivar todas as pessoas que trabalham connosco, para que todas hajam de uma maneira mais coerente com as necessidades dessa criança. Aqui nesta instituição e nesta unidade, nós tentamos que todas as pessoas que aqui trabalham, não só as pessoas da sala que estão diretamente em contacto com a criança, todas as pessoas se sintam parte integrante da adaptação dessa criança. Mesmo quando temos, estagiários de outras valências e de outras escolas, tentamos com que todos trabalhem da mesma maneira, e a criança ao ver isso se sente mais segura e se vai sentir mais protegida dentro da nossa instituição.”</p> <p><b>Educadora 1</b></p> <p>“Muito, porque isso é tudo muito importante. Todos estão interessados</p>	<p><b>das crianças, influencia o bem-estar da criança no ambiente educativo?</b></p>	<p>comigo e com todos os pais. Tenho, por exemplo, aqui um menino que só este ano é que a mãe percebeu que eu estou cá para, em conjunto com ela, trabalhar as várias competências que têm de ser trabalhadas para aquela criança (vêm a escola como o inimigo). Muitos pais não têm essa sensibilidade de perceber que a escola está para ajudar, está para apoiar em tudo o que seja necessário. É claro que, se esta criança não está bem, o comportamento dela vai influenciar o resto, vai criar um ambiente pesado, porque a professora depois tem de estar sempre a chamar à atenção, a impor o respeito nalgum caso de mau comportamento e isso, claro que se reflete no ambiente de sala de aula e em todo o contexto. Por motivos como este, as crianças que estejam a ter uma boa adaptação acabam por a adaptação não ser tão fácil assim, ninguém gosta de estar num sítio com mau ambiente.”</p> <p><b>Professora 1</b></p> <p>“Sim, é importante que os alunos, para já se sintam bem, porque é assim uma criança que vem para escola, e isso aconteceu comigo este ano, nos primeiros dias e chora, chora, chora</p>
--	--	--	--	--

		<p>neles e no bem-estar deles e fazem as coisas com esse propósito e procuram ser simpáticos/agradáveis, logo as crianças sentem-se bem.” <b>Educadora 2</b></p>	<p>porque tem saudades da mãe, porque quer a mãe, acaba por essa criança não se sentir bem na escola, até pode gostar muito de mim, porque até simpatizou, mas tem a parte afetiva que não a deixa estar bem. Convém que realmente a criança se sinta bem e depois é o miminho, é a brincadeira que é para ver se aquela parte afetiva não sente tanto a falta daquele ambiente familiar, porque é assim, a escola quer queiramos quer não e eu às vezes na brincadeira também lhes chego a dizer “também não queria estar na escola, queria mais ir brincar ou ir passear”.</p> <p>Eu aqui nunca lhes recuso um miminho, uma atenção. Há alturas em que uma pessoa quer dar matéria, nesta fase já é dar matéria, com mais intensidade, só que é assim, se há uma criança que vem ao pé de nós e quer atenção, nós temos de dar. Eu por exemplo, na semana passada, tive uma visitar de uma ex-aluna de 4ºano e a mãe e ela está como representante da turma e ela dizia-me “Oh professora, a DT diz que eles são mimocas”, e eu disse assim: “Pois, se calhar fui eu a culpada, porque não fiz ali o corte”. Mas é assim no 1º ciclo, eu</p>
--	--	--	--

				<p>própria não sou capaz de cortar, pela minha maneira de ser, eu sou muito de dar uma festinha, um miminho, portanto é difícil, ser diferente nesse aspeto, não consigo.</p> <p>O 1º ano é muito especial, é aquele ano em que nós marcamos, pela positiva e pela negativa, portanto é importante que haja essa ligação afetiva até para que eles acabem por se sentir bem e conseguir estar na escola e ter toda aquela evolução que nós esperamos depois na parte educativa.” <b>Professora 2</b></p>
	<p><b>7. Existe alguma preparação para a adaptação das crianças que vão transitar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico? Qual?</b></p>	<p>“Existe, nessa sala especificamente, tentamos, com que eles conheçam minimamente, a realidade que vão enfrentar, que sintam através de diálogos e conversas e de troca de informações, que sintam que vão para uma realidade diferente. Com os pais também tentamos coordenar um trabalho em que eles também vão falando com os seus filhos e completem o nosso trabalho de informação da realidade nova que vão encontrar. Normalmente nós fazemos uma visita à escola primária mais perto, para eles conhecerem essa realidade que vão</p>	<p><b>7. Existe alguma preparação que visa a adaptação das crianças para o 2.º Ciclo do Ensino Básico? Qual?</b></p>	<p>“Sim, normalmente é feita uma atividade, portanto, ao longo do 4.º ano são feitas algumas atividades em que eles vão à escola do 2.º Ciclo conhecer a escolar, ter algumas atividades com os professores de lá, isso é facilitador para que haja uma melhor adaptação.</p> <p>Depois, eu penso que a relação do professor Diretor de Turma com os pais, em nada tem a ver com a relação que eu tenho com os pais. No 2.º Ciclo é muito diferente, mas também não se pode pedir que lá seja igual, porque isso seria totalmente impossível, mas eu acho que poderia haver um pouquinho mais de</p>

		<p>enfrentar. Normalmente, na altura de julho, é quando vamos, que é a altura mais próxima dessa transição e eles vão a essa escola primária e falam com uma professora, vêm meninos da escola primária, vêm as instalações, vêm o que é uma sala, para conhecerem a realidade. Não quer dizer que seja essa a realidade, mas que seja uma realidade mais próxima possível, para eles conseguirem fazer um esquema mental do que vão encontrar nessa nova etapa.”</p> <p><b>Educadora 1</b></p> <p>“Sim existe. Normalmente, aquilo que eu faço, além daquilo que já se vem a fazer desde o início dos três anos, que é aprender a estar sentado, aprender a falar um de cada vez, aprender a estar mais tempo com atenção na manta, aprender a falar sobre diversos assuntos, aprender a cooperar..., aprender várias competências sociais, entre outras, que serão a base da escrita e da leitura. Tento sempre fazer jogos com palavras, para que eles percebam o que está por detrás da linguagem, para que eles percebam o que é uma letra, o que é uma palavra, uma que é uma</p>	<p>sensibilidade nesse aspeto, fazer com que eles lá se adaptem melhor: com os horários, as diferentes salas!</p> <p>Eu acho que eles vão muito perdidos e depois muitas disciplinas e depois muitos testes, às vezes teste num dia e a seguir ao outro, isso para mim não deveria acontecer. Nós aqui fazemos o que achamos que é correto. Também reunimos com as professoras e fazemos a articulação, levamos a informação e somos nós que constituímos as turmas do 5.º Ano.”</p> <p><b>Professora 1</b></p> <p>“Existe, é assim, os alunos de 4º ano, já têm aulas, digamos, com professores que vêm do 2º ciclo, este grupo de saiu teve as ciências experimentais, mas também têm programação. A partir de agora, os alunos só vão ter a programação, ou seja, já há contacto com um professor do 2º ciclo.</p> <p>Por outro lado, há uma atividade sempre, que tem a ver com os laboratórios que é no 3º período no agrupamento, em que os alunos do 4º ano são convidados a deslocar-se ao agrupamento e ver e fazer experiências,</p>
--	--	---	--

		<p>frase, as diferenças entre estas coisas, jogos por exemplo, masculino-feminino, de sílabas, de diversos temas relacionados com a linguagem. Tento sempre arranjar também, um livro, onde eles tenham 1 hora para despender com isso, para se irem habituando ao trabalho que vão fazer durante muito tempo e depois quando forem para a escola não sentirem uma grande diferença entre um contexto muito informal e um contexto formal de estar sentado muitas horas seguidas e ter um intervalo. E procuro também que saibam responder a um pedido de um exercício qualquer e que isso não seja complicado para eles. Que saibam cuidar do livro, que saibam cuidar das canetas, que saibam cuidar da apresentação dos trabalhos e que tenham gosto nisso, em conseguir fazer bem e penso que é o mais importante. Depois no final do ano procuramos também fazer uma visita a uma escola primária, normalmente é a que está aqui mais perto, para podermos ir a pé e pedimos a colaboração das professoras para mostrarem um bocadinho o que é que se faz na escola primária, e para as crianças conhecerem</p>		<p>ter atividades, visitam a escola, portanto percorrem a escola.” <b>Professora 2</b></p>
--	--	--	--	--

	aquele ambiente de escola.” <b>Educadora 2</b>		
		<b>7.1. O facto de existir mais disciplinas, acha que influencia a própria adaptação das crianças ao 5.º ano?</b>	“Sim, muitas disciplinas, muitas salas, muitos horários diferentes, muitos professores, colegas novos, porque as turmas nunca são de raiz, iguais às que vêm daqui, fazemos sempre um misto, depende também, turmas que tenham meninos da Educação Inclusiva ou que não tenham, existe ali muitas coisa que se jogam quando se está a constituir uma turma.” <b>Professora 1</b>
		<b>7.2. As crianças que têm Necessidades Educativas Especiais têm um tipo de preparação diferente?</b>	“Têm um acompanhamento diferente, eles podem ter tutora que os acompanha ao longo do dia, nas várias atividades ou até algum colega que seja capaz de o fazer e que, não é que seja responsável por ele, mas que ajude nalgumas situações, pronto esse acompanhamento é feito. Eles continuam sempre a ter o apoio individualizado, diferenciação pedagógica, entre outras medidas de suporte à inclusão.” <b>Professora 1</b>
		<b>7.3. Esse caso, é porque ambas as escolas pertencem ao mesmo</b>	“Eu por acaso, por onde tenho passado tem sido do mesmo modo. É assim, eu já passei pela fase, pelos anos de serviço que tenho, em que comecei a trabalhar, que não trabalhávamos em

		<p><b>agrupamento. E no caso de não pertencerem, seria diferente ao poderia ser feito da mesma maneira?</b></p>	<p>agrupamentos, embora trabalhássemos com as escolas de 2º ciclo, e muito, ou seja, muito antes de se falar em agrupamentos, nós já íamos e já partilhávamos atividades com professores do 2º ciclo.” <b>Professora 2</b></p>
		<p><b>7.4. Ou seja, não é por existir agrupamentos que isso fará diferença?</b></p>	<p>“É assim, depende dos projetos que podem ser realizados, eu por exemplo no ano de 98/99, ainda os agrupamentos não se falavam, ou estavam a começar a falar, que eu tinha uma turma, numa escolinha da aldeia, que nós uma tarde por semana, íamos ao 2º ciclo. Íamos ter Educação Física, íamos ter Inglês, tínhamos Música, tínhamos informática, ou seja, acabámos por ter contacto, com outros professores, porque eram os outros professores que nos davam as aulas, as crianças iam a um espaço que era diferente e ficavam a conhecer a escola para onde iam, independentemente do ano de escolaridade. Portanto, eu ia com alunos do 1º ao 4º ano, porque essa turma tinha alunos do 1º ao 4º ano, e eu ia com todos à escola do 2º ciclo e todos participavam nas atividades, portanto é</p>

			<p>assim, não é impossível, basta haver flexibilidade.</p> <p>Além destas atividades que nós temos, no início do ano, temos uma reunião em que os professores que tiveram 4º ano vão reunir com os DT's e com os professores da turma. Ou seja, eu este ano fui convocada, pronto, reuniões sobrepostas em que se deu primazia à reunião do 5ºano, em que eu me ausentei da minha reunião de 1º ciclo e que fui para a do 2º ciclo. Em que estive presente, passei todas as informações ao diretor de turma e aos professores e respondi a todas as questões que eles me perguntaram. Ou seja, quando os alunos lá chegam os professores já têm conhecimento da turma, sem necessitarem de ir consultar processos, porque têm a tal reunião, e é assim, estamos sempre disponíveis para qualquer informação que seja necessária." <b>Professora 2</b></p>
<p><b>Bloco D</b> <b>Participação da família com a</b></p>	<p><b>1. Existe cooperação entre pais e educadores/as para a preparação da adaptação no</b></p>	<p>"Normalmente, como eu disse, eles vêm cá conhecer as instalações e vêm fazer a entrevista, antes de começar a frequentar. Normalmente vêm com as crianças para elas conhecerem as outras crianças que estão integradas</p>	<p><b>1. Existe cooperação entre pais e professores/as para a preparação da adaptação no</b></p> <p>"Não, o que é feito é a reunião prévia, mas acontece no dia em que eles vêm, portanto, os pais vêm e enquanto os pais estão comigo, a dar as informações que são imensas, sobre a escola, abertura de portões, horários, AEC's,</p>

<b>escola na adaptação da criança</b>	<b>pré-escolar, antes do início do ano letivo? (No caso de existir), de que maneira?</b>	<p>nessa sala, para conhecerem os adultos que estão nessa sala, a educadora e a ajudante de ação educativa, e no fundo, todo o espaço que essa criança vai começar a frequentar, normalmente é-lhes mostrado, para desta maneira conseguirem, como eu digo, se sentirem mais seguras e saberem o que é que lhes espera.” <b>Educadora 1</b></p> <p>“É só quando é a primeira vez, nos restantes não há necessidade, porque o dia a dia da criança, vai sendo conversado, todos os dias, no acolhimento no final da tarde, com os pais, as novidades, o que vai acontecer, nada é assim novidade. Se for a primeira vez é necessário existir um diálogo com os pais, mais no sentido de promover uma cooperação de contar como correram os dias, as noites, para podermos planear o mesmo tipo de atitudes perante a criança.” <b>Educadora 2</b></p>	<b>1.º Ciclo do Ensino Básico, antes do início do ano letivo? (No caso de existir), de que maneira?</b>	<p>eles têm imensas dúvidas sempre, e a reunião é bastante demorada. Enquanto os Encarregados de Educação reúnem comigo, os meninos vão fazer uma visita à escola, conhecer os espaços da escola, fazem atividades em vários pontos (sob a forma de <i>ateliers</i>). Enquanto eu estou a reunir com os pais as crianças estão a desenvolver atividades de reconhecimento do espaço e para se adaptarem a todos os locais e para eles se sentirem familiarizados com a escola, com o espaço que é bastante diferente do jardim.” <b>Professora 1</b></p> <p>“Não, é só quando começa. Antes do início do ano letivo não. É assim, nós por exemplo vamos falando aos pais, sobre as nossas preocupações, tentamos explicar que a escola é muito diferente, que eles têm de ter outra postura, pronto, vamos dando estas indicações, mas não aquela reunião, digamos formal para que os pais saibam como é que vão agir, quando eles transitam.” <b>Professora 2</b></p>
	<b>2. Quando a criança entra no</b>	<p>“Sim, na nossa entrevista isso é equacionado, porque é assim, há</p>	<b>2. Quando a criança entra no</b>	<p>“Alguns pais sim, têm essa preocupação, mas muitas vezes eles</p>

	<p><b>pré-escolar pela primeira vez, o educador/a questiona os pais se existiu uma preparação de adaptação das crianças? (No caso de não existir), há algum acompanhamento especial a fazer a essa criança?</b></p>	<p>criança que vêm de avós, há crianças que vêm de casa e há crianças que vêm de outras instituições, por isso nós tentamos saber exatamente de que contexto é que ela vem, se vem de avós, se vem de pais, se vem de outras instituições, porque para nós é muito importante, a maneira como eles enfrentam esta primeira etapa é diferente.” <b>Educadora 1</b></p> <p>“Sim é questionado. No caso de não existir, tentamos nós mostrar, mal a criança entre, o que é que é uma rotina de um jardim de infância, o que é que se faz no jardim de infância, e vamos ao longo do tempo mostrando sempre como se deve agir, como não se deve, questioná-los sobre este tipo de questões para ele próprio também chegar a conclusões, do que pode e não pode acontecer, o que é melhor para ele e para o grupo.” <b>Educadora 2</b></p>	<p><b>1.º Ciclo do Ensino Básico pela primeira vez, o professor/a questiona os pais se existiu uma preparação de adaptação da criança? (No caso de não existir), há algum acompanhamento especial a fazer a essa criança?</b></p>	<p>acham que estão a ajudar e no fim não estão. Quando os meninos já trazem conhecimentos prévios, desinteressam-se, “<i>eu já sei isto, não preciso de estar atento</i>” (esse é um dos motivos). Outro dos motivos é porque por vezes em casa, eles não ensinam usando as mesmas estratégias usadas em sala de aula, o que por vezes provoca “conflitos”.” <b>Professora 1</b></p> <p>“É assim, nós falamos com os pais e nesta fase os pais estão muito preocupados, portanto aquele primeiro dia, é o pânico dos pais, e a reunião que podia demorar 2horas, demoras 4horas, porque os pais estão muito ansiosos , não só de como eles se vão portar, mas depois em contar todos aqueles problemas que poderão ter, ou de saúde, ou apesar de nós entregarmos uma ficha individual, em que faz o registo dessas informações, só que os pais querem logo falar. Eu, apesar deste ano a reunião ter demorado, eu tive pais que logo a seguir, no atendimento daquela semana, queriam falar comigo individualmente. Ou seja, foi mais a nível da problemática saúde ou familiar, não</p>
--	---	---	---	---

				<p>aquela coisa de “Professora será que ele está bem?”, mais aqueles pais em que os filhos não tiveram jardim de infância. Aí é que esses pais vêm muito ansiosos, porque ou faltaram muito ao jardim de infância e depois “Oh professora, eu não sei como ele vai ser porque faltou muito ao jardim de infância”, mas depois há essa preocupação e depois arrependem-se do menino não ter frequentado mais o jardim de infância. Mas o facto deles não frequentarem o jardim de infância, não é muito significativo, para alguns. Por exemplo, no grupo anterior, eu tive um menino que não frequentou jardim de infância e era o melhor aluno da turma, portanto isso aí também depende da personalidade da criança.” <b>Professora 2</b></p>
	<p><b>2.1. E tentam com que os pais façam isso em casa?</b></p>	<p>“Sim tentamos conversar sobre formas das coisas correrem melhor ou quando surge algum problema em que achamos que é preciso a família ou que seria bom, também conversar sobre o assunto e poder ajudá-los a resolver melhor os problemas deles.” <b>Educadora 2</b></p>		
<p><b><u>Bloco E</u></b> <b>Validação</b></p>	<p><b>3. Ficou alguma coisa por dizer,</b></p>	<p>“Esta fase de adaptação é uma fase de angústia para os pais. Há pais que</p>	<p><b>3. Ficou alguma coisa por dizer,</b></p>	<p>“Não, está tudo. Obrigada.” <b>Professora 1</b></p>

	<p><b>que queira acrescentar?</b></p>	<p>enfrentam esta angústia e esta ansiedade de maneira diferente, e muitas vezes se conseguirmos falar de tudo o que é relacionado com a crianças, antes de ela entrar, através desta entrevista e de mostrar o espaço aos pais e à própria criança, eles acabam por se sentir mais seguros e mais tranquilos. Claro que nas primeiras semanas, meses, à um trabalho que é feito de tranquilizar os pais de maneira a que eles se sintam bem, porque se os pais se sentirem bem, também vão mostrar isto à criança e tentamos sensibilizar os pais para que não demonstrem tanta ansiedade, tanto nervosismo para que a criança também não perceba, da parte deles esta insegurança, porque é normal tanto os pais como os filhos vêm para um ambiente desconhecido e demoram o seu tempo a terem alguma tranquilidade e alguma segurança. Penso que também, muito do trabalho da adaptação da criança, também passa pela adaptação dos pais e da família, e quanto mais depressa eles conseguirem pensar e trabalhar e tranquilizar-se mais depressa, pois os filhos também ficarão</p>	<p><b>que queira acrescentar?</b></p>	<p>“Penso que falei de tudo, se calhar até falei de mais.” <b>Professora 2</b></p>
--	---------------------------------------	--	---------------------------------------	--

		<p>mais tranquilos e mais seguros.”  <b>Educadora 1</b></p> <p>“Sobre adaptação eu acho que o essencial mesmo é assim, as crianças vão, seja para a creche, seja para o jardim, seja para onde for, vão para um mundo novo, mesmo que venham já de um anterior. E o que gostamos nós adultos quando chegamos a um mundo novo? Gostamos de ter alguém que nos acolha com muito boa disposição e nos mostre tudo o que ali se passa, e no fundo é o que as crianças também querem. Querem isso e depois também querem outra coisa, como são mais pequenos, o bem-estar deles, também tem sempre a ver, na minha opinião, com uma parte emocional, então eles querem sentir-se um bocadinho amados, querem sentir-se bem-vindos naquela realidade e a adaptação é esse período em que se criam laços com as crianças.” <b>Educadora 2</b></p>		
	<p><b>3.1. Por vezes, torna-se mais complicado, se os pais demonstram</b></p>	<p>“Sim, isso é problemático. Eu, aliás, às vezes tenho alguns pais que são mais difíceis que os filhos nas adaptações. Os filhos corre muito bem, mas os pais por vezes estão tão ansiosos e têm eles</p>		

	<p><b>à criança o receio de as deixar cá.</b></p>	<p>próprios tantos receios de situações que os perturbam, que eles próprios passam para a criança uma ansiedade, porque “oh filho estás bem?”, “não te preocupes que a mãe vem-te buscar cedo”, “pronto dá cá mais beijinhos” e com as lágrimas nos olhos, isto não ajuda nada. Eu normalmente faço, peço aos pais “se está muito ansioso fique aí há espreita, se quiser, mas nunca se mostre, também se tem medo, se tem receio de o deixar porque não nos conhece, nem conhece a realidade, nunca mostre isso à criança”. Porque eles estão muito atentos e estão a ver qual é o sentimento que os pais lhes estão a passar e o sentimento que têm de passar é sempre, um sentimento que eles vão para uma situação onde vão ter experiências novas, ter amiguinhos novos, não vão ter problemas e isto, às vezes, não é passado por alguns pais. Neste sentido, temos de ter esta tal conversa e educá-los nesse sentido de, se o sentem ao menos nunca o mostrem e tentem fazer isso muito discretamente, eu às vezes, até digo mesmo “olhem fiquem se quiserem atrás da porta, mas não se mostrem, nem puxem por eles, nem</p>	
--	---	--	--

		<p>digam filho dá cá mais um beijinho”, os pais têm muito esta tendência mas isto, não ajuda em nada, eles não fazem isto por mal, pensam que estão a fazer o melhor possível. Na realidade, eles também estão a fazer a adaptação e nós também estamos a fazer a adaptação aquelas relações novas, mas quando são as crianças a ver este tipo de sentimentos não corre bem, tem de se mostrar sempre uma atitude muito tranquila, que estão seguros de que este é o melhor sítio para eles estarem. Se passa outra informação, isso é muito complicado. Mas isso, nós podemos conversar com os pais, podemos deixar uma vez ou outra, porque os pais também estão a fazer uma adaptação, mas depois temos de salvaguardar a criança e mostrar aos pais que têm de se mostrar tranquilos e seguros. Depois corre bem, até é giro, porque eu já fiz esta experiência várias vezes de “por favor se quiser ficar fique, mas não se mostre”, porque é o suficiente para às vezes, as crianças se calarem automaticamente. Aquilo é um jogo que eles fazem de “deixa-me chorar mais um bocadinho, pode ser que ela me leve”,</p>	
--	--	--	--

		<p>“talvez ela fique muito aflita e me leve” e depois quando eles não os vêm ficam bem, às vezes é instantâneo, é muito engraçado. Depois também é engraçado os pais do outro lado, perceberem isso, que afinal aquilo não era nada de grave, que era só um “eu gosto de estar contigo e não as conheço”. E quando entram para um sítio qualquer, às vezes, é melhor do que, estar com alguém que não conhecem, nem sabem se é bom ou se é mau, se tem experiências boas ou não. Num primeiro dia, às vezes, justifica-se os pais ficarem cá, porque os próprios pais estão muito ansiosos, mas depois se eles não forem embora, isto torna-se caótico, porque eles ao pé dos pais têm outro tipo de relação e depois ali eles vão manter aquela relação, se eles não se afastarem, é difícil, mas consegue-se, com boa vontade e sem os enganar. Alguns também dizem aos filhos “vai ali buscar aquela bola” e depois vão-se embora, isso é péssimo, mais vale deixá-lo a chorar e dizer “não, eu agora tenho de me ir embora”, mas ser verdadeiro, porque as crianças coitadas, também não gostam de ser enganadas e não gostam de ficar</p>	
--	--	--	--

		<p>abandonadas, então eles têm de explicar “eu agora tenho de ir trabalhar, porque depois acontece uma coisa qualquer”, até pode ser “eu volto já”, agora enganar não. Mas eu acho que o que conta também é o bom senso e a cooperação das duas partes, da família e da escola, para tentar arranjar as soluções que possam fazer com que a criança fique melhor, e a cooperação no sentido de ir fazendo uma avaliação diariamente sobre quais estão a ser as dificuldades da criança e educadora e pais tentarem arranjar estratégias para as ultrapassar, para que eles fiquem bem e não tenham dificuldades.”</p> <p><b>Educadora 2</b></p>	
	<p><b>3.2. Quando os pais não são capazes de cooperar com a escola, o que tentam fazer, para que estes consigam?</b></p>	<p>“Às vezes, não são capazes, por questões pessoais ou porque não compreendem a situação. Mas tentamos mostrar-lhes, como nesse caso do “fique ai à porta, mas não se mostre e observe”, mostrar-lhes por A+B, das experiências diárias, para eles verem com os próprios olhos situações de que se eles tomarem esta ou aquela atitude é mais benéfico para todos, para eles, para os filhos e contar-lhes sempre como é que correu o dia, porque eu</p>	

		<p>como mãe, eu acho que nós como educadoras/professoras, também devemos sempre pôr-nos um bocadinho na posição dos pais e realmente deixar um filho pequeno não é fácil. Não conhecemos as situações e imaginámos sempre que possa alguma coisa, ter defeitos, e tranquiliza-nos sempre perceber, porque ao fim de uma ou duas semanas, começamos a perceber, que aquela pessoa que nos dá aquele <i>feedback</i> à tarde, por A+B que está a contar realmente o que se está a passar e podemos confiar nela. Eu acho que isso é muito importante para confiar também na pessoa onde o nosso filho fica. E assim cria-se também uma relação de empatia com os pais. Esta relação de empatia com as crianças e com os pais é essencial para poder resultar tudo bem. Quando não se cria com os dois é um bocadinho mais complicado, mas se fizermos todos um esforço, conseguimos arranjar estratégias diferentes, para crianças diferentes, pais diferentes, de maneira a que as coisas resultem, a que todos fiquem bem. É um bocadinho o jogo de cativar, eu às vezes costumo dizer uma</p>	
--	--	--	--

		<p>frase engraçada, que a adaptação é uma espécie de cativar as crianças. E é, porque nós também não podemos exigir nada das crianças, que cumpram regras, ou que cumpram normas, ou que tenham este tipo de atitude ou aquele tipo de atitudes, se elas primeiro não gostarem de nós e não tiverem uma relação connosco, elas são muito pequenas e de outra forma não conseguimos pedir nada, se não dermos primeiro. Primeiro temos de criar uma relação e depois de já termos uma relação, então depois podemos exigir alguma coisa, neste caso tenho aqui um menino novo, normalmente as primeiras semanas são um bocadinho, onde gradualmente se vai mostrando e tentando adaptar também o contexto àquilo que ele está preparado, ou é capaz. No caso dele, por exemplo, era uma alimentação totalmente diferente da que ele estava acostumado, então nós também temos de levar isto em conta, então temos de pensar, vamos tentar agora de início que ele coma com ajuda, que ele coma com todos os efeitos especiais possíveis e que experimente as comidas novas e que tente apreciar,</p>	
--	--	---	--

		<p>vamos tentar criar alguma relação também com a cozinheira, com as pessoas que fazem, porque eles gostam destas coisas de saber quem faz e quem é, e vamos tentar que ele primeiro comecem a comer algum tipo de alimentos e depois, gradualmente, vamos tentar aumentar esse número de alimentos e se ele não comer mesmo aqueles alimentos, vamos arranjar uma alternativa, não vamos deixar a criança ficar mal por causa disso. No início há estas cedências, depois quando realmente se cria uma relação..., eu já estou a criar uma relação com ele, logo hoje já exigi mais umas coisinhas e já consegui, ele aceita, mas se fosse logo no início ele ia chorar e amanhã já não queria vir. Eu já tenho uma relação com ele, ele quando eu chego já vem a correr ter comigo e dá um abraço e diz bom dia, isto quer dizer o quê? Que posso dar o passo a seguir, ele já gosta de mim eu já tenho uma relação com ele, ele já quer vir para o jardim, então eu já posso avançar e pedir mais um bocadinho. No início é mesmo preciso cativar, eu acho que é uma palavra que não se usa muito, mas que eu acho que é mesmo assim,</p>	
--	--	--	--

		<p>porque tem de se criar mesmo uma relação, se isto não for assim e for de outra forma, pode correr mal. Nós também quando vamos a um sítio qualquer e já somos adultos, nós cedemos sempre perante aquela pessoa que nos mostra o que é e que nos faz sentir bem e que nos, de alguma forma, ampara naquela entrada e eles é o mesmo. O mesmo num grau maior, porque nós já não precisamos que nos “passem a mão no ombro” e eles precisam, precisam de se sentir bem. Aqui no jardim de infância eu não tenho muita preocupação, agora na creche pode-se criar um ambiente cheio de coisas que os façam sentir bem além de nós, podemos por músicas muito tranquilas, relaxantes, podemos ter uma interação física com eles muito grande, que eles também adoram, podemos levar as coisas muito afetivamente e podemos ir de encontro a todas as necessidades deles... Na creche há um ambiente que se pode criar ali muito bem, para criar bem-estar e alegria, e pronto é o essencial. Se eles tiverem essas necessidades satisfeitas, se eles se sentirem bem, amanhã vão querer vir</p>	
--	--	--	--

		<p>outra vez. No jardim é um bocadinho mais fácil, porque eles já têm alguma experiência de vida, já sabem eles próprios satisfazer algumas necessidades que têm, logo é mais mostrar-lhes o que é que se pode fazer de interessante. É ir ao encontro do que eles sabem e querem saber e também da avaliação daquele período, porque, por exemplo, nós podemos estar a mostrar isto tudo e depois no dia a dia perceber que afinal aquilo não é tanto o que lhe apetece, se calhar ali também temos de fazer uma inversão e procurar ir de encontro aos interesses da criança naquela fase inicial, para que a criança sinta que nós estamos ali, realmente, para ir de encontro às necessidades dela, e que é um sítio onde a vão fazer sentir bem, onde ela vai poder ser feliz. No fundo é o que todos querem, antes de começarmos a procurar um trabalho de procurar que eles se desenvolvam nas diversas áreas de desenvolvimento, as educadoras/professoras primeiro têm de fazer este trabalho de construir uma relação com as crianças, se conseguirmos isso vai sempre correr bem, em princípio. E simultaneamente</p>	
--	--	--	--

		<p>conseguirmos ter uma relação de trabalho com os pais, eu digo trabalho porque é uma relação de cooperação, no dia a dia, também é fundamental para que tudo corra bem. Eu acho que na adaptação, o essencial é isto, é fazer aquela entrevista inicial com os pais para saber tudo sobre a criança e sobre os pais, tudo aquilo que é possível e as problemáticas da criança e depois, com base nisso proporcionar um ambiente maravilhoso e acolhedor que eles possam ser felizes. Depois na fase a seguir, pensa-se então na parte do desenvolvimento, passado um mês, normalmente.” <b>Educadora 2</b></p>	
--	--	--	--

### 3) Análise das Entrevistas

Blocos	Questões	Educadoras	Questões	Professoras
<p><b>Bloco C</b>  <b>Adaptação da criança ao contexto educativo</b></p>	<p><b>1. O que entende por adaptação escolar?</b></p>	<p>“Eu entendo que adaptação é criar maneiras, formas, estratégias de conhecermos as crianças, conhecermos as suas famílias, o seu contexto familiar, para podermos fazer uma fase de transição entre casa e escola.”  <b>Educadora 1</b></p> <p>“Adaptação é o período em que a criança começa a frequentar o jardim de infância ou a creche pela primeira vez e se adapta a toda a estrutura, às funcionárias, à educadora, à auxiliar, aos amigos, à própria sala, à própria instituição e convém que seja muito bem-feita, para que tudo corra bem de futuro.”  <b>Educadora 2</b></p>	<p><b>1. O que entende por adaptação escolar?</b></p>	<p>“Principalmente no primeiro ano de escolaridade, os alunos devem sentir que estão num meio ambiente favorável, que gostem, calmo, acolhedor, familiar, o que nem sempre é fácil, mas é o papel do professor.”  <b>Professora 1</b></p> <p>“A adaptação ocorre no início do ano, nós tentamos que os alunos fiquem bem integrados no ano em que vão frequentar. Temos que ver, a nível familiar as problemáticas que existem e tentar com que a criança se sinta o melhor possível no ambiente de sala de aula. Claro que há sempre aquele choro no início que é difícil, mais para o 1º ano. (...) no fundo a adaptação é utilizarmos as estratégias todas que nós conseguimos para que eles estejam bem na escola. Penso que seja isso.”  <b>Professora 2</b></p>
	<p><b>2. Como se prepara a adaptação das crianças para a</b></p>	<p>“(…) Quando vêm de fora, pela primeira vez para o pré-escolar, o que nós fazemos é, fazer uma entrevista aos pais, em que conhecemos dados médicos da criança, dados de</p>	<p><b>2. Como se prepara a adaptação das crianças para a entrada no 1.º</b></p>	<p>“(…) Depois, na sala, exponho os chamados auxiliares de memória, que são registos sobre os conteúdos que estão a ser trabalhados. Todos os dias, no início da aula reforço a aprendizagem</p>

	<p><b>entrada no pré-escolar?</b></p>	<p>personalidade da criança, dados da família, conhecer o seu contexto familiar de forma a conhecermos de que maneira é que a criança chega até nós, ao pré-escolar, e também conhecermos, minimamente, como é que a criança age, como é que a criança pensa, como é que a criança é no seu dia a dia.”</p> <p><b>Educadora 1</b></p> <p>“(…) No caso de não frequentarem é diferente, (…), preparamos o grupo que já cá está para a receção da criança ou das crianças novas que vão entrar, para quê? Para eles colaborarem connosco a fazer essa adaptação e depois no momento em que eles entram tentamos mostrar-lhes um bocadinho o que é o pré-escolar, ou a creche, conforme o caso, e o que é que se pode fazer, tentamos ter muita atenção com eles, tentamos que o grupo também os ajude e lhes mostre um bocadinho o que se pode fazer, o que é que não se pode fazer, que os ajude também em termos afetivos, que os integre no seu grupo, que em qualquer dificuldade os auxilie e normalmente corre muito bem. (…).”</p> <p><b>Educadora 2</b></p>	<p><b>Ciclo do Ensino Básico?</b></p>	<p>dos fonemas, dos ditongos (fazendo uma retrospectiva de tudo o que já tinha sido trabalhado previamente).</p> <p>Por exemplo, a letra P, eu punha pa, pe, pi, po, pu, depois pai, pau, com os ditongos e eles iam fazendo sempre a leitura de todas as letras, em que chegou a um ponto em que o quadro não chegava (risos).</p> <p>Essa consolidação diária era importante para que eles se sentissem seguros (principalmente as crianças com muita dificuldade penso que se adaptaram bem nesse sentido).</p> <p>Depois fazíamos umas técnicas de relaxamento no início de cada dia, porque eu tinha meninos que vinham para a escola a chorar, com saudades da mãe, do pai, pronto. (…).”</p> <p><b>Professora 1</b></p> <p>“Como eles vêm muito habituados do jardim de infância, às brincadeiras, começamos sempre mais por uma parte lúdica, pronto, joguinhos, histórias, uns filmezinhos, para ver se eles começam a estar melhor em sala de aula e lá está, depois começamos com os grafismos que são aquelas estratégias que eles</p>
--	---------------------------------------	---	---------------------------------------	--

				também já vêm habituados do jardim de infância, para depois iniciarmos as letras. A adaptação tem sempre uma parte muito lúdica.” <b>Professora 2</b>
	<b>3. Quais os aspetos mais importantes para o acolhimento das crianças no contexto educativo?</b>	“Estes mesmo que eu acabei de referenciar, nós achamos que é muito importante conhecer a criança antes de ela vir, por isso é que temos esta entrevista. Apesar de nós sabermos que o comportamento das crianças é diferente em contexto escolar do que em contexto familiar, interessa-nos muito saber como eles são em casa com a sua família, para depois os conseguirmos entender melhor e conseguirmos ajudá-los para que a fase de transição e de adaptação seja feita de uma forma mais rápida e com sucesso. (...) Para aquelas que nós vemos que a adaptação está a ser mais difícil, combinamos com os pais estratégias, de forma a minorizar esta ansiedade e este sofrimento que algumas crianças sentem na entrada para o pré-escolar. (...) Também tentamos que algum objeto de casa seja trazido para fazer a transição, ou seja, um brinquedo, ou um objeto qualquer que eles estejam habituados em casa para fazer a transição, para não estarem	<b>3. Quais os aspetos mais importantes para o acolhimento das crianças no contexto educativo?</b>	“Em primeiro lugar ter informações das crianças antes deles chegarem, informação que vem das educadoras, ou de psicólogas, ou de quem os estiver a acompanhar antes, essa informação é deveras importante. Depois a boa relação com os Encarregados de Educação, penso que é fulcral mesmo. (...)” <b>Professora 1</b>  “Portanto, aqui é mesmo o aluno sentir-se bem, a empatia que eles têm connosco, o sentirem-se bem em sala de aula, com o colega, porque é assim, há meninos que estão habituados a determinado colega, e normalmente os grupos vêm juntos do jardim de infância, e há sempre um ou outro colega com quem eles gostam mais de estar, com os quais há mais a proximidade. Às vezes não é benéfico. (...) Pronto, aqueles que não há referência, nós vamos tentando, mas o facto de sentirem que está um colega com que eles se dão bem ali ao lado nos primeiros dias ajuda, também,

		<p>completamente desprotegidos, e também tentamos dar uma atenção especial a essa criança. (...).” <b>Educadora 1</b></p> <p>“(...) Tentamos criar atividades extraordinárias, tentamos cativar as crianças, tentamos mostrar-lhes que vir para este espaço é uma coisa que para eles pode ser muito boa a nível afetivo e a nível de experiências. Tentamos também minimizar as suas dificuldades a nível emocional, porque eles no início quando vêm para a creche ficam com aquela ansiedade, que não sabem se os pais vão voltar para os vir buscar. Depois tranquilizá-los e dizer-lhes todos os dias que os pais vão voltar à tarde e que vêm só brincar um bocadinho com os amigos e resulta sempre se nós fizermos isto bem feito e em colaboração com a família (...).” <b>Educadora 2</b></p>		<p>na adaptação deles. Por fim vamos ao trabalho. (...).” <b>Professora 2</b></p>
	<p><b>4. Que estratégias são utilizadas para preparar as crianças para a adaptação no pré-escolar? Essas</b></p>	<p>“(...) Nós aqui tentamos fazer um trabalho de conjunto e ao falarmos e trabalharmos com os pais, tentamos retirar ideias, em reuniões de equipa pedagógica, umas educadoras com as outras tentamos saber o que precisamos de fazer para aquela criança</p>	<p><b>4. Que estratégias são utilizadas para preparar as crianças para a adaptação no 1.º Ciclo do Ensino Básico? Essas</b></p>	<p>“Fazemos a receção inicial às crianças, em que são realizados jogos e umas brincadeiras, depois deste momento lúdico e enquanto nós ficamos em reunião com os pais, eles saem um bocadinho e vão conhecer a escola com uma professora ou uma auxiliar, isto no</p>

	<p><b>estratégias são eficazes?</b></p>	<p>especificamente para a deixar mais à vontade e mais integrada. (...) e é no dia a dia que nós tentamos fazer estratégias de acolhimento específicas para essa criança e específicas para os problemas que essa criança apresenta na adaptação. Normalmente as estratégias são sempre eficazes.” <b>Educadora 1</b></p> <p>“No caso de terem frequentado creche já estão preparados. No caso de não terem frequentado creche, conversamos com os pais no momento da entrevista, tentamos saber coisas acerca deles, se já tiveram nalgum sítio, se vêm de casa, e tentamos também mostrar aos pais, mais ou menos como é que vai ser o dia a dia deles, como é que as coisas vão correr e procurar que falem sobre isto com eles em casa, e quando eles chegam fazemos nós a mesma coisa, tentamos mostrar-lhes um bocadinho o que é o jardim de infância. (...) No período de adaptação, mesmo as crianças que já vêm de trás, também já não se vêm há 1 mês e já não estão muito acostumados, voltamos a mostrar outra vez o que é que se pode fazer e todo o tipo de atividades, normalmente</p>	<p><b>estratégias são eficazes?</b></p>	<p>primeiro dia de aulas. No dia a dia em sala de aula, começo a destinar-lhes o lugar que me parece mais adequado, devido às dificuldades visuais ou outras que me foram comunicadas pelo encarregado de educação. A própria sala, no início o ano está em “U” o que depois acaba por ir sendo alterado. (...) Depois a nível de trabalho diário, nos primeiros dias, fazem grafismos a partir de histórias, cantamos muitas canções infantis do seu conhecimento ou não, fazem pinturas e jogos...</p> <p>Tento dar-lhes algum mimo e distraí-los quando estes estão mais carentes e choram porque querem a mãe ou não param de perguntar se ainda falta muito para ir embora para casa. E principalmente gosto de os deixar falar expressando o que estão a sentir ou a pensar.</p> <p>De modo geral todas as estratégias que utilizamos acabam por resultar, temos é que as ir adequando a cada uma das crianças que temos à nossa frente, pois o que resulta com uma criança pode não se conseguir com outra.” <b>Professora 2</b></p>
--	---	---	---	---

		as mais atrativas naquele início. Normalmente corre bem, eu não tenho muitas dificuldades.” <b>Educadora 2</b>		
	<b>5. Existe uma preparação do ambiente educativo, para o acolhimento de novas crianças?</b>	<p>“O ambiente educativo e o contexto da sala onde são integrados, para além da atenção individualizada, que eu já falei, tentamos com que a criança esteja, o mais calmo possível e tentamos organizar, se puder ser, alguns objetos e jogos e material didático, que a criança mostre mais interesse, conseguimos com que a criança trabalhe mais com esses objetos na sala, de forma a que esteja e se sinta bem e segura.” <b>Educadora 1</b></p> <p>“A preparação que existe é tentar no momento em que eles chegam, que as salas e toda a estrutura esteja adequada às necessidades deles e ao mesmo tempo esteja muito atrativa e seja um sítio, onde eles se sintam bem.” <b>Educadora 2</b></p>	<b>5. Existe uma preparação do ambiente educativo, para o acolhimento de novas crianças?</b>	<p>“Existe, pois a sala de aula é muito mais do que um espaço para armazenar livros e materiais. Tudo é cuidadosamente disposto de forma a tornar-se um lugar acolhedor e adequado ao processo de ensino aprendizagem. Não pode ser demasiado aborrecido, nem estimular em demasia as crianças. O equilíbrio é o ideal.” <b>Professora 1</b></p> <p>“Sim, que já fica, normalmente, do ano anterior, ou seja, nós temos trabalhos de grupo, no final do ano letivo e no início do ano letivo. E as colegas que tiveram 1º ano ou as que vão ter, depende, vão fazer cartõezinhos, têm sempre um miminho para oferecer, logo no início do ano um chupa, este ano por exemplo, tivemos um chupa que foi transformado em borboleta. (...) No ambiente educativo é raro termos algo nas paredes, poderá existir num <i>placard</i> um ou outro bonequito, mas nada muito específico, porque depois vamos nós começando a construir, o calendário, o</p>

				quadro dos aniversários. Vão sendo coisas que construímos em conjunto. As regras, talvez terceiro dia de aulas é que nós construímos com eles e é que falamos de regras. (...)” <b>Professora 2</b>
	<p><b>6. Quando existe essa preparação das crianças, influencia o bem-estar da criança no ambiente educativo?</b></p>	<p>“Sim, eu acho que quando uma criança entra e sente que o ambiente global das pessoas, não só as da sala, mas também as que as rodeia de outras salas e senhoras dos serviços gerais e senhoras da cozinha, tentamos com que todas trabalhem de uma forma a que a criança se sinta bem, se sinta protegida, sinta segurança e pense que não só estamos a trabalhar para aquela criança, mas tentamos motivar todas as pessoas que trabalham connosco, para que todas hajam de uma maneira mais coerente com as necessidades dessa criança. (...)” <b>Educadora 1</b></p> <p>“Muito, porque isso é tudo muito importante. Todos estão interessados neles e no bem-estar deles e fazem as coisas com esse propósito e procuram ser simpáticos/agradáveis, logo as crianças sentem-se bem.” <b>Educadora 2</b></p>	<p><b>6. Quando existe essa preparação das crianças, influencia o bem-estar da criança no ambiente educativo?</b></p>	<p>“(...) É claro que, se esta criança não está bem, o comportamento dela vai influenciar o resto, vai criar um ambiente pesado, porque a professora depois tem de estar sempre a chamar à atenção, a impor o respeito nalgum caso de mau comportamento e isso, claro que se reflete no ambiente de sala de aula e em todo o contexto. Por motivos como este, as crianças que estejam a ter uma boa adaptação acabam por a adaptação não ser tão fácil assim, ninguém gosta de estar num sítio com mau ambiente.” <b>Professora 1</b></p> <p>“Sim, é importante que os alunos, para já se sintam bem, porque é assim uma criança que vem para escola, e isso aconteceu comigo este ano, nos primeiros dias e chora, chora, chora porque tem saudades da mãe, porque quer a mãe, acaba por essa criança não se sentir bem na escola, até pode gostar muito de mim, porque até simpatizou,</p>

				mas tem a parte afetiva que não a deixa estar bem. Convém que realmente a criança se sinta bem e depois é o miminho, é a brincadeira que é para ver se aquela parte afetiva não sente tanto a falta daquele ambiente familiar, (...) O 1º ano é muito especial, é aquele ano em que nós marcamos, pela positiva e pela negativa, portanto é importante que haja essa ligação afetiva até para que eles acabem por se sentir bem e conseguir estar na escola e ter toda aquela evolução que nós esperamos depois na parte educativa.” <b>Professora 2</b>
	<b>7. Existe alguma preparação para a adaptação das crianças que vão transitar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico? Qual?</b>	“Existe, nessa sala especificamente, tentamos, com que eles conheçam minimamente, a realidades que vais enfrentar, que sintam através de diálogos e conversas e de troca de informações, que sintam que vão para uma realidade diferente. (...) Normalmente nós fazemos uma visita à escola primária mais perto, para eles conhecerem essa realidade que vão enfrentar. Normalmente, na altura de julho, é quando vamos, que é a altura mais próxima dessa transição e eles vão a essa escola primária e falam com uma	<b>7. Existe alguma preparação que visa a adaptação das crianças para o 2.º Ciclo do Ensino Básico? Qual?</b>	“Sim, normalmente é feita uma atividade, portanto, ao longo do 4.º ano são feitas algumas atividades em que eles vão há escola do 2.º Ciclo conhecer a escolar, ter algumas atividades com os professores de lá, isso é facilitador para que haja uma melhor adaptação. (...) Também reunimos com as professoras e fazemos a articulação, levamos a informação e somos nós que constituímos as turmas do 5.º Ano.” <b>Professora 1</b>

		<p>professora, vêm meninos da escola primária, vêm as instalações, vêm o que é uma sala, para conhecerem a realidade. (...)” <b>Educadora 1</b></p> <p>“Sim existe. Normalmente, aquilo que eu faço, além daquilo que já se vem a fazer desde o início dos três anos, que é aprender a estar sentado, aprender a falar um de cada vez, aprender a estar mais tempo com atenção na manta, aprender a falar sobre diversos assuntos, aprender a cooperar..., aprender várias competências sociais, entre outras, que serão a base da escrita e da leitura. Tento sempre fazer jogos com palavras, para que eles percebam o que está por detrás da linguagem, para que eles percebam o que é uma letra, o que é uma palavra, uma que é uma frase, as diferenças entre estas coisas, jogos por exemplo, masculino-feminino, de sílabas, de diversos temas relacionados com a linguagem. Tento sempre arranjar também, um livro, onde eles tenham 1 hora para despender com isso, para se irem habituando ao trabalho que vão fazer durante muito tempo e depois quando forem para a</p>	<p>“Existe, é assim, os alunos de 4º ano, já têm aulas, digamos, com professores que vêm do 2º ciclo, este grupo de saiu teve as ciências experimentais, mas também têm programação. A partir de agora, os alunos só vão ter a programação, ou seja, já há contacto com um professor do 2º ciclo.</p> <p>Por outro lado, há uma atividade sempre, que tem a ver com os laboratórios que é no 3º período no agrupamento, em que os alunos do 4º ano são convidados a deslocar-se ao agrupamento e ver e fazer experiências, ter atividades, visitam a escola, portanto percorrem a escola.” <b>Professora 2</b></p>
--	--	---	--

		<p>escola não sentirem uma grande diferença entre um contexto muito informal e um contexto formal de estar sentado muitas horas seguidas e ter um intervalo. E procuro também que saibam responder a um pedido de um exercício qualquer e que isso não seja complicado para eles. Que saibam cuidar do livro, que saibam cuidar das canetas, que saibam cuidar da apresentação dos trabalhos e que tenham gosto nisso, em conseguir fazer bem e penso que é o mais importante. Depois no final do ano procuramos também fazer uma visita a uma escola primária, normalmente é a que está aqui mais perto, para podermos ir a pé e pedimos a colaboração das professoras para mostrarem um bocadinho o que é que se faz na escola primária, e para as crianças conhecerem aquele ambiente de escola.” <b>Educadora 2</b></p>		
<p><b>Bloco D</b> <b>Participação da família com a escola na</b></p>	<p><b>1. Existe cooperação entre pais e educadores para a preparação da adaptação no pré-escolar, antes do</b></p>	<p>“(…) Normalmente vêm com as crianças para elas conhecerem as outras crianças que estão integradas nessa sala, para conhecerem os adultos que estão nessa sala, a educadora e a ajudante de ação educativa, e no fundo, todo o espaço que essa criança vai</p>	<p><b>1. Existe cooperação entre pais e professores para a preparação da adaptação no 1.º Ciclo do Ensino</b></p>	<p>“Não, o que é feito é a reunião prévia, mas acontece no dia em que eles vêm, portanto, os pais vêm e enquanto os pais estão comigo, a dar as informações, (...) Enquanto eu estou a reunir com os pais as crianças estão a desenvolver atividades de</p>

<p><b>adaptação da criança</b></p>	<p><b>início do ano letivo? (No caso de existir), de que maneira?</b></p>	<p>começar a frequentar, normalmente é-lhes mostrado, para desta maneira conseguirem, como eu digo, se sentirem mais seguras e saberem o que é que lhes espera.” <b>Educadora 1</b></p> <p>“É só quando é a primeira vez, nos restantes não há necessidade, porque o dia a dia da criança, vai sendo conversado, todos os dias, no acolhimento no final da tarde, com os pais, as novidades, o que vai acontecer, nada é assim novidade. Se for a primeira vez é necessário existir um diálogo com os pais, mais no sentido de promover uma cooperação de contar como correram os dias, as noites, para podermos planear o mesmo tipo de atitudes perante a criança.” <b>Educadora 2</b></p>	<p><b>Básico, antes do início do ano letivo? (No caso de existir), de que maneira?</b></p>	<p>reconhecimento do espaço e para se adaptarem a todos os locais e para eles se sentirem familiarizados com a escola, com o espaço que é bastante diferente do jardim.” <b>Professora 1</b></p> <p>“Não, é só quando começa. Antes do início do ano letivo não. É assim, nós por exemplo vamos falando aos pais, sobre as nossas preocupações, tentamos explicar que a escola é muito diferente, que eles têm de ter outra postura, pronto, vamos dando estas indicações, mas não aquela reunião, digamos formal para que os pais saibam como é que vão agir, quando eles transitam.” <b>Professora 2</b></p>
	<p><b>2. Quando a criança entra no pré-escolar pela primeira vez, o educador questiona os pais se existiu uma preparação de adaptação das</b></p>	<p>“Sim, na nossa entrevista isso é equacionado, porque é assim, há criança que vêm de avós, há crianças que vêm de casa e há crianças que vêm de outras instituições, por isso nós tentamos saber exatamente de que contexto é que ela vem, (...) porque para nós é muito importante, a maneira como</p>	<p><b>2. Quando a criança entra no 1.º Ciclo do Ensino Básico pela primeira vez, o professor questiona os pais se existiu uma preparação de</b></p>	<p>“Alguns pais sim, têm essa preocupação, mas muitas vezes eles acham que estão a ajudar e no fim não estão. Quando os meninos já trazem conhecimentos prévios, desinteressam-se, <i>“eu já sei isto, não preciso de estar atento”</i> (esse é um dos motivos). <b>Professora 1</b></p>

	<p><b>crianças? (No caso de não existir), há algum acompanhamento especial a fazer a essa criança?</b></p>	<p>eles enfrentam esta primeira etapa, é diferente.” <b>Educadora 1</b></p> <p>“Sim é questionado. No caso de não existir, tentamos nós mostrar, mal a criança entre, o que é que é uma rotina de um jardim de infância, o que é que se faz no jardim de infância, e vamos ao longo do tempo mostrando sempre como se deve agir, como não se deve, questioná-los sobre este tipo de questões para ele próprio também chegar a conclusões, do que pode e não pode acontecer, o que é melhor para ele e para o grupo.” <b>Educadora 2</b></p>	<p><b>adaptação da criança? (No caso de não existir), há algum acompanhamento especial a fazer a essa criança?</b></p>	<p>“É assim, nós falamos com os pais e nesta fase os pais estão muito preocupados, portanto aquele primeiro dia, é o pânico dos pais, (...) a nível da problemática saúde ou familiar, não aquela coisa de “Professora será que ele está bem?”, mais aqueles pais em que os filhos não tiveram jardim de infância. Aí é que esses pais vêm muito ansiosos, porque ou faltaram muito ao jardim de infância (...) mas depois há essa preocupação e depois arrependem-se do menino não ter frequentado mais o jardim de infância. (...)” <b>Professora 2</b></p>
<p><b>Bloco E Validação</b></p>	<p><b>3. Ficou alguma coisa por dizer, que queira acrescentar?</b></p>	<p>“Esta fase de adaptação é uma fase de angústia para os pais. Há pais que enfrentam esta angústia e esta ansiedade de maneira diferente, e muitas vezes se conseguimos falar de tudo o que é relacionado com a crianças, antes de ela entrar, através desta entrevista e de mostrar o espaço aos pais e à própria criança, eles acabam por se sentir mais seguros e mais tranquilos. Claro que nas primeiras semanas, meses, à um trabalho que é feito de tranquilizar os pais de maneira a que eles se sintam bem, porque se os pais</p>		

		<p>se sentirem bem, também vão mostrar isto à criança e tentamos sensibilizar os pais para que não demonstrem tanta ansiedade, tanto nervosismo para que a criança também não perceba, da parte deles esta insegurança,(...) Penso que também, muito do trabalho da adaptação da criança, também passa pela adaptação dos pais e da família, e quanto mais depressa eles conseguirem pensar e trabalhar e tranquilizar-se mais depressa, pois os filhos também ficarão mais tranquilos e mais seguros.”</p> <p><b>Educadora 1</b></p> <p>“Sobre adaptação eu acho que o essencial mesmo é assim, as crianças vão, seja para a creche, seja para o jardim, seja para onde for, vão para um mundo novo, mesmo que venham já de um anterior. E o que gostamos nós adultos quando chegamos a um mundo novo? Gostamos de ter alguém que nos acolha com muito boa disposição e nos mostre tudo o que ali se passa, e no fundo é o que as crianças também querem. Querem isso e depois também querem outra coisa, como são mais pequenos, o bem-estar deles, também</p>	
--	--	--	--

		<p>tem sempre a ver, na minha opinião, com uma parte emocional, então eles querem sentir-se um bocadinho amados, querem sentir-se bem-vindos naquela realidade e a adaptação é esse período em que se criam laços com as crianças.” <b>Educadora 2</b></p>	
	<p><b>3.1. Por vezes, torna-se mais complicado, se os pais demonstram à criança o receio de as deixar cá.</b></p>	<p>“Sim, isso é problemático. Eu, aliás, às vezes tenho alguns pais que são mais difíceis que os filhos nas adaptações. (...). Eu normalmente faço, peço aos pais “se está muito ansioso fique aí há espreita, se quiser, mas nunca se mostre, também se tem medo, se tem receio de o deixar porque não nos conhece, nem conhece a realidade, nunca mostre isso à criança”. Porque eles estão muito atentos e estão a ver qual é o sentimento que os pais lhes estão a passar e o sentimento que têm de passar é sempre, um sentimento que eles vão para uma situação onde vão ter experiências novas, ter amiguinhos novos, não vão ter problemas e isto, às vezes, não é passado por alguns pais. (...) Na realidade, eles também estão a fazer a adaptação e nós também estamos a fazer a adaptação aquelas relações novas, mas quando são as</p>	

		<p>crianças a ver este tipo de sentimentos não corre bem, tem de se mostrar sempre uma atitude muito tranquila, que estão seguros de que este é o melhor sítio para eles (...) Num primeiro dia, às vezes, justifica-se os pais ficarem cá, porque os próprios pais estão muito ansiosos, mas depois se eles não forem embora, isto torna-se caótico, porque eles ao pé dos pais têm outro tipo de relação e depois ali eles vão manter aquela relação, se eles não se afastarem, é difícil, mas consegue-se, com boa vontade e sem os enganar (...) o bom senso e a cooperação das duas partes, da família e da escola, para tentar arranjar as soluções que possam fazer com que a criança fique melhor, e a cooperação no sentido de ir fazendo uma avaliação diariamente sobre quais estão a ser as dificuldades da criança e educadora e pais tentarem arranjar estratégias para as ultrapassar, para que eles fiquem bem e não tenham dificuldades.” <b>Educadora 2</b></p>	
--	--	---	--